

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO –  
PUC-SP**

**OTAVIANO DE OLIVEIRA FILHO**

**SERTÃO E SERTANEJOS:  
ANTINOMIAS NARRADAS ENTRE O PENSADO NO BRASIL E O  
VIVIDO NO NORTE DE MINAS GERAIS**

**DOUTORADO EM CIÊNCIAS SOCIAIS**

**SÃO PAULO  
2018**

**OTAVIANO DE OLIVEIRA FILHO**

**SERTÃO E SERTANEJOS:  
ANTINOMIAS NARRADAS ENTRE O PENSADO NO BRASIL E O  
VIVIDO NO NORTE DE MINAS GERAIS**

**DOUTORADO EM CIÊNCIAS SOCIAIS**

Tese apresentada ao Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências Sociais – PEPG, da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP), como parte dos requisitos parciais para obtenção do Título de Doutor em Ciências Sociais (Antropologia).  
Orientadora: Profª. Dra. Carmen Sylvia de Alvarenga Junqueira

**SÃO PAULO**

**2018**

**BANCA EXAMINADORA**

---

---

---

---

---

Para **Ana Laura Souza de Oliveira**, minha filha, Dádiva de Deus!  
Enfrentar esse desafio só foi possível porque eu tinha você como minha  
maior inspiração e motivação para viver e lutar.

À **CAPES** – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pesquisa de Ensino Superior, pela concessão de bolsa parcial que otimizou o desenvolvimento deste trabalho.

## AGRADECIMENTOS

Ao cursar o doutorado, tive que me deslocar semanalmente a São Paulo e perfazia um total de 32 horas de viagem de ônibus (Janaúba-São Paulo-Janaúba – 2.000 km ida e volta), realizar inúmeras atividades, escrever vários artigos, participar de congressos (nacionais e internacionais) e, principalmente, desenvolver uma tese, não foi algo que fiz sozinho. Nessa longa caminhada, muitas pessoas estiveram presentes, ensinaram-me, apoiaram nos momentos de angústia e entenderam a minha ausência em vários momentos. Logo, tenho muito a agradecer.

**Agradecimento Magno:** A Deus, por ter me permitido superar obstáculos e dificuldades e concluir com êxito este doutorado.

**Agradecimento de Honra 1:** À memória dos meus saudosos pais **Otaviano Batista de Oliveira** e **Rosina Rodrigues de Oliveira** que me deram a vida.

**Agradecimento de Honra 2:** À memória de **Hilda Batista de Oliveira**, minha tia, que me pegou para criar com a tenra idade de um ano, lá no Brejo do Amparo (Januária): por tudo que ela fez na minha vida – a minha singela homenagem pelos 100 anos que viveu entre nós – Foi uma Grande Bênção de Deus em minha vida! A saudade é presente.

**Agradecimento de Honra 3:** À memória do **Padre Henrique Munaiz Puig – S.J**, pelo incentivo e pelo exemplo de competência e perseverança não apenas no campo religioso, mas também frente às adversidades da vida.

**Agradecimento Muito Especial:** À **Profa. Dra. Carmen Sylvia de Alvarenga Junqueira (minha orientadora)** – Pela orientação competente, pelo auxílio intelectual preciso e por seu constante incentivo à autonomia crítica e reflexiva, além da confiança e disposição amigável concedida a esse seu “eterno” aprendiz. Obrigado pela amizade, pelas leituras tantas vezes realizadas, pela paciência e pela revisão criteriosa da minha tese, pelo carinho a mim dedicado, mais que orientadora, “cúmplice”.

### **Dedicatórias Especiais:**

Tenho que agradecer aos professores que fizeram parte da Banca de Qualificação, o professor **Dr. Edmilson Felipe da Silva** e a professora **Dra. Lúcia Helena Vitalli Rangel**. Muito obrigado pelas valiosas contribuições prestadas durante a banca de qualificação, com

certeza, indicaram as “veredas” e as “margens” – as sugestões e os caminhos possíveis para o desenvolvimento e concretização deste trabalho.

Sou grato também a todos os professores do Doutorado, aprendi muito com vocês. Se eu fosse listar todos os nomes, estaria estendendo demais os agradecimentos, mas não poderia deixar de mencionar o **prof. Dr. Edgard de Assis Carvalho**, pessoa incrível, crítico, firme em suas ponderações, mas de coração e sabedoria inigualáveis. O **prof. Dr. Luiz Eduardo W. Wanderley**, exemplo de docente, apoiador e incentivador. A minha gratidão também à profa. **Dra. Maria Celeste Mira**, pelo seu vasto conhecimento em Antropologia, sua humildade e atenção a mim dispensada.

Também agradeço, no âmbito da PUC/SP, à **Kátia Cristina da Silva – Secretaria da Pós**, pela sua alegria, simpatia e carisma, além dos valiosos auxílios e inúmeros favores que tão gentilmente me dispensou (orientação das linhas do metrô e de ônibus, recebimento de trabalhos, indicação de local bom e barato para almoçar...).

Esta tese não seria a mesma sem os ensinamentos do professor **Dr. João Batista de Almeida Costa** – agradeço-lhe pelos inúmeros apontamentos e sugestões decisivas para o projeto de pesquisa e o longo desdobramento da escrita da tese.

#### **Nomes Inesquecíveis no decorrer da pesquisa:**

Realizei todo o doutorado ao mesmo tempo em que precisava trabalhar. Conciliar estudos, o trabalho, atenção à minha filha na sua tenra idade e a meus irmãos, fez-me sentir um malabarista tendo que manter todos os malabares no ar ao mesmo tempo. Estive ausente do meu ambiente de trabalho na Faculdade Vale do Gorutuba (FAVAG). Nesse sentido, rendo à FAVAG por ter me apoiado e incentivado a realizar essa empreitada. São muitas pessoas dentro da FAVAG pelas quais tenho gratidão, mas em especial à Direção Geral da Faculdade Vale do Gorutuba (FAVAG), na pessoa do **Prof. Vanilson Almeida Nascimento** e do Sr. **Davi de Souza Sá** (empresário e proprietário da FAVAG), pelo apoio material incontestável. Agradeço ainda o apoio de **Laurite Antunes de Oliveira** e **Delmário Baleiro**, sem os quais não seria possível fazer o traslado de Janaúba a São Paulo semanalmente, durante um ano e meio.

Só relembrando que, alguns meses antes de ser aprovado e de ingressar-me no doutorado da PUC/SP (2014), aconteceu algo muito providencial em minha vida, o meu currículo havia sido selecionado na Coordenadoria de Inclusão e Mobilização Sociais (CIMOS/MPMG), graças

ao incentivo pessoal de **Dra. Vanessa do Carmo Diniz** e de seu esposo, Sr. **Sérgio Henrique Coelho**, além do aval do **Dr. Paulo César Vicente de Lima**, então coordenador da Cimos - onde trabalhei por dois anos com projetos sociais dentro do Ministério Público. A contribuição de vocês três foi muito relevante para a minha vida profissional e humana.

Também agradeço à força e ao afago de todos os que estiveram presentes – mesmo que não fisicamente – antes, durante e ao final dos estudos. Foi e continua sendo um prazer compartilhar no espaço e no tempo essa existência com todos vocês, especialmente: **Vera Lúcia Durães Figueiredo, Marcos Paulo Oliveira de Jesus, Anne Karoene Silva Faria, Luciney Sebastião da Silva, Janine Moraes, Simone Lopes Machado, RozMery Teles, Cleudenir Mendes Ferraz, Edson Pires da Fonseca, Ellen de Cássia Parrella** e a todos que colaboraram em contextos e encontros distintos com sugestões e estímulo para o presente trabalho.

A **Luiz Gonzaga Quintino Evangelista**, pelo trabalho de organização estrutural desta tese. Por sua grata amizade e generosa colaboração, também constituintes deste trabalho.

A **todos os Povos do Sertão Norte de Minas Gerais**: sertanejos, vazanteiros, quilombolas, indígenas, catingueiros, chapadeiros, campineiros, geraizeiros e as distintas comunidades tradicionais - o meu singelo reconhecimento dos seus saberes, fazer, lutas e resistências.

Sou muito grato aos meus parceiros de pesquisa da cidade de Matias Cardoso, sem os quais não teria compreendido o olhar dos nativos, a saber, **seu Chico (Francisco** - que faleceu poucos meses depois que o entrevistei), o **Seu Jerônimo e Seu Pedro**, que contribuíram imensamente neste trabalho.

Agradeço ao aluno e amigo **Geraldino Primo**, que se disponibilizou a percorrer de carro comigo várias cidades do norte de Minas para a produção das fotografias da região anexas nesta tese.

Agradeço **aos meus treze irmãos**, sobrinhos, cunhados e cunhadas, que suportaram as minhas ausências e presenças, por vezes efusivas, por outras angustiadas, e que se mostraram uma sólida ponte na qual pude transitar temas e vivências.

Agradeço a tantas mãos, tantos ombros, tantas cabeças e tantos corações. Por isso agradeço, finalmente, a todas e a todos que emprestaram, doaram e partilharam um pouco de si para que eu conseguisse concretizar esta tese. O meu muito obrigado!

## **RESUMO**

Esta tese procura contrapor as categorias “sertão” e “sertanejo” a partir dos conteúdos construídos entre o pensamento social brasileiro e as vivências de norte mineiros. Partindo do pressuposto de que essas categorias constituem um lastro semântico complexo que evidencia uma matéria histórico-social atravessada por lugares de enunciação diversos, proponho o enfrentamento deste tema a partir do seu invólucro narrativo, considerando-o como resultante, também, de uma construção discursiva que é parte significativa, estratégica, das narrativas da nação brasileira que se configuraram precisamente a partir de fins do século XVIII. A delimitação de um território – o sertão norte mineiro – e a consequente classificação do seu habitante – o sertanejo – dá-se aqui a partir da racionalização de uma gama de textos verbais acessados durante o processo de pesquisa numa vertente e outra da enunciação sobre o sertão e o sertanejo que constrói o Brasil ou o vivido localmente. Se, por um lado, tais categorias são estruturantes do pensamento social brasileiro e apreensível em seus conteúdos em relatos de viajantes europeus, textos historiográficos, memorialísticos e acadêmicos, crônicas, ensaios, canções populares etc., por outro lado, considero que os norte mineiros disseminam conteúdos que, às vezes, replicam o pensado e, também, pelas interpretações construídas tendo o vivido como o alicerce para pensar o mundo em que vivem. A narrativa sertaneja, em seus vários formatos e suportes, que tem sido fonte recorrente de pesquisa sistemática nas últimas quatro décadas, é tomada aqui a partir de uma perspectiva relacional, como contraparte da experiência histórica do experienciado pelos viventes em suas comunidades dispersas pelo chamado grande sertão mineiro.

**PALAVRAS-CHAVE:** Sertão, Sertanejo, Narrativas antinômicas, Norte de Minas.

## **ABSTRACT**

This thesis tries to contrast the categories "sertão" and "sertanejo" from the contents constructed between the Brazilian social thought and the experiences of northern miners. Starting from the assumption that these categories constitute a complex semantic ballast that evidences a historical-social matter crossed by diverse places of enunciation, I propose the confrontation of this theme from its narrative envelope, considering it as also resulting from a discursive construction which is a significant, strategic part of the narratives of the Brazilian nation that took shape precisely at the end of the eighteenth century. The delimitation of a territory - the northern sertão of Minas Gerais - and the consequent classification of its inhabitant - the sertanejo - occurs here from the rationalization of a range of verbal texts accessed during the research process in one part and another of the enunciation on the sertão and the sertão that builds Brazil or lived locally. If, on the one hand, these categories are structuring of Brazilian social thought and apprehensible in its contents in reports of European travelers, historiographical, memorialistic and academic texts, chronicles, essays, popular songs, etc., on the other hand, I consider that the northern miners disseminate content that, at times, replicates the thought and also the constructed interpretations having lived as the foundation to think the world in which they live. The sertaneja narrative, in its various formats and supports, which has been a recurrent source of systematic research in the last four decades, is taken here from a relational perspective, as a counterpart of the historical experience experienced by the living in their communities dispersed by the great call backwoods.

**KEY-WORDS:** Sertão, Sertanejo, Antinomic Narratives, Northern Minas Gerais.

## RESUMÉ

Cette thèse tente de mettre en contraste les catégories "sertão" et "sertanejo" des contenus construits entre la pensée sociale brésilienne et les expériences des mineurs du nord. Partant de l'hypothèse que ces catégories constituent un ballast sémantique complexe mettant en évidence une matière historico-sociale traversée par divers lieux d'énonciation. Je propose attaquer à ce problème de son enveloppe narrative, considérant comme conséquence aussi d'une construction discursive qui est une partie importante, stratégique, des récits de la nation brésilienne qui se forme précisément de la fin du XVIII<sup>e</sup> siècle. La délimitation d'un territoire - l'exploitation minière outback au nord - et la classification conséquente de ses habitants - l'arrière-pays - est donnée ici de la rationalisation d'une série de textes verbaux accessibles au cours du processus de recherche dans un hangar et une autre l'énoncé du sertão et le sertão qui construit le Brésil ou a vécu localement. D'une part, ces catégories structurent la pensée sociale brésilienne et saisirent dans leur contenu dans les rapports des voyageurs européens, des textes historiographiques, mémoires et universitaires, des chroniques, des essais, des chansons folkloriques, etc. D'autre part, je considère que les mineurs du Nord diffuser des contenus qui reproduisent parfois la pensée et par les interprétations construites ayant vécu comme base de réflexion sur le monde dans lequel ils vivent. Le récit de l'arrière-pays, dans ses différents formats et médias, qui a été une source récurrente de recherche systématique au cours des quatre dernières décennies, est prise ici dans une perspective relationnelle, comme une contrepartie de l'expérience historique vécue par les vivants dans leurs communautés dispersées par le soi-disant grand Sertão de Minas Gerais.

**MOTS CLÉS:** Sertão, Sertanejo, Récits antinomiques, Northern Minas.

## **RESUMEN**

Esta tesis busca contraponer las categorías "sertão" y "sertanejo" a partir de los contenidos construidos entre el pensamiento social brasileño y las vivencias del norte, los mineros. Partiendo del supuesto de que esas categorías constituyen un lastre semántico complejo que evidencia una materia histórico-social atravesada por lugares de enunciación diversos. Propongo el enfrentamiento de este tema a partir de su envoltorio narrativo, considerándolo como resultante, también, de una construcción discursiva que es parte significativa, estratégica, de las narrativas de la nación brasileña que se configuraron precisamente a partir de fines del siglo XVIII. La delimitación de un territorio -el sertão norte minero - y la consiguiente clasificación de su habitante -el sertanejo- se da aquí a partir de la racionalización de una gama de textos verbales accedidos durante el proceso de investigación en una vertiente y otra de la enunciación sobre el terreno el “sertón y el sertanejo” que construye Brasil o lo vivido localmente. Si, por un lado, tales categorías son estructurantes del pensamiento social brasileño y aprehensibles en sus contenidos en relatos de viajeros europeos, textos historiográficos, de memorias y académicos, crónicas, ensayos, canciones populares, etc. Por otro lado, considero que los nortemineros diseminan contenidos que a veces replican lo pensado y, también, por las interpretaciones construidas teniendo lo vivido como el fundamento para pensar el mundo en que viven. La narrativa “sertaneja”, en sus diversos formatos y soportes, que ha sido fuente recurrente de investigación sistemática en las últimas cuatro décadas, es tomada aquí desde una perspectiva relacional, como contraparte de la experiencia histórica de lo experimentado por los habitantes en sus comunidades dispersas por el llamado grande “sertão minero”.

**PALABRAS-CLAVE:** Sertão, Sertanejo, Narrativas antinómicas, Norte de Minas.

## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 1</b> - Procissão do Encontro - Semana Santa em Grão Mogol/norte de Minas Gerais .	105
<b>Figura 2</b> - Vida pacata da cidade de Grão Mogol/norte de Mina Gerais .....	106
<b>Figura 3</b> - Igreja Matriz de Santo Antônio em Grão de Mogol/norte de Minas Gerais .....	107
<b>Figura 4</b> – Ponte rústica sobre o rio de Serra das Araras/norte de Minas Gerias .....	108
<b>Figura 5</b> - Lavadeiras do rio de Serra das Araras/norte de Minas Gerais.....	109
<b>Figura 6</b> - Calliandra Harrisii - considerada a "rainha do sertão" - norte de Minas Gerais...	110
<b>Figura 7</b> - Caminhão de carvão transitando por estrada vicinal do município de Chapada Gaúcha/norte de Minas Gerais .....	110
<b>Figura 8</b> - Estação de ferro abandonada do município de Capitão Enéas/norte de Minas Gerais .....	111
<b>Figura 9</b> - Estrada de Rodagem – Interior do município de Josenópolis/norte de Minas Gerais .....	111
<b>Figura 10</b> - Mosaico de pinturas rupestres do Parque Nacional do Peruaçú - Município de Itacarambi .....	112
<b>Figura 11</b> - Matriz de Santo Antônio em Matias Cardoso - 1 <sup>a</sup> Igreja do Estado de Minas Gerais .....	113
<b>Figura 12</b> - Cemitério antigo da cidade de Matias Cardoso .....	113
<b>Figura 13</b> - Vida pacata em Matias Cardoso .....	114
<b>Figura 14</b> - Seu Jerônimo Barbosa .....	114
<b>Figura 15</b> - Mercado Municipal de Porteirinha/norte de Minas Gerais .....	115
<b>Figura 16</b> - Dia de Feira em Monte Azul .....	117
<b>Figura 17</b> - Tocando a boiada em plena seca no sertão norte Mineiro .....	117
<b>Figura 18</b> - Tradição e Modernidade .....	118
<b>Figura 19</b> - Ruinas de um tempo - Município de Monte Azul .....	118
<b>Figura 20</b> - A seca prolongada no norte Mineiro .....	119
<b>Figura 21</b> - Caminhos dos antigos tropeiros .....	119

<b>Figura 22</b> - Transporte pau-de-arara - moradores da zona rural de Monte Azul.....	120
<b>Figura 23</b> - Ruina de um tempo - Fazenda abandonada - município de Monte Azul.....	120
<b>Figura 24</b> - Antiga moeda de engenho de fazenda abandonada - município de Monte Azul	121
<b>Figura 25</b> - Pé de umbuzeiro - símbolo do sertão norte Mineiro. ....	121
<b>Figura 26</b> - Serra do município de Monte Azul.....	122
<b>Figura 27</b> - Antiga máquina de ralar mandioca .....	122
<b>Figura 28</b> - Casa de adobe abandonada - município de Monte Azul.....	123
<b>Figura 29</b> - Antigos carros de boi - município de Monte Azul .....	123
<b>Figura 30</b> - Matando porco caipira para o sustento da família - município de Monte Azul .	124
<b>Figura 31</b> - Tacho de cobre fritando toucinho de porco .....	124
<b>Figura 32</b> - Capa do Livro - Efemérides Montesclarenses .....	125
<b>Figura 33</b> - Capa Livro - Monte Claro sua história sua gente seus costumes .....	126
<b>Figura 34</b> - Capa do Livro - Serões Montesclarenses .....	127
<b>Figura 35</b> - Capa do Livro - Monografia Histórico - Corográfica de Monte Claros .....	128
<b>Figura 36</b> - Capa do Livro - Navegantes da Integração Os remeiro do Rio São Francisco ..	129
<b>Figura 37</b> - Capa do Livro - ABC do Rio São Francisco .....	130
<b>Figura 38</b> - Capa do Livro - As Barranqueiras da São Francisco.....	131
<b>Figura 39</b> - Capa do Livro - Momentos.....	132
<b>Figura 40</b> - Capa do Livro - Na Venda do Meu Pai .....	133
<b>Figura 41</b> - Capa do Livro - Dicionário Catrumano .....	134
<b>Figura 42</b> - Capa do Livro - Vocabulário Regional de Coração de Jesus .....	135
<b>Figura 43</b> - Capa do Livro - Sabença e Crenças no Norte de Minas .....	135
<b>Figura 44</b> - Capa do Livro - Lirica e Humor do Sertão .....	136
<b>Figura 45</b> - Capa do Livro - Catrumano .....	137
<b>Figura 46</b> - Capa do Livro - Rua do Vai Quem Quer .....	138
<b>Figura 47</b> - Capa do Livro - Janela do Sobrado .....	139

<b>Figura 48</b> - Capa do Livro - No Meu Rio Tem Mãe D'água .....	140
<b>Figura 49</b> - Capa do Livro - Quarenta Anos de Sertão.....	141
<b>Figura 50</b> - Capa do Livro - Migo .....	142
<b>Figura 51</b> - Capa do Livro -O Sertão Norte-Mineiro .....	143
<b>Figura 52</b> - Capa do Livro - Folclore: Teoria e Método.....	144
<b>Figura 53</b> - Capa Coletânea - Grupo Agreste .....	145
<b>Figura 54</b> - Elcio Lucas - Vago Universo.....	145
<b>Figura 55</b> - Capa Coletânea - Grupo Raízes .....	146
<b>Figura 56</b> - Maria y Boavista - Sertão Geraes .....	146
<b>Figura 57</b> - Zé Côco Do Riachão "Vôo das garças" .....	147
<b>Figura 58</b> - Maia y Boavistas – Catrumano “Homenagem a Charles Boavista” .....	147
<b>Figura 59</b> - Téo Azevedo - Cantador de Alto Belo - Estado São Francisco.....	148

## SUMÁRIO

<b>PRÓLOGO.....</b>	<b>15</b>
<b>CAPÍTULO I .....</b>	<b>20</b>
<b>HISTÓRIA E NARRATIVA: OS SERTANEJOS NORTE MINEIROS ... 20</b>	
<b>O sertão dos intelectuais nativos.....</b>	<b>22</b>
<b>O sertão dos memorialistas norte mineiros .....</b>	<b>25</b>
<b>O sertão cantado nas narrativas musicais norte mineiras .....</b>	<b>32</b>
<b>Um objeto, muitas interpretações.....</b>	<b>36</b>
<b>A razão do olhar sobre o sertão .....</b>	<b>43</b>
<b>Os conteúdos do signo sertão .....</b>	<b>52</b>
<b>Os sertões na visão dos europeus .....</b>	<b>54</b>
<b>CAPÍTULO II.....</b>	<b>64</b>
<b>SERTÃO E CIÊNCIA: PERSPECTIVAS EM CONTRAPOSIÇÕES ..... 64</b>	
<b>Pensamento sobre o sertão .....</b>	<b>67</b>
<b>O sertão e a Coroa.....</b>	<b>69</b>
<b>O sertão de Guimarães Rosa.....</b>	<b>71</b>
<b>Sertão e modernidade .....</b>	<b>73</b>
<b>Geografia social do sertão .....</b>	<b>75</b>
<b>Primórdios do sertão norte mineiro .....</b>	<b>77</b>
<b>Colonização do sertão .....</b>	<b>79</b>
<b>CAPÍTULO III .....</b>	<b>81</b>
<b>OUTRO SERTÃO, OUTRO SERTANEJO DESDE AS MARGENS DA NAÇÃO ..... 81</b>	
<b>A cultura sertaneja .....</b>	<b>84</b>

Sertão e religião.....	85
Sociedade e imaginário .....	87
As Minas e os Gerais.....	90
Violência e cordialidade.....	92
<b>CONCLUSÃO .....</b>	<b>94</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>99</b>
<b>ANEXOS .....</b>	<b>105</b>

## PRÓLOGO

“Sertão” e “sertanejo” são duas categorias que se destacam na construção do pensamento sócio-político brasileiro do período colonial à atualidade. Não são unívocas, não comportam um significado único, fechado. Seu sentido varia de acordo com narrativas diversas, revelando sempre o interesse específico de quem narra. Levamos em conta, ao longo da pesquisa de que resultou este trabalho, duas das muitas narrativas sobre o sertão. A primeira é a dos viajantes europeus, que acabou por informar romances, ensaios, textos historiográficos, bem como estudos sistemáticos realizados no âmbito das Ciências Sociais. A segunda é a dos viventes do sertão, os sertanejos, membros das chamadas “comunidades sertanejas” que se encontram espalhados pelo interior do Brasil.

Tendo como foco o sertão norte mineiro, este trabalho procura identificar e racionalizar as antinomias constitutivas do universo cultural sertanejo, com especial interesse pela compreensão do que seria um pensamento sobre o sertão e do que seria uma experiência do sertão. A hipótese elementar da pesquisa é que há dois sertões: o do pensamento social brasileiro, uma realidade conceitual, e outro, o dos sertanejos, que aparece nas narrativas dos habitantes do próprio sertão, uma realidade vivencial. O primeiro, o sertão pensado, é um caso de escrita, de texto científico elaborado; o segundo, o sertão vivido, é um caso de oralidade. O acesso a esse segundo sertão se deu por duas vias, uma espacial e outra artística: o trabalho de campo no vale do São Francisco, notadamente no município de Matias Cardoso, e a racionalização de narrativas orais, de amplitude regional, textualizadas em livros e em canções veiculadas em suportes diversos, como CDs.

Marcada por um excesso retórico, a cultura letrada brasileira tende a conceber o espaço sertanejo, que é aquele que circunscreve o interior do país, como um lugar com múltiplas dimensões que contribuíram para estruturá-lo como uma “região mental”, tal como desenvolvido por Anderson (1989) em sua teorização sobre a nação como “comunidade imaginada”. Victor Leonardi (1996), Mireya Suarez (1998), Guimarães Rosa (1984) e Luiz Tarley de Aragão (2012) nos permitem pensar, respectivamente, na importância do sertão para se compreender o Brasil, num “sertão mítico”, num sertão ficcional e num “sertão real”. O signo “sertão” encontra-se envolto em toda uma dinâmica discursiva iniciada pelos viajantes europeus, que o veem como o lugar do atraso, mas dotado de potencial para o progresso do país, como se pode conferir em August De Saint-Hilaire (1975), James Wells (1995) e Richard

Burton (1977). O ponto mais problemático dessa dinâmica discursiva encontra-se, como se sabe, em Euclides da Cunha (2000).

Sentidos opostos sobre o sertão emergem do pensamento social e de narrativas orais, característica de toda uma tradição local norte mineira. A cultura oral revela-se estruturante dos dois polos da antinomia sertão X sertanejo. Pode-se falar numa sociedade regional que reproduz no Norte de Minas valores socioculturais característicos de toda a sociedade urbana que se desenvolveu no Brasil, e numa comunidade sertaneja norte mineira, com seus valores “tradicionais” cultivados por quilombolas barrankeiros, um grande contingente de sujeitos subalternos que encontramos em cidades, tais como, Janaúba, Januária e em Matias Cardoso onde desenvolvi conversações com diversos moradores, tomados aqui como intelectuais nativos. Nesses territórios, as narrativas sobre a condição humana dos sertanejos revelam-se estruturantes da culturalidade, com sentidos muito deslizantes, que demandam interpretação cuidadosa.

Construímos a interpretação das antinomias narrativas sobre o sertão ao longo de três capítulos.

O primeiro capítulo tem como propósito estabelecer um veio de análise outro, tanto quanto possível inovador, da identidade do povo sertanejo, qual seja, a humanidade. A estranheza a partir da qual esse povo é percebido, desde o início da ocupação do interior do país, tanto por viajantes europeus quanto por outros agentes do processo civilizatório construtor de uma diferença sempre assimetricamente considerada. A argumentação apoiada em dados etnográficos é reveladora de um modo de ser específico, singular. A humanidade sertaneja se constrói no espaço relacional em que a luta pela reprodução material, social, cultural e simbólica altera o seu habitat.

Ao contrário do que se dá nos espaços urbanos inaugurados e administrados segundo a ideologia do progresso preconizada pelo projeto iluminista, não se percebe uma desarmonia entre “*res cogitans*” (coisa pensante) e “*res extensa*” (coisa extensa), entre sujeito e objeto, no espaço sertanejo. Esta, por sua vez, é o que nos permite pensar na natureza como contraparte inalienável no processo de construção do sentido de humanidade do sertanejo norte mineiro. Ser humano, para o sertanejo, é estar relacionado ao seu território construído, ao sertão, que, por isso mesmo, é defendido de modo apaixonado pelo sertanejo por querer construir sua história pessoal e coletiva. Propomo-nos demonstrar a perspectiva nativa a partir das narrativas

construídas pelos sertanejos ao longo de sua experiência histórica, discursos que integram um grande acervo memorialístico da comunidade sertaneja norte mineira. Utilizaremos, ao longo da nossa argumentação, algumas narrativas textualizadas nesta tese que evidenciam uma humanidade configurada, no pensamento social brasileiro, como a alteridade englobada na narrativa da nação.

No segundo capítulo, realizamos a discussão proposta no primeiro capítulo, de modo a conectar a problemática visada com três etapas do processo civilizatório brasileiro, tal qual o interpretamos em clave metodológica ambivalente, levando em consideração elementos de ordem social, historiográfica e antropológica. O viés antropológico, como se verá, constitui o “*élan*” fundamental, digamos, da nossa abordagem e argumentação: compreender em que medida a particularidade humana dos sertanejos norte mineiros decorreria da sua “incivilização” pelo isolamento, pela sociabilidade vivenciada e pelo modo de vida, assinalados de modo pejorativo pelos Viajantes Europeus. Com efeito, os viajantes narram que os sertanejos se movimentam sempre sobre cavalos, com os quais se confundiriam, são figuras que se lhes apresentam como portadoras de quatro mãos, donde derivaria a referência aos sertanejos do norte de Minas Gerais como “catrumanos”.

Construímos a compreensão de que o modo de ser humano do sertanejo pode ser percebido como revelação de sua catrumanidade, no sentido positivo, de uma diferença que demarca sua identidade diferenciada da mineira a que se encontra, como alteridade, englobada. Tal questão, por outro lado, torna-se mais relevante como desenvolvemos nesta tese, à medida que temos em vista três horizontes processuais históricos: o Colonialismo, o Imperialismo e o Endocolonialismo. Argumentamos no sentido de que o deslocamento do sertanejo para as margens das identidades brasileira e mineira ocorre pelo rebaixamento e anulação com conflito entre projeto de nação e interior do país no Brasil, entre perspectiva das elites litorâneas e valores culturais da comunidade sertaneja norte mineira, no caso.

No terceiro capítulo, novamente trazemos à cena argumentativa as discussões apresentadas no primeiro e segundo capítulos em uma nova abordagem, a hermenêutica do sertão. Nosso interesse é, em primeiro lugar, acentuar o caráter problemático do objeto sertão numa longa tradição de estudos no âmbito das ciências sociais. Não procedemos a um levantamento exaustivo de autores, obras e tendências de abordagem desse objeto, uma vez que outros tantos pesquisadores já empreenderam essa tarefa. A leitura realizada focaliza e acentua, nessa tradição, um aspecto: a disparidade entre teorias sobre o sertão e o próprio sertão, entre o

que dizem textos diversos sobre o sertão e as narrativas dos sertanejos norte mineiros construídas a partir da vivência no espaço sertão.

Tais narrativas foram textualizadas a partir do contato ocorrido no trabalho de campo, a partir do encontro com viventes dessa comunidade. Procedemos ao cotejo entre o que se pode considerar um sertão virtual, resultante dos muitos discursos articulados a partir de horizontes diversos de conhecimento, e um sertão real. Com esse movimento de análise pretendemos enfatizar, na ordem epistemológica a afirmação, na linha de diversos pesquisadores, o lugar da Antropologia para a compreensão do sertão com a devida valorização do sujeito sertanejo, com respeito às suas narrativas. Evidenciamos que há uma perspectiva epistêmica do sujeito sertanejo sobre si mesmo, sobre o sertão, o tempo e espaço históricos que não foram tratados nos estudos empreendidos a partir de um viés apenas sociológico, econômico ou mesmo historiográfico e geográfico.

Racionalizo com sensibilidade a verdade do sujeito sertanejo. Trata-se de questão que emergiu ao longo da pesquisa e que se impôs à argumentação à medida que tensionamos a disparidade entre o que se diz sobre o sertanejo e o que o sertanejo diz sobre si mesmo. Essa problemática foi percebida a partir do encontro com o sujeito sertanejo em nossa pesquisa de campo, à medida que atravessamos o que corresponde a uma virtualidade produzida por discursos diversos sobre o sertanejo e mergulhamos nas narrativas de comunidades sertanejas no norte de Minas Gerais. Queremos, ao lidar com uma especulação de ordem ontológica, proceder à compreensão sobre a interioridade do sertanejo norte mineiro que entendemos como harmonizada com o sertão, coerente com a exterioridade circundante do sertanejo. Sertão e sertanejo no norte de Minas são dimensões de um mesmo real, mas não só: são dimensões indissociáveis e cuja cisão tem a possibilidade de colapsar a identidade sociocultural de toda uma comunidade, de se apagar todo um conjunto de valores morais, éticos, étnicos, sociais, religiosos e culturais que resistem à homogeneização perpetrada pela globalização.

Dialogando com autores como Ribeiro (1988) e Costa (1997), propomos o entendimento do ser do sertão em termos socioantropológicos, ou seja, como dimensão que se constrói na dinâmica social brasileira como um todo, mineira e norte mineira especialmente, não em abstrato. Nessa perspectiva, comprehendo a existência de um traço complicador que se evidencia no campo do simbólico, donde resulta o caráter resistente, a força da comunidade sertaneja, seu permanente enfrentamento de todos os processos de modernização investidos de interesse de homogeneização, de apagamento das diferenças.

Procuramos empreender dois movimentos de análise simultaneamente: primeiro, no sentido de arrematar a discussão que permeia todo o trabalho sobre a especificidade identitária da comunidade sertaneja norte mineira; e, segundo, no sentido de compreender a relação entre essa identidade e o projeto de desenvolvimento econômico instaurado no país a partir dos anos 1950, o chamado desenvolvimentismo de JK, que teve como sua principal consequência a criação da Superintendência de Desenvolvimento do Nordeste - SUDENE. Com efeito, preocupamo-nos, nesse capítulo, fundamentalmente, com a relação entre desenvolvimento e subjetividade, o impacto das políticas públicas de desenvolvimento sobre os indivíduos, donde resultam impasses diversos, sobretudo de ordem cultural.

Com base, principalmente, no que apreendemos no trabalho de campo, nas narrativas auscultadas – não apenas escutadas -, em tudo aquilo que percebemos a partir de dentro dos sertanejos norte mineiros, argumentamos no sentido de revelar a violência simbólica constitutiva das ações implementadas no escopo desenvolvimentista. Focalizo o Projeto Jaíba – projeto de irrigação que se tornou uma área de fruticultura. Tudo que esse projeto significa de degradação das tradições sertanejas, de corrosão dos seus valores culturais, de destruição de um modo de vida cultivado ao longo de séculos por indígenas e quilombolas, marcado pela relação harmônica, sustentável, entre sujeito e espaço. Nossa intenção foi colocar em relevo a narrativa dos próprios sertanejos sobre a história, contrapondo o seu saber haurido na vivência a toda uma tradição de estudos em que o sertanejo figura apenas como objeto, cuja fala não é levada em consideração.

## CAPÍTULO I

### HISTÓRIA E NARRATIVA: OS SERTANEJOS NORTE MINEIROS

A humanidade específica da comunidade sertaneja norte mineira tem sido elucidada, da metade do século XX para cá, por práticas literárias e artísticas diversas – musical, plástica, teatral, cinematográfica. Pode-se falar na existência nos Gerais de uma “comunidade interpretativa”, nos termos de Karl-Otto Appel (1985, p. 209-249), cuja particularidade transparece nas narrativas. A noção de “estratégias simbólicas”, proposta por Pierre Bourdieu (1984, p. 123), é nosso ponto de partida para refletirmos sobre a “representação de si” nessa região. Intelectuais atuantes no local representam a região de modo diverso daquele que representado por outros, não-sertanejos.

Tomo o trabalho de estratégias simbólicas do que aqui considero intelectuais locais, ou seja, alguns norte mineiros cuja expressividade de suas enunciações são disseminadas por áreas microrregionais ou mesmo por toda a região, alguns memorialistas que tornaram públicas suas narrativas sobre suas vivências norte mineiras, alguns compositores dessa região considerados significativos pelo alcance no norte de Minas e para além que suas músicas são consumidas e, por fim, alguns intelectuais acadêmicos que tomaram a ideia de sertão como base para a construção de suas monografias, dissertações e teses.

No primeiro grupo, intelectuais locais, desenvolvi uma longa conversação com cada um deles, apoiado no trabalho da memória ao ter acesso à narração livre sobre seu percurso de vida, para, em seguida, dialogar sobre a região, enquanto sertão, e sobre a compreensão que ele tem dele mesmo como sertanejo norte mineiro.

Apoio-me na perspectiva apontada por Ecléa Bosi (1994, p. 55), segundo a qual “lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar com imagens e ideias de hoje, as experiências do passado”, é o refazer o passado com o olhar e com as experiências do presente. O fato passado não é evocado na sua íntegra ou da forma pura como ocorreu, mas é reconstruído à luz do presente. Toda a conversação desenvolvida com intelectuais locais ocorreu em um

processo de envolvimento dos sujeitos considerando, também, os diálogos ocultos<sup>1</sup> que cada um dos participantes desenvolvia em si para dar eficácia às narrações enunciadas.

Os outros componentes da comunidade enunciadora de uma humanidade sertaneja no norte de Minas foram manuseados em seus discursos escritos, os memorialistas e os acadêmicos, ou cantados nas canções veiculadas em discos ou CDs. Os primeiros disseminam seus discursos regionalistas por meio de sociabilidade direta com as pessoas com as quais têm contato e cujo conteúdo é enunciado por seus dialogantes em suas rodas de conversa. E, em seguida, os discursos dos memorialistas, acadêmicos e compositores, por sua veiculação em livros e discos / CDs, têm um alcance na região e para além do norte de Minas.

Selecionei, em Matias Cardoso, alguns parceiros de conversação por considerar, apoiado em Costa (2003), que essa sociedade local se constitui como um dos lugares onde o espírito dos Gerais, ou os Gerais profundos, permanece vivo. Esse autor apoia-se no conceito “depth”<sup>2</sup> que pode ser traduzido como “profundidade” histórica e que designa uma região que só pode ser entendida em termos de sua herança do passado, atualizado como *ethos* e *eidos* contemporâneos, apesar das mudanças sociais, culturais, políticas e econômicas verificadas na sua trajetória histórica. Transposto para outros cenários sociais, a expressão aponta para a manutenção do caráter específico que uma sociedade vê como o relicário de sua alma, seu espírito.

As conversações ocorridas versaram sobre a concepção de sertão, humanidade sertaneja, compreensão do outro, imbricadas nas narrativas das trajetórias históricas de cada um dos dialogantes. Não apresento, nesta tese, as longas conversas que prazerosamente ocorreram, mas, tão somente, as interpretações que Francisco Cardoso<sup>3</sup>, Pedro Cristóvão Souza Lima<sup>4</sup> e

<sup>1</sup> CRAPANZANO, Vincent. “Diálogo”. IN: *Anuário Antropológico* 88. Brasília: Editora da UnB; Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1991, pp. 59-80.

<sup>2</sup> DAVIS, Allison e outros – *Deep South. A Social Anthropological Study of Caste and Class*. Chicago: Phoenix Books, 1969.

<sup>3</sup> Francisco Cardoso, 91 anos, é proprietário de uma pequena venda na principal praça da cidade, onde comercializa produtos industrializados e produtos agrícolas oriundos de sua roça e de outras pessoas que pagam seus débitos com os mesmos.

<sup>4</sup> Pedro Cristóvão Souza Lima é professor de matemática na Escola Estadual Dom Bosco existente na sede do município. Ele passou parte de sua vida fora do município trabalhando em atividades de construção civil.

Jerônimo Barbosa<sup>5</sup> enunciaram e que foram, por mim, textualizadas. Tomando as interpretações nativas como fatos etnográficos, considero com Mariza Peirano (1995)<sup>6</sup> que selecionei passagens ouvidas para a construção deste relato.

Sendo assim, apresento-as a partir de temáticas definidas por mim para a construção desta tese e não como relato exaustivo.

### **O sertão dos intelectuais nativos**

Na leitura construída pelos três intelectuais nativos, há consonância com as interpretações ocorrentes no pensamento social brasileiro, como discutido por Vidal e Souza (1997)<sup>7</sup>, de que há uma geografia pátria que cinde o Brasil em dois espaços opostos e distintos: *litoral e sertão*. Adentremos as suas concepções.

Uma primeira aproximação às interpretações do pensamento social brasileiro é feita por Francisco Cardoso, para quem “o sertão é lugar de mata bruta, terra abandonada. Lugar que não tem ninguém, abandonado sertão abandonado”. Ele, também considera que “o sertão é o lugar que não tem nenhum conhecimento, nenhum trânsito, nenhum recurso, não tem nada! É um lugar atrasado”. Para Pedro Cristóvão, “lugar ruim, parece um lugar menor, não tem a mesma condição geográfica, chuvas, uma coisa que parece meio isolado”. E, por fim, para Jerônimo Barbosa, “o sertão é um lugar deserto, não habitado e que precisa de um trabalho para ser colonizado”.

É, assim, enunciada pelos três dialogantes a visão consoante àquela do pensamento social brasileiro, sendo que Jerônimo Barbosa desliza sua leitura para aproximar à perspectiva da elite política brasileira, a de que a construção da nação requer “domesticar” o sertão incorporando-o à condição litorânea pela sua retirada do atraso em que se encontra historicamente situado.

Questionado se se considera sertanejo, o parceiro de conversação, Francisco Cardoso, afirma-se como tal porque considera que “sertão é para quem olha lá da capital e que tem sua

<sup>5</sup> Jerônimo Barbosa é aposentado atualmente, passou parte de sua vida em São Paulo tendo desenvolvido diversas atividades profissionais até retornar à cidade natal com alguns de seus filhos.

<sup>6</sup> PEIRANO, Mariza. *A favor da etnografia*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1995.

<sup>7</sup> VIDAL E SOUZA – A Pátria Geográfica. *Sertão e Litoral no Pensamento Social Brasileiro*. Goiânia: Editora UFG, 1997.

linguagem, e para quem nasce no sertão a linguagem é outra, o sistema é outro, a maneira de tratar é diferente". É possível afirmar que o dialogante está se referindo ao eidos (GEERTZ, 1989) como concepção de mundo que cada sociedade local possui e, neste caso, de uma forma genérica, às duas partes geográficas da nação brasileira. Jerônimo Barbosa afirma que "moro no sertão, aqui ainda somos sertanejos, pois falta, no mínimo, uns cinquenta por centro do que é necessário para uma área evoluir, por isto eu continuo dizendo que nós norte mineiros moramos no sertão".

Em *Grande Sertão: veredas* uma pergunta é feita por Riobaldo após afirmar que a "cidade acaba com o sertão. Acaba?" (GUIMARÃES ROSA, 1986: p.144). Essa é a aproximação possível entre o questionamento de Riobaldo e a interpretação de Jerônimo Barbosa. A construção da nação brasileira pressupõe estender por todos os rincões do país - seus sertões considerados com lugares atrasados, abandonados, brutos onde vive um povo forte, resistente, alegre em sua tristeza e carência -, a mesma condição vivida no litoral ou numa metonímia, urbanizar o campo e introduzir o *eidos* e o *ethos* da cidade.

Parto do pressuposto de que os conteúdos construídos no interior da categoria sertão e, derivando daí, sertanejo, contrapõe sertão à litoral, assim como contrapõe campo à cidade, dado possuírem os mesmos significados que se replicam. Há que salientar o processo de urbanização do campo, mas na perspectiva discutida aqui, ainda que as estruturas sociais e econômicas da sociedade capitalista estejam presentes no campo, há aí a permanência do modo de vida sertanejo, um outro sistema, uma outra linguagem, como interpretam os parceiros de conversação em Matias Cardoso. O projeto de nação, assim, é inconcluso? E a geografia pátria cindida em litoral e sertão? Essas são questões que perpassaram esta tese para serem enunciadas nas argumentações conclusivas.

**Qual a concepção de mundo que estes dialogantes compartilham?**

Pedro Cristóvão afirma que sertão é resistência, é forte, consegue dar luz, consegue, do seu jeito, iluminar, escandecer-se, viver. E o modo de vida para Francisco Cardoso é alicerçado na fazenda onde

o fazendeiro trabalhava com os agregados. Eu tinha uma roça, cada um tinha sua roça e o fazendeiro tinha a sua roça com um serviço {sic} enorme e a gente ia lá trabalhar. E, também, **o sertão é um lugar tranquilo**. A cidade não, nunca tive dom de morar em cidade. Fazer arranha-céu para ficar lá naquele mundo. Fazer o que moço? Olhar para baixo, os outros em baixo e eu ficar lá só? (**grifos nossos**)

Comparando a vida no sertão com a vida na cidade Jerônimo Barbosa afirma que

no sertão a vida é sempre sofrida, a vida tem muita dificuldade, mas tem umas vantagens: **um povo mais liberal, existe mais liberdade e mais confiança.** Na cidade, você mora ao lado de um vizinho e passa tempo sem vê-lo como se fosse um estranho que encontra na rua. Apesar de vizinho, vive sempre distante do outro. **E, no sertão, a gente conhece quase todo o pessoal, tem um nível de relacionamento, confia mais e dependendo do lugar é difícil um não ser parente de alguém. A maioria das famílias são assim. O sertão é melhor para viver.** (grifos nossos)

Em sua interpretação Pedro Cristóvão considera que:

**o sertão é um lugar em que o sertanejo tira da dor e das dificuldades um modo alegre.** A nossa forma de alegria é para facilitar a sobrevivência. A própria dificuldade leva o sertanejo a tornar-se alegre. **Aqui o humano parece um teimoso, resistente, que persiste e faz o sertão tornar-se um lugar mais alegre apesar das dificuldades, é um povo mais forte, pé no chão, mais aguerrido.** O sertanejo consegue ver, viver, fazer festa, divertir e sorrir. Assim, o sertanejo é um humano, acho assim: pé duro. Aquele que sobrevive teimosamente, a bravura. (grifos nossos)

Outra característica que Pedro Cristóvão considera importante no sertanejo que para ele

**É hospitaleiro**, convive com o outro, aceita o outro que é essa forma de saber que existem outros além de si e que **convive, aceita bem.** Quando falo hospitalidade é acolher a qualquer pessoa que chega. Aqui, o outro se sente valorizado. (grifos nossos)

E, para concluir esta seção, a interpretação crítica de Francisco Cardoso sobre o processo de modernização da sociedade brasileira. Para ele “a lei chegou e pôs o mundo em revelia. Acabou no sertão com o homem do mando, de coragem e de palavra. Essa lei vagabunda, uma lei esquisita, criada nas capitais”.

O termo revelia é um termo jurídico que expressa o estado ou qualidade de revel, ou seja, é alguém que não comparece em julgamento, também pode ser um sinônimo de rebeldia.

Assim, revelia é a inação do réu em face do pedido do autor. Em seu estudo sobre *o lugar do norte de Minas em Minas Gerais*, João Batista de Almeida Costa (2003) interpreta, ao ler o modo de vida em Matias Cardoso por seu *eidos*, que essa sociedade caracteriza-se de forma êmica por uma abertura para o outro que chega ou que passa e reafirmada por Pedro Cristóvão em sua discussão sobre a hospitalidade sertaneja. Em sendo assim, ao interpretar que a cidade colocou o sertão em revelia, Francisco Cardoso aponta para essa característica êmica do sertão, do acolhimento do outro que chega e que, na relação com este, adapta-se e aceita as mudanças vindas.

Entretanto, subalternamente, reconhece outra dimensão do termo revelia, na gramática cultural local, a inversão do mundo posto de ponta cabeça. O mundo sertão é então transfigurado pela cidade, ainda que resistam aspectos do *eidos* local na vivência do sertanejo que permanece como tal.

### **O sertão dos memorialistas norte mineiros**

O norte de Minas possui uma safra de intelectuais locais, com assento ou não em Academias locais de Letras, que construíram uma densa bibliografia que podemos classificar em três categorias, poetas, memorialistas narrando acontecimentos locais e ensaístas que tomam fatos historiográficos para construírem uma leitura regional e, também, folcloristas que textualizam aspectos do *eidos* regional.

A escolha dos escritores, que serão analisados a seguir, foi aleatória. Há, na biblioteca municipal de Montes Claros, um setor com dezenas de livros publicados por esses escritores e, sem ler nome ou título, fui retirando alguns, considerando as três categorias acima referidas. A apresentação de suas enunciações não será exaustiva, retirarei tão somente aquelas que informam suas considerações sobre o sertão e seu modo de vida, como feito na primeira seção dos dialogantes nativos.

Entre os poetas, selecionei o poema de um autor que utiliza, em homenagem a Catulo da Paixão Cearense, uma forma escrita do modo de falar das gentes do sertão e três poemas de um autor hodierno, Jurandir Barbosa (2011).

O primeiro poeta, Cândido Canela (1957), é contemporâneo de Cyro dos Anjos. Em *o grito do sertão*, Canela (1957) nos narra, em sua linguagem peculiar, a situação dos sertanejos em sua labuta para garantir a vida, bem como processo vigente na primeira metade do século XX quando as terras da região, em sua maioria devoluta e apossada sem titulação, foram expropriadas “às gentes miúdas” por fazendeiros com seus bandos de jagunços armados que ameaçavam a vida das famílias e muitas vezes estupravam as mulheres<sup>8</sup>nos tempos, categorizados pelas populações rurais, como “tempo da divisão” ou “tempo do agrimensor”.

**O sertanejo é chingado/ de molengo e priguiçoso/ marelo, fraco,  
ismirrado/ de duente e maletôso. / Sua carça de algudão, /toco de pano  
trançado/ serve de riso e dilica/ prosricos civilizados.**

---

<sup>8</sup> Para compreensão do violento processo de expropriação das terras sofrido pelas *gentes miúdas* vide Costa (1999).

**A faia de dente na boca,/ a barbicha, o amarelão,/** faz tiatro na cidade,/ nos parco de deversão. A figura do caboco,/nosso **gesto iscanelado,**/ arranca rizo e gargaio/ do povo civilizado.

Mais s'essa gente, patrão,/ matutasse mais um pouco, / podia vê, cum razão/ quanto vale esse cabôco./ É bronze de carne humana/ **largado nesse sertão,**/ morrendo à míngua, sem trato,/ de febre, de amarelão!...

É o sufrimento em pessoa, /qui nem as arve da serra, /debacho do sol e chuva, /co'ospé pregado na terra. / Aguenta as timiridades, /nas costa o sol de agosto, / moía a terra isturricada/ com o suor do próprio rosto!...

A grebinha onde nasceu/ (pedaço do coração), sumiu, apoios, qui nem étre/ na quadra das divisão. /Dicumentoagarantido,/ si adipuraro, patrão,/ nas unha dos grimensor,/ essas pragas do sertão!...

Mais o cabrareziste./ Sumi da dor e da fome,/ vence a curva dos tempo,/ guenta a injustiça dos home./ Temalmafra sem jaça,/ qui os sufrimento lhe dá./ Bebe nas fonte tranquila,/ doença de pedra!

Mais, porém, esse cabôco,/qui sofre e nunca maldiz,/ ispera calado e soturno/ seu dia santo e feliz./ A justiça, sei que é céga,/ porém surda, sei qui não./ E tarde ou cêdo ouvirá/ o grito do meu sertão!... (CANELA, 1957: p. 48-50 - grifos nossos).

O autor caracteriza as gentes miúdas do sertão a partir da oposição feita aos moradores das cidades a que chama de civilizados. O tom depreciativo descrito por ele é sucedâneo da pretensão de superioridade que as gentes urbanas desenvolvem em relação às gentes rurais, ainda que no sertão as elites locais sejam todos proprietários de terras e de empresas agropecuárias. E sua esperança de mudança nas condições de vida e de produção do sertanejo não se verificou como pode ser compreendida pela narrativa de Lúcia Nunes (2011) abaixo textualizada na página 26.

Por seu lado, o atual poeta Jurandir Barbosa (2013)<sup>9</sup> também textualiza sua compreensão sobre o sertão vis a vis à população urbana com a qual convive na cidade de São Paulo onde reside na atualidade. Para ele,

meu chão é feito de homens e são dessas mulheres todas as glórias do meu sertão passarinho canta arretado **tem no silvo o sotaque nordestino** foi esse povo quem construiu cada metro desse Brasil minas gerais minha amante mais linda ensina o que é ser gente para esse povo que pensa que o mundo se resume num shopping ou num cinema. (BARBOSA, 2013: p. 74)

---

<sup>9</sup> BARBOSA, Jurandir. *Outras Pelejas*. São Paulo: Catrumano, 2013.

Em outro poema, Barbosa (2013) lê criticamente as condições climáticas do sertão na atualidade e as condições de vida e produção das gentes miúdas do sertão. Assim ele descreve o sertanejo,

não descansam pegadas de tantas eras **terra seca** e de esperançoso fértil **não desanima nem quando debruçado sobre a janela os olhos não avistam as nuvens.** pele tal qual o chão traçada de rugas como a palma da mão **mãos cheia de relevos de lutas e enxadas travadas debaixo do sol** não há ônibus que o leve é feito de **fé riqueza maior do sertão** (BARBOSA, 2013: p. 34). (grifos nossos)

Em um livro de memória, Cyro dos Anjos (1969)<sup>10</sup> narra acontecimentos de sua vida pessoal e selecionei dois pequenos textos em que ele abre suas memórias para realidades sociais. No primeiro, ele fala das fazendas, dos fazendeiros, o *habitus* regional na acolhida ao *passante*. E, no segundo, em concordância com a visão do pensamento social brasileiro, enuncia o sertão de forma negativa vis à vis à concepção positiva do litoral.

Conheci numa quadra várias fazendas, que se misturaram todas na minha lembrança; fundidas em uma só: **a casa baixa de adobes;** o pátio à frente, com cercas de pau-a-pique; ao lado dos currais, à sombra d'um pau-d'óleo; no fundo, a chacrinha que se estende até o riacho, com algum raro pé de fruta, mas invariavelmente, bananeiras e touças de cana. Dentro da sala de telha vã, numa folhinha eclesiástica, o almanaque de Ross metido nalguma frincha de parede, e pequena mesa com banco, além do **catre de couro destinado ao hospede eventual.**

Se não consigo individuar as fazendas, o mesmo não sucede às pessoas dos fazendeiros. Pouco sei de ar contente e expansivo. Sem embargo disso, **acolhiam o viajante com gentilezas hospitaleiras, mesmo que não houvesse negócio a fazer;** se a gente chegava pela tarde, logo vinha um **requeijão com café;** se ficava para o jantar, prodígios eram feitos, afim de que a dona da casa não passasse vergonha; se enfim, a pessoa ia pernoitar, canastras se abriam, para que os lençóis e colchas bordadas **enfeitassem a cama.** Esses lençóis, cheirando a marcela-do-campo, compensavam de algum modo a agressividade dos **colchões de palha dura ou de paina embolada** (ANJOS, 1969: p. 200 – **grifos nossos**).

Importante salientar que a temporalidade de sua narrativa está situada na primeira década do século XX quando a fazenda, conforme descrição do dialogante Francisco Barbosa anteriormente textualizada, era apoiada no trabalho do fazendeiro e de seus agregados. Veja que na casa dos sertanejos daquele período há um catre na sala de entrada da casa de adobes para hospedar viajantes que passam e param nas fazendas. E, saliento, o tratamento hospitaleiro dado a quem parasse nas fazendas para uma pousa em suas viagens.

---

<sup>10</sup>ANJOS, Cyro dos. *Explorações no tempo: memórias*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1969.

**O sertão dos gerais é feio, ríspido e seco.** Para oprimir mais ainda o coração do viajante acontece-lhe percorrer dezenas de léguas, a passo de mula, **sem encontrar ao menos um ranchinho ou qualquer sinal de presença humana.** Os escassos sitiantes penduram-se nas grotas, ao pé de algum olho-d'água; a gente não os enxerga; o que se oferece à vista é só a vegetação **enfezada<sup>11</sup>, de troncos retorcidos e folhas vermelhas de pó** (ANJOS, 1969: p. 217 – **grifos nossos**).

Aqui o autor narra a espacialidade sertaneja considerada vazia e a condição climática do sertão. Sua percepção da feiura do sertão, por suas árvores retorcidas e pequenas, só pode ser compreendida se se expõe a oposição a partir da qual o autor categoriza a vegetação: a mata atlântica com a qual conviveu após mudar-se para o Rio de Janeiro.

Por sua vez, Darcy Ribeiro (1988)<sup>12</sup> constrói uma narrativa romanceada e textualiza sua memória por meio de um personagem. Dentre tantas passagens, selecionei duas enunciações em que expõe sua percepção do sertão frente a Minas Gerais e outro seu relato do que lhe chamou a atenção na infância e que, no momento da memorialização, sobressai.

Ficamos sendo Minas Gerais quando deveríamos ter por nome gadaria ou **Currais São-franciscanos** ou talvez até melhor, País do Rio das Velhas (RIBEIRO, 1988: p. 58 – **grifos nossos**).

Ao comparar mineiros e sertanejos afirma,

meu povo mineiro, do lado do Mangueiral [Montes Claros], é **uma baianada sofrida**, querendo alegrias sem alcançar, **o daqui das serras é um povo indiano, cismado, caturra, rezando resignado** (RIBEIRO, 1988: p. 110 – **grifos nossos**).

Nessa primeira textualização, o autor enuncia a existência de uma diferença histórica, econômica, social e cultural entre o sertão e a região mineradora. Ao mesmo tempo em que esboça uma psicologia social das duas populações que, historicamente, contribuíram para a consolidação da sociedade mineira<sup>13</sup>.

Minha lembrança mais antiga de mim me devolve a figura de um menino sujo, nariz escorrendo que ele limpa no braço nu. O cabelo de palha, em penacho, sobre a testa, um pé descalço com um dedo estropiado enrolado num pano sujo.

<sup>11</sup> Significado de enfezada: que se não desenvolveu suficientemente; pequeno, raquítico; zangado, brabo, bravo. Pesquisa online : <https://www.google.com.br/webhp?sourceid=chrome-instant&ion=1&espv=2&ie=UTF-8#q=enfezada>

<sup>12</sup> RIBEIRO, Darcy. *Migo*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1988.

<sup>13</sup> Neste sentido, vide Costa (2003).

**O que gosto mais de lembrar daqueles tempos** é das feiras de Mangueiral (Montes Claros). Eu menino, com medo, andando ali entre bichos e gentes, ao redor do mercado. Vendo **a gente matuta, escura, saída daqueles fundos**. Muito cavalo de sela, muito jumento cargueiro, muita bruaca, muito pote vermelho, muita mercadoria para vender. O amarelo vivo e o cheiro impossível das montanhas de piqui. Os cestos de mangabas doces, macias. Os cachos de coquinho azedo. Beiju, tapioca.

Uns homens barbados, ressequidos, se olhando, calados. Umas mulheres encarquilhadas, saias longas, peitos de fora, amamentando crias. Moças virgens já banguelas, desgrenhadas, peitos de cabras furando cabeçotes.

**Humilde gente minha das grotas, das brenhas**, vinda para a hora das alegrias de mercar. Aquela trouxe leitoa; aquele, duas peruas. Ela quer levar remédio pra filha que não menstrua e dói. Ele **veio comprar querosene para a candeia**. As moças procuram homens que as roubem e levem para algum lugar. Um velho manca, mostrando e escondendo seu rico dinheiro com medo de ladrões malvados, de meghanhas desgraçados, desgraçadores {sic}.

Havia na feita até uma quadra de mendigos pedindo esmolas de cuia de farinha e feijão. Um deles trazia a sua riqueza no ombro, uma araponga branca com o timbre de imensa bigorna, que não vendia, não dava. Só para ela vivia, esmolava (RIBEIRO, 1988: p. 70 e 71 – **grifos nossos**).

O autor chama a atenção para as gentes sertanejas que vivem nas grotas, aquelas descritas por Anjos (1969) acima e para a atividade de comercializar no mercado de Mangueiral sua produção cultivada e beneficiada ou coletada nas chapadas do grande sertão. A temporalidade da narrativa memorialística do autor situa-se na terceira década do século XX e aspectos culturais sertanejos daquele período, sendo possível, na atualidade, encontrar cena semelhante no mercado municipal da mesma cidade.

Há um memorialista norte mineiro, Manoel Ambrósio (1934), que enuncia por meio da textualização de eventos ouvidos por ele em Januária e narrados por moradores das margens do Rio São Francisco a que o autor denominou palestras populares. Entretanto, selecionei a narrativa sobre algo que é recorrente na região, a seca. Se em sua temporalidade, a primeira metade do século XX, narra um acontecimento dos anos 1860. A condição climática ocorria uma vez na década, na atualidade a seca ocorre durante a maior parte do ano.

**O sessenta! Fome e carestia, tempos cruéis! A crise geral assolava as populações das margens do S. Francisco. Gêneros de primeira necessidade, escassos! A morte dizimava os emigrantes e não raro os próprios filhos destas zonas. Nessas ocasiões, a penúria, qual o ladrão que espreita e ataca à mão armada, estende suas misteriosas e negras correrias pelas camadas infelizes do povo; cada qual, temendo e evitando o medonho flagelo, busca refúgio de toda espécie para sustar a vida, enganando o estomagado, desde as frutas e raízes silvestres de pequi, tucum e mucunã, até ao extremo dasmitega esmola que é a última a chegar, sempre tardiamente, quando o êxodo das vítimas há ultrapassado as raias do infortúnio,**

amedrontando até a falsa filantropia de uns conversadores de esquinas e tribunas, muitos desses – prestidigitadores aves de rapina da ocasião.

Confiassem por exemplo os governos aos institutos de caridade, devidamente reconhecidos, essas providencias de suas generosas economias tão malbaratadas, e esses cumpririam o sagrado dever, consentâneo com as leis do evangelho; porém, tal não acontece. Os que morrem de angustia nas vascas da **fome e da miséria**, mais depressa sucumbem assassinados, cobertos de ultrajes, por esses infames honrados, vendo a caridade se tornar em pecado mortal, a fortuna assaltada pelos que se acham farto.

Por mais de duzentas pessoas tinguijavam uma lagôa em busca de peixe. Tinguijar é lanará agua feixes de raízes silvestres e venenosas de sipó – timbó e tengui arvore abundante e nativa nas margens do grande rio. É toxico ativo para o peixe que se embebeda logo e sobe á tona estagnanda, onde avidamente é apanhado.

De longe, **de muito longe do fundo dos gerais** de São Felippe, acodia gente para comprar, ou trocar por outros gêneros, cargas de peixe e assim de muitas outras partes ribeirinhas, cada qual o que podia, isto vê-se; quem não dispunha de cousa alguma, ajudava no trabalho, ganhando assim o pão quotidiano. (AMBRÓSIO, 1934: p. 112 e 113 – **grifos nossos**)

Sobressai, nessa narrativa memorialística, as relações sociais que eram acionadas nos períodos de intempéries vividas pelos sertanejos situados distantes do rio São Francisco com as gentes ribeirinhas. E, também, as estratégias agonísticas para garantir a sobrevivência familiar por um lado e as relações dos políticos vinculados ao governo por suas relações políticas e suas práticas de enriquecimento ilícito.

A reflexão a seguir é de um médico companheiro de infância de Darcy Ribeiro e nos permite compreender a formação humana do sertão norte mineiro. Para João Vale Maurício (1995)<sup>14</sup>

O povo que veio para cá veio para ficar, veio para criar família e fazer o pé-de-meia para o amanhã. **Foi esse povo que chegou trazendo suas coisas, seu costume e a sabedoria própria da região de origem.**

Assim foi se formando uma cultura, chegando de fora, mas que foi, muito logo, alcançando definições próprias. Não recebemos, como as cidades litorâneas, as influências estrangeiras com variáveis constantes. Com o tempo, ganhamos, **por nossa obstinação e teimosia, uma autenticidade bem marcada, isto é, bem nossa.**

Podemos dizer, ainda hoje, que, apesar dos meios de comunicação e da explosão comercial e industrial, **conservamos uma cultura bem própria e de real valor** (MAURÍCIO, 1995: p. 15 e 16 – **grifos nossos**).

---

<sup>14</sup> MAURÍCIO, João Vale. *Janela do sobrado: memórias*. Montes Claros: Arapuim, 1995.

O intelectual nativo a seguir é de geração mais recente, João Balaio (1978)<sup>15</sup> enuncia a composição da elite regional e suas relações com a administração pública, seja local, estadual ou nacional.

Como uma visão miniaturada brasileira, **formou-se na região fortíssimos clãs rurais, latifundiários preocupados com política, coronéis** que não raro elegiam vereador, prefeito, deputado, governador e decidiam na eleição de Presidente da República. Homens ricos e abnegados, nascidos aqui ou vindos de fora, mas identificados com a **pobreza marrom da região**, doutores estudados nas capitais, filhos de coronéis, trocavam de postos na prefeitura, nos órgãos públicos, grupos se dividiam e subdividiam. (BALAIO, 1978: p. 89 – **grifos nossos**)

E, finalizando essa seção em que são manuseadas narrativas memorialísticas, a de Lúcia Nunes (2011)<sup>16</sup> desenvolve leitura crítica sobre a produção da fazenda antes da “modernização conservadora” do campo brasileiro e a vinculação da produção agrícola ao padrão atual, em que o fazendeiro deve manusear as culturas agrícolas com recursos financeiros captados em bancos, a utilização de insumos e maquinários agrícola e, por fim, a assistência técnica especializada.

**Que saudades tenho do tempo** em que saíam do Urucuia caminhões e mais caminhões cheios de arroz, feijão e milho!

E, quando em vez, levando até gado. Era raro, mas levava. O comum era o gado sair em mansidão e vagareza, **socando o pó da estrada**.

A terra continua boa e promissora. Meu pai não se aposentou e nem tampouco perdeu a disposição para tocar tamanhas lavouras. Mas não se vê mais safras como aquelas na Fazenda Jacaré e na região.

Acontece que produzir, passou a ser privilégio de poucos. Necessário ter capital. Muito capital. A coisa ficou tão feia que não se vê mais peão. Foram todos para São Paulo (NUNES, 2011: p. 15 e 16). (**grifos nossos**)

Manuseando ainda intelectuais locais, recorro à narrativa ensaística com caráter histórico de Simeão Ribeiro Pires (1979) sobre as condições em que ocorreu a formação dos currais sanfranciscanos e já mencionadas acima na textualização da memória de Darcy Ribeiro. Em seu livro, o autor narra a história de Antônio Guedes de Brito que foi proprietário de uma sesmaria de 160 léguas entre Morro do Chapéu, na Bahia, e as nascentes do rio das Velhas, nas proximidades de Ouro Preto.

<sup>15</sup> BALAIO, João. *Você sabe o que aconteceu em Montes Claros dia 13 de agosto do ano passado?* São Paulo: Relâmpago, 1978.

<sup>16</sup> NUNES, Lúcia. *Flor cigana*. 3<sup>a</sup> Ed. Belo Horizonte: Schritos, 2011.

O autor diz que,

a Coroa, **no intuito de assegurar a ordem nas margens do S. Francisco, onde bandidos, mamelucos e negros aquilombados traziam a população em sobressalto, matando e roubando**, nomeou-o ainda, regente do São Francisco. À frente de 200 homens, subiu o S. Francisco, alcançando até as povoações florescentes dos Rios Jequitáí e das Velhas, **pacificando na sua marchao sertão ermo— dos ‘currais de gado’, intransquilizado por ondas de assaltos**. Guedes de Brito cobiçou o ocidente, o curso superior do S. Francisco, o sertão que confinava com os espiões e as nascentes de **um território misterioso** que viria a chamar-se Minas Gerais. **Era o homem do Oeste**. E acertou. (PIRES, 1979: p. 49 – **grifos nossos**)

A região norte do estado de Minas Gerais, onde se localiza a cidade de Montes Claros, compreendia, nos oitocentos, a metade setentrional da província mineira, estando, portanto, incluída no que comumente classificamos como sertão. A ocupação e o povoamento da área se dão a partir de dois processos em especial: as expedições bandeirantes capitaneadas por Mathias Cardoso de Almeida, que se fixa na região na década de 1660, e pela expansão da pecuária dando formação aos Currais do São Francisco. A doação da sesmaria a Antônio Guedes de Brito ocorre *pari-passu* à fixação da bandeira paulista na margem direita do rio São Francisco.

As textualizações memorialísticas e histórica acima foram selecionadas para mostrar ao leitor o processo de formação do sertão norte mineiro por meio de expedições bandeirantes e pela doação de sesmaria para ocupação do interior do país, a estrutura social alicerçada na fazenda, as relações sociais em momentos de intempéries e as relações políticas das elites locais.

### **O sertão cantado nas narrativas musicais norte mineiras**

A musicalidade do sertão nortemineiro foi mencionada pelo diplomata uruguai Manuel Bernardez (1922)<sup>17</sup> que transitou pela região em fins do século XIX e que considerava a vida pastoril e a maioria da população negra como fatores para essa característica. Nos anos 1970, a Discos Marcus Pereira promoveu a gravação e de composições do interior do país, como demonstram as coletâneas de música regional, dentre elas modinhas, cantigas de roda, músicas de viola gravados em Montes Claros. Essa musicalidade cultural influenciou muitas composições de músicos da região, notadamente no gênero modinha e cantigas populares, além

---

<sup>17</sup> BERNARDEZ, Manuel – *O Gigante Deitado. Notas e Actos de doze annos de vida no Brasil*. Rio de Janeiro: Leite Ribeiro: 1922, 02 volumes. (livro microfilmado do Museu Nacional do Rio de Janeiro).

de ser base a partir da qual músicos locais se tornaram conhecidos no cenário estadual e nacional.

Há diversos gêneros musicais em que é possível apreender a musicalidade do sertão norte mineiro, entretanto, tomo como narrativa musical para interpretação, nesta seção, grupos musicais e compositores que tiveram o sertão como inspiração.

Surgido no princípio da década de 1970, em São Paulo, o Grupo Raízes se apresentou ao cenário musical brasileiro enunciando-se como desentoadado e marcou presença na Música Popular Brasileira de 1970, até meados dos anos 1980, com sua música da terra, de amor à natureza, narrativa musical das estórias do sertão, das veredas do norte de Minas:

Eu sou fruta do Norte / no curral sou boi de corte / sou água de exurreda / pau preto no pé da serra. / Hoje choveu no cascalho / me arrastei na ribanceira / vim parar nesse lugar / e logo me destoei / entoei uma cantiga / já entrei numa briga (RAÍZES 1974).

O conteúdo das composições apresentadas no disco Grupo Raízes (1974), gravado pela Continental, tem uma semelhança com o conteúdo do gênero caipira em que se enfatiza a vida rural e desliza para a temática das narrativas populares. No segundo disco, Brejo das Almas (1976), gravado pela Crazy, a temática rural pode ser compreendida pela música título do disco:

Nessa ponta de estrada / sigo pro Brejo das Almas / hoje é dia de feira / já passou do meio dia. / Cruzo mais uma porteira / e a pressa de chegar / solto a rédea da montada / que eu quero é voar. / me adianto na estrada / deixando o viageiro / quero ver o burburinho / que se forma lá na feira / quero uma água-de-cheiro / uma lavanda e um pente / um remédio para o dente / bala doce pras crianças / um vestido pra Das Dores / e cigarro de papel / umas cordas novas prá viola / e um laço de croá./ E pego a estrada / antes que escureça / e a cisma cresça / na escuridão (RAÍZES, 1976).

Em seu terceiro disco, Olhe bem as montanhas, gravado pela Bemol (1980), a temática das narrativas populares é apresentada na música Iara - Açude Encantado, em que é enunciado o entendimento de mundo das populações ribeirinhas do sertão norte mineiro.

**Quem conhece a Iara**/ que mora naquele açude / que levou Zeca de Creuza / numa noite de São João. / Ela vem cantar de noite / quando a lua está bem clara / esperando quem lhe queira / bem lá no fundo do Rio. / Quando Zeca pescador / encostou sua canoa / ele viu bem lá na proa / o sorriso feiticeiro. /A **Iara** lhe dizia / venha cá bonito moço / que eu lhe dou minha fortuna / e o colar do meu pescoço./ E Zeca sem dizer nada / mergulhou no colo dela / e sumiu nas profundezas / do açude encantado (RAÍZES, 1980 – **grifos nossos**).

Outro grupo musical que surgiu no cenário regional foi o Grupo Agreste formado por um grupo de poetas e compositores norte mineiros que, inspirado pelo Grupo Raízes, passou a compor músicas seguindo a mesma trilha, mas, também, incluindo canções de amor. O primeiro disco, Grupo Agreste (1980), foi gravado pela Cristal Bandeirantes. E, em 1982, gravou um segundo disco e teve duas de suas músicas incluídas na trilha sonora de uma novela, Rosa Baiana, da Rede Bandeirantes de Televisão.

Em Ponte Cigana, o Grupo Agreste (1980) apresenta-se:

Não pode me entender / quem nunca sentiu o cheiro / de terra molhada / quando a chuvarada / molha **as terras do gerais.**/ Não pode entender / quem nunca matou a fome / com raiz de macaxeira / e a fruta ananás./ E a minha terra / fica na ponta dessa estrada / uma picada vara o verde e leva lá./ Não chega a ser um pontinho preto no mapa / mas quando a gente se afasta / coração pede para voltar / e pra lá chegar você tem que atravessar / sete cancelas, treze porteiras / uma pinguela sobre o ribeirão (AGRESTE, 1980 – **grifos nossos**).

As práticas produtivas e o calendário agrícola são cantados em Quebra de Milho. Para os compositores no sertão:

Mês de agosto / é tempo de queimada / vou lá prá roça / preparar o aceiro / faísca pula / que nem burro brabo / e faz estrago lá na capoeira. / A terra é a mãe, / isso não é segredo / o que se planta / esse chão nos dá./ Uma promessa / a São Miguel Arcanjo / prá mandar chuva / pro milho brotar...

Passou setembro, / outubro já chegou / já vejo o milho / brotando no chão / tapando a terra / feito manto verde / prá esperança do meu coração. / Mês de dezembro, /vem as boas novas / a roça toda já se embonecou / uma oração / agradecendo a Deus / e comer o fruto / que já madurou...

Mês de janeiro, / comer milho assado / mingau e angu / no mês de fevereiro / na palha verde / enrolar pamponha / e comer cuscuz / durante o ano inteiro. / Quando é chegado / o tempo da colheita / quebra de milho, / grande mutirão /a vida veste sua roupa nova / prair no baile lá no casarão (AGRESTE, 1982).

Nos anos 1990, emergem novos compositores seguindo a trilha aberta pelo Grupo Raízes e seguida pelo Grupo Agreste, entre eles Jukita Queiroz, cujas músicas estão relacionadas à cultura do sertão mineiro, sua religiosidade, a labuta do homem do campo frente à seca, seus anseios e costumes, e apresenta uma preocupação com a estética e arranjos e harmonias bem elaborados. Em seu CD independente, *Meu Sertão* (1995), fruto de sua pesquisa e observação atenta da vida no sertão dos Gerais, na comunidade de Morro Alto, no município de Bocaiuva.

Apresenta-se com composição de Cori Gonzaga, membro do Grupo Raízes em sua formação dos anos 1980, *meu sertão*:

Quando o dia anoitece / a lua aparece **no meu sertão** / e as estrelas no céu me dão conta / que nada é mais belo que esse mistério / que envolve o perfume de todas as flores / e as damas da noite vão / ineibriando os meus sentidos / e eu me acho num sorriso, agradeço. **/Tudo é maravilhoso, tudo é grandioso / tudo é majestoso no meu sertão** (QUEIRÓZ, 1995 – **grifos nossos**).

Narrando o cotidiano dos sertanejos rurais, em Pé na Estrada ele enuncia que:

Madrugou, luz de estrela / lá no céu tá raiando o sol / quer nascer o dia./ Clareou, pé na estrada/ mais um dia de luta / o corpo não pára / viajamos BR-135 / aprendendo o caminho / surgindo o sol é dourada a serra / um sobe e desce / no asfalto fundo de viagens / um lago, uma plantação / gente alegre, um caminhão / uma kombi, um risco (QUEIRÓZ, 1995).

E enuncia a temática que é comum às narrativas escritas e musicais, as condições climáticas do sertão. Em *Seca Leiga*, o compositor afirma:

O verde brilhante das folhas / a serra, a grande pedra preciosa / se perderam **neste sol castigante, é o fim / a seca leiga queima, mata e cega o capim** / capim é o ouro dos bichos / bicho homem também. **/A seca é leiga, o homem eu sei que não é / se mata o homem a seca some / e se o homem some? ih...**

Cabeça esquenta, a dor aumenta / pra onde ir se não tem força e tá tudo assim / **tudo é demais na seca: a luz que embaça o olhar, / a falta d'água, do ar, de amar.** / A fumaça na serra de dia, / de noite é fantasia de luz / **a seca é leiga**, o homem eu sei que não é / se mata o homem a seca some / ese o homem some? ih... (QUEIRÓZ, 1995 – **grifos nossos**).

Nesse período, aparecem músicos com temáticas mais urbanas e, ainda que tomando o sertão como objeto de enunciação, afirmam universalizando-o, como Marcelo Godoy (1996).

Em seu universo Sertão

Um movimento alucinado / alucina os momentos / desse lugar. / O pensamento anda tão rápido / qual um raio solar. / São seres, são entes / sementes/ são mentes carentes / numa cidade a vagar / sãos rios, são pedras / luar...

**Pessoas que dizem o que sentem / e vivem o que são.** / É vida que tece e acontece / **nesse universo sertão** (GODOY, 1996 – **grifos nossos**).

E para encerrar a seção das narrativas musicais, Élcio Lucas (1998), que foi integrante do Grupo Raízes nos anos 1980. E, neste seu primeiro disco, permanece com a temática desenvolvida pelo mesmo grupo, como em Ventania, e envereda pela temática urbana.

Vento noturno sacode este chão / semeia a vida, semente varrida / da palma da mão. / Rala folhagem que orvalho molhou, / oscila ao vento, se perde no tempo / se esquece da dor.

**Galope ventania / semeia este sertão e traz a alegria** / de volta ao coração.  
 / Olhos cansados de tanto sonhar / **braços quebrados de seca enfrentar**  
 /venha, venha sonhar, / venha, venha chorar (LUCAS, 1998). (**grifos nossos**)

### Um objeto, muitas interpretações

A criação da Universidade Estadual de Montes Claros (Unimontes) tem propiciado, dos anos 1990 para cá, a emergência de interpretações sobre o sertão, embasadas em referenciais teóricos diversos, vinculados aos campos da historiografia, da sociologia e da antropologia.

Para Laurindo Mékie Pereira (2007), a região Norte de Minas esteve à margem do desenvolvimentismo dos anos 1950, tendo ocorrido à ação do Estado, de forma efetiva, apenas em meados da década seguinte, principalmente pelos investimentos em energia e transportes e pelos incentivos fiscais criados pela Superintendência de Desenvolvimento do Nordeste (SUDENE). Segundo o autor,

o desenvolvimentismo representou uma grande esperança: faltava energia não só para a industrialização como também para consumo doméstico, e as estradas da região eram precárias (PEREIRA, 2007: p. 51).

Ressaltamos que o eixo norteador do modelo de desenvolvimento implementado pela SUDENE na região pautava-se, acima de tudo, no processo de industrialização e de modernização empresarial das fazendas. Apesar de haver, em seu início, um marcante vetor de equidade regional e social, somente ao longo das décadas de 1970 e 1980 foi possível notar o privilégio dado à expansão industrial e ao desenvolvimento econômico em detrimento de quaisquer ações de cunho social.

Até a década de 1950, a maior parte da população da região encontrava-se na zona rural, em atividades agropecuárias e extrativistas, situação que se inverte nas décadas seguintes. Além do processo de urbanização do município, nota-se o aumento da população geral, influenciado pelo processo migratório regional decorrente das expropriações das terras familiares das gentes miúdas por profissionais liberais das cidades e mesmo fazendeiros em processo de afazendamento ou de ampliação das terras.

Concordamos com a hipótese deste autor de que o processo de modernização do Norte de Minas se deu sob intensa mobilização da elite política local. O autor afirma também que a elite política norte mineira era formada, em sua maior parte, por homens que também possuíam

lugar de destaque como empresários, fazendeiros e profissionais liberais. O trecho a seguir sintetiza essa questão:

Nossa hipótese é a de que, no período que recortamos, os fazendeiros, comerciantes e industriais da região organizaram-se como classe; foram, também, agentes do processo modernizador durante o qual construíram uma **ideologia regionalista** que, compartilhada pelos mais influentes órgãos da sociedade civil, atraindo e agregando intelectuais como jornalistas, burocratas, tecnólogos, escritores e professores, permitiu a evolução de uma simples ação corporativa, nas décadas de 1940 e 1950, para o exercício da hegemonia nas décadas finais do século XX. **O regionalismo, aqui entendido como a mobilização de um grupo social** junto às instâncias do Estado, expressa uma ideologia, uma concepção de mundo produzida e necessária a uma classe social que, expandida para o conjunto da sociedade, adquire a natureza de um senso comum (PEREIRA, 2007: p. 10 – **grifos nossos**).

Outro ponto importante é a intervenção do Estado na região, relacionando-se ao fomento do desenvolvimento regional, como afirma:

A partir de 1960, com a intensificação do **intervencionismo estatal na Região**, este passa paulatinamente a vivenciar novas realidades em vários dos seus aspectos econômicos e sociais. [...] pois, a partir desta data, teve início um período, de transição, **no qual se formalizaram os novos interesses para com a Região norte mineira**; ou seja, tornou-se explícito o papel que esta tenderia a desempenhar no bojo da economia nacional (OLIVEIRA, 2000: p. 230 citado por PEREIRA, 2007 – **grifos nossos**).

O modelo de desenvolvimento das ações estatais, nesse período, pautava-se, na maioria das vezes, no crescimento econômico, via industrialização e expansão das relações capitalistas de produção na região.

Já o trabalho de Cynara Silde Mesquita Veloso Aguiar (2001), é uma análise sobre “a prática do Coronelismo no município de São João da Ponte / MG – 1946-1996 – um estudo de caso”.

O espaço geográfico desse estudo, o município de São João da Ponte, localiza-se no Norte de Minas Gerais. Hidrograficamente, encontra-se à margem direita (leste) do Rio São Francisco. Segundo Aguiar (2001), no período colonial, essa área pertenceu à capitania da Bahia. De acordo com a mesma autora, São João da Ponte é originária de um arraial. Foi fundado por Dona Veridiana Cordeiro, por volta dos anos de 1840, quando veio da Bahia trazendo consigo uma imagem de São João Batista, da qual resultou o nome da então São João da Ponte. (citado por PORTO, 2004: p. 72)

A origem ou formação da política coronelista no município de São João da Ponte é atribuída por Aguiar (2001) a Simão da Costa Campos, homem pobre, que veio da Bahia por volta de 1900 e fixou-se na região. Na política, encontrou as possibilidades para sua ascensão, começando sua atuação apoiado por Manoel Gonçalves Passos e Ramiro Siqueira, ambos chefes políticos de Brasília de Minas (*Apud PORTO, 2004: p. 72*).

Por meio de suas alianças políticas, e aproveitando-se da Lei nº 601 de 18 de setembro de 1850, *Lei de Terras*, Simão Campos apossou-se de grandes extensões de terras nas fazendas Arapuá e Morro Preto, (antigas sesmarias) que haviam sido consideradas devolutas. (*Apud PORTO, 2004: p. 72*)

Conforme Aguiar *apud* Porto (2004), o coronelismo em São João da Ponte, foi compreendido por esta autora dividido em quatro fases: a primeira fase que vai de (1930-1945) teve como representante Simão da Costa Campos. A segunda fase que vai de (1946-1962) cujos líderes políticos eram Simão da Costa Campos, Olímpio da Costa Campos e Dona Lulu. A terceira fase vai de (1963-1970) e Olímpio Campos e Dona Lulu representam o coronelismo no Município e a quarta fase que vai de (1970-1996), com Dona Lulu que assume o comando político de São João da Ponte (AGUIAR, 2001).

Diante desses fatos, comprehende-se o coronelismo como um sistema político de âmbito nacional, no qual existe uma ampla e complexa rede de relações que partem do coronel ao presidente da república, tendo como base os compromissos mútuos. (PORTO, 2004: p. 73).

Para Vítor Nunes Leal (1997), o coronelismo é um fenômeno brasileiro gerado pelo advento da República. Aqueles que tinham poder no interior, em geral, os proprietários de terra à época, eram também chamados de “coronéis” (coronel sem a patente militar). Com uma economia cada vez mais urbana e menos agrária, estavam com poder econômico declinante e vislumbraram, com a expansão do direito de voto, a possibilidade de atuarem como elo entre os governos estaduais e federal e os cidadãos agrários.

Assim, Nunes Leal nos ensina que

**O “coronelismo” é sobretudo um compromisso, uma troca de proveitos entre o poder público, progressivamente fortalecido, e a decadente influência social dos chefes locais, notadamente dos senhores de terras. Não é possível, pois, compreender o fenômeno sem referência à nossa estrutura agrária, que fornece a base de sustentação das manifestações de poder privado ainda tão visíveis no interior do Brasil (LEAL, 1997: p. 41). (grifos nossos)**

A decadência econômica do fazendeiro encontraria então, no regime republicano, uma atenuante com a valorização de seu papel político, derivado, sobretudo do manancial de votos sob seu controle.

O chefe político local era dependente dos favores do governo do Estado para exercer sua liderança. Sem o auxílio financeiro do governo estadual, dificilmente poderia empreender as obras mais necessárias como estradas, pontes e energia elétrica. Ou seja, os coronéis, já sem prestígio econômico, recebiam auxílio financeiro para empreender obras de infraestrutura em suas localidades, valorizando seu papel frente aos eleitores e, em troca, enviavam aos governos estaduais e federal um contingente de votos – o voto de “cabresto”.

No Norte de Minas, de acordo com Carla Anastasia (2000), o mandonismo por volta de meados do século XVIII, com “os motins do Rio São Francisco”, já se traduzia na real incorporação da violência pelos potentados. Violência que se tornou cotidiana e rotineira. Ainda de acordo com a mesma autora, o uso da violência acabou por tornar-se incorporado à sociedade sertaneja, e a própria sociedade deu grande valor a essa conduta, uma vez que não sofria nenhuma espécie de restrição. A ausência do poder público e o valor a esse tipo de prática proporcionou um livre espaço de circulação para as notícias de bravura, coragem, destemor, honra e força.

Tomando como base os autores acima citados, podemos dizer que o município de São João da Ponte assim como o sertão, durante o fenômeno do coronelismo, encontrava-se em tais condições, uma vez que a sua localização no Norte de Minas Gerais deixava-o à margem do desenvolvimento industrial e político.

Para Maria Isaura Pereira Queiroz (1975), o conflito político com o emprego da violência no coronelismo é visível tanto em suas relações quanto no seu espaço de abrangência, que seria rural e urbano. A começar pela posição do coronel como situacionista ou oposicionista.

Assim, o pertencer à situação implicava aos protegidos do coronel liberdade de ação e impunidade. No caso contrário, quando o coronel era da oposição, isso significava as mais possíveis atrocidades e perseguições. Toda essa violência sofrida pela oposição era constantemente revidada nos mesmos moldes – “aos inimigos políticos, restava os rigores da lei”, lei feita e praticada à maneira dos “coronéis” mandões.

Com relação ao estudo empreendido por Camilo Antônio Silva Lopes (2010), apresentado em sua dissertação intitulada *Os Sertões Norte mineiros: Fronteiras e Identidades Politizadas que afirmam a Diversidade Sociocultural do Norte de Minas*, este autor analisa os diversos sertões que, juntos, compõem o sertão norte mineiro na sua totalidade, bem como as gentes que fazem deste lugar um espaço de afirmação das diferenças e identidades sociais que formam o universo sertanejo norte mineiro (LOPES, 2010: p. 56).

Inicialmente, ele toma o sertão como categoria social e sociológica e um lugar passível de ser apreendido e compreendido na sua especificidade regional e no âmago das suas diferenças, mas se limita apenas no espaço compreendido como sertão norte mineiro, e não o sertão entendido em sua totalidade nacional.

O espaço norte de Minas situado no estado de Minas Gerais é compreendido por Lopes como sertão norte mineiro, espaço de transição eco, geográfica, social, cultural, simbólica e econômica que compreende nas suas interfaces a articulação de vários biomas que constituem a paisagem norte mineira, como a caatinga, o cerrado, faixas de Mata Atlântica, Veredas e Chapadas que abrigam e diferenciam várias culturas e processos civilizatórios (COSTA, 2005citado por LOPES, 2010: p. 57).

Na compreensão de Lopes (2010), até a publicação dos trabalhos de Euclides da Cunha e de Guimarães Rosa, as definições de sertão no pensamento social brasileiro faziam referência a traços geográficos, demográficos e culturais: região agreste, semiárida, longe do litoral, distante de povoações ou de terras cultivadas, pouco povoada e onde predominavam tradições e costumes antigos. Lugar inóspito, desconhecido, que proporcionava uma vida difícil, mas habitado por pessoas fortíssimas (AMADO, 1995 citado por LOPES, 2010).

Até a publicação de *Os Sertões*, as únicas fontes de conhecimento até então conhecidas sobre o sertão provinham dos Viajantes estrangeiros e também dos documentos oficiais elaborados durante o período Colonial. O olhar de um “de fora” sobre uma realidade até então desconhecida deveria gerar dúvidas, mas as informações dos viajantes não eram uniformes, o que permitiu uma elaboração de diversos olhares e sentidos sobre o sertão brasileiro.

Nesse sentido, o olhar de um “de dentro” inicialmente, talvez pudesse ter mostrado outra imagem do sertão. Ao analisar os sertões apresentados por Euclides da Cunha e Guimarães Rosa (BOLLE, 2004, p. 50) afirma que, sinônimo de “mato longe da costa”, lugar ermo e

escassamente povoado, o sertão é, até as primeiras décadas do século XX, o oposto do litoral urbanizado e “civilizado”.

Nesse sentido, a categoria sertão foi construída primeiramente pelos colonizadores e estava vinculada a sentidos negativos, sendo conhecido pelos lusitanos como espaços vastos, desconhecidos e pouco habitados (AMADO, 1995); (MÄDER, 1995).

Assim, uma concepção dualista dividia um Brasil civilizado, dominado pelos brancos, um espaço da cristandade, da cultura, com bons modos e uma gente polida e avançada, situada no litoral e que encontrava no *ethos* europeu o modelo de vida a ser seguido, priorizando a urbe, versus um sertão, lugar desconhecido, inacessível, isolado, perigoso, dominado pela natureza bruta e habitado por bárbaros e hereges infiéis, onde as benesses da religião, da civilização e da cultura ainda não haviam chegado.

Dessa forma, a questão do dualismo no Brasil após a independência de Portugal tornou-se um mal-estar, e tal dilaceramento passou a caracterizar a experiência intelectual brasileira (SENA, 2003). Para Sena, a dualidade existente no pensamento social brasileiro

não é nem transitória, nem resultado da imitação, mas a expressão do modo estrutural de incorporação dos países colonizados – econômica e socialmente – atrasados ao mundo moderno, como parte integrante do processo de reprodução do moderno.

Avançando sertão adentro, descobre-se que o espaço do sertão agrega em seu interior valores resultantes dos encontros que anteriormente aqui se deram. Encontros culturais e econômicos que constituíram a região e que são elementos fundantes da sociedade que ocupa esta faixa territorial que é o sertão em sua totalidade regional. Modos de interação ímpares, tipos de vestimentas e também a culinária, constituem fatores cruciais no processo de afirmação e, também, de *pertencimento ao lugar*, pois, a partir desses elementos culturais regionais, torna-se possível o reconhecimento da identidade sertaneja que se vincula à sociedade norte mineira.

Ao longo da história, fixaram-se imagens sobre o sertão norte mineiro enunciadas em narrativas diversas - diários, crônicas, cartas, mapas, memoriais – por viajantes e religiosos europeus, em sua maioria, e por historiadores, *etnógrafos*, jornalistas e escritores como Manuel Ambrósio (1934) e Guimarães Rosa (1986). Tais imagens, produzidas especialmente no século XIX e XX, constituem hoje material imprescindível para uma compreensão crítica de uma realidade histórica, socioeconômica e cultural que permanece estranha aos olhos mineiros nascidos em outras regiões que não aquela denominada como norte sertanejo em Minas Gerais.

Nosso interesse específico, neste capítulo, é descortinar o escopo ideológico do Colonialismo a partir do olhar dos viajantes europeus sobre o sertão norte mineiro e seus viventes, os sertanejos. Lidamos com a hipótese de que o discurso, sistematicamente enunciado pelos viajantes europeus e religiosos desde o século XVI, foi peça-chave que corresponde ao processo de instauração da racionalidade eurocêntrica, etnocêntrica e logocêntrica para se olhar o Brasil. Esses servidores de coroas europeias – portuguesa, inglesa, espanhola, holandesa e francesa –, inicia a produção de “histórias da nação” organizadas como prosas do poder, conforme Homi Bhabha (1990, p. 5).

Conectando a problemática regional à problemática geral da modernidade, colocaremos em questão, a partir do horizonte teórico-crítico postulado pelos *frankfurtianos*, o modelo de racionalidade que fundamenta a prática colonialista nos espaços apropriados pelos europeus.

Nossa hipótese é que a subalternização da região denominada sertão e da população sertaneja se fez com a imposição da razão instrumental, de que a técnica, considerada fundamental ao desenvolvimento econômico, foi e continua sendo a grande referência. Os sertanejos, acostumados a lidar naturalmente com a natureza, sem auxílio de instrumental técnico “de ponta”, foram e continuam sendo obrigados a aderir à técnica, a se tornarem técnicos, o que significou uma drástica mudança de valores culturais, éticos e econômicos.

Em um segundo movimento, é realizada a seleção de enunciações lapidares de viajantes europeus que percorrem no século XIX o, então, chamado *país sertão* (Lima, 1999a) para desvelar as razões Colonial, Eurocêntrica, Etnocêntrica e Objetivante que contribuíram para o enquadramento do olhar dos brasileiros, expostos magistralmente no pensamento social do Brasil, sobre o sertão e o sertanejo (QUIJANO, 2005).

Submetidos à lógica perversa da modernidade burguesa, obrigados viver na roça como se vive na cidade, os sertanejos nortes mineiros são exemplos vivos, ontem como hoje, da dominação totalitária denunciada pelos *frankfurtianos*. As leituras desenvolvidas permitem-nos compreender os antagonismos que permeiam a racionalidade iluminista, sobretudo relativo à emancipação das pessoas comuns, que consideradas ingênuas devem ser expurgadas das garras do obscurantismo alicerçado em seu mundo mítico.

O sofrimento social dos sertanejos, condenados a permanecer à margem dos centros de poder, é revelador da barbárie que se encontra no seio do próprio esclarecimento, como seu motor. A racionalidade iluminista que embasa a ideologia do progresso é a mesma que condena

um grande número de pessoas - caipiras, sertanejos, quilombolas, indígenas, vazanteiros, ribeirinhos, castanheiros, veredeiros, caboclos etc. – à condição de meros “cacos da história”, como afirmava Walter Benjamin (1985).

Nessa caminhada argumentativa, é apreendida a compreensão de que resiste no Norte de Minas uma série de imagens positivas relacionadas ao trabalho, à cultura, à religiosidade, à comensalidade que constituem em si mesma resistência ao apagamento, obliteração e destruição do *modus vivendi* que distinguem as populações tradicionais daquela região mineira. São essas imagens que nos permitem construir uma narrativa outra sobre o sertão e os sertanejos, sobre o que entendemos por “catrumanidade”<sup>18</sup>, em franca oposição à narrativa ourocêntrica da mineiridade.

### **A razão do olhar sobre o sertão**

A história viva dos sertanejos do norte de Minas – indígenas, quilombolas, caboclos, vazanteiros, veredeiros - vem sendo trazida à superfície na luta dessas gentes que há séculos constroem a sociedade brasileira como pluriética, multicultural e coloca em debate a chamada História Oficial brasileira.

Trabalhos diversos, desde aqueles redigidos por Saint-Hilaire até os que têm sido elaborados por pesquisadores em plena atividade no âmbito da história e da antropologia, como Carla Maria Junho Anastasia<sup>19</sup> e João Batista de Almeida Costa<sup>20</sup>, são estímulos à escrita de outras narrativas sobre o passado e o presente que contribuem para o questionamento das narrativas mineirocêntricas que alojaram todos os acontecimentos, todas as relações, todas as visões sobre a realidade estadual na região aurífera e subsumiu outras narrativas que colocam em cheque o mito da mineiridade (COSTA, 2003).

Walter Benjamin (1985) propõe uma escrita da história a contrapelo, que faria eclodir das superfícies os “cacos” deixados pela marcha geral da história as memórias, vidas e vivências daqueles que os opressores tentaram silenciar. Essa releitura contra hegemônica da história me

<sup>18</sup> Conforme o *Dicionário catrulano*: pequeno glossário de locuções regionais do norte de Minas, do memorialista e repentista Téo Azevedo (1996), na linguagem sertaneja, o termo catrulano significa: quatro pés. Homem que anda a cavalo e campeia o gado, nos gerais.

<sup>19</sup> ANASTASIA, Carla Maria Junho. *Geografia do Crime*. Belo Horizonte: UFMG, 2003.

<sup>20</sup> COSTA, João Batista de Almeida. “Cultura Sertaneja: a conjugação de lógicas diferenciadas” IN: SANTOS, Gilmar Ribeiro (Org.). *Trabalho, Cultura e Sociedade no Norte/Nordeste de Minas*. Montes Claros: Best Comunicação e Marketing, 1997, pp. 77- 96.

parece fundamental, do ponto de vista metodológico, para a reconstrução do imaginário comum aos sertanejos norte mineiros que foi sacrificado na marcha da construção de uma narrativa propriamente mineira. Os conteúdos históricos, sociais, culturais, econômicos desse imaginário à contrapelo permanecem no território norte mineiro, no campo e na cidade, como “cacos” que têm sido articulados numa outra narrativa, ainda que subsumida, oposta àquela iluminada aos olhos da nação brasileira.

Ao considerar as ruínas no drama barroco alemão, Benjamin (1994) afirma que no rosto da Natureza está escrito a História com os caracteres da caducidade. A fisionomia alegórica da Natureza-História, representada no palco pelo drama barroco, está realmente presente como ruína. Com ela, a história se fundiu concretamente com o cenário. Assim, a história se configura como processo de uma vida eterna, de uma decadência inevitável.

Estimulado por transformações surgidas na antropologia, na psicanálise, na linguística e nas artes, no início do século XX, Benjamin (1994) propõe um novo olhar sobre a matéria histórica, rompendo com pressupostos homogeneizantes de inspiração hegeliana, fadados a uma organização do tempo em etapas.

A inovação metodológica proporcionada pelos membros da chamada Escola dos *Annales* sustenta-se numa perspectiva temporal consubstanciada na interdisciplinaridade. Mas essa interdisciplinaridade seria incompatível com a temporalidade do acontecimento, do único, do singular e do irrepetível. Ela não teria lugar numa perspectiva linear, progressista e teleológica da dita história tradicional e irreversível das filosofias da história.

A revolução epistemológica dos *Annales* está intrinsecamente relacionada à mudança na compreensão do tempo histórico. Antes dos *Annales*, os historiadores, mesmo heterogêneos, nunca chegaram a concebê-la tal e qual. Marc Bloch (2000) e Lucien Febvre (2011)<sup>21</sup> ao recusarem o tempo teleológico da filosofia e da teologia, que sempre apontava para um futuro organizador da razão ou da providência, aproximam-se do tempo da ciência. Tanto o espírito universal, colocado no interior da história, quanto o espírito transcendente assumem uma perspectiva progressista que solapa as diferenças.

---

21 FEBVRE, Lucien. “Face ao Vento: manifesto dos novos *Annales*”. IN: NOVAIS, F.; SILVA, R. *Nova História em perspectiva*. S. Paulo: Cosac & Naify, 2011. p.75-85. BLOCH, Marc. *Apologia da História ou O Ofício de Historiador*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000, 56-60.

Em nome da história de “*longuedurée*” (longa duração) e da “*mentalité collective*” (mentalidade coletiva), Ferdinand Braudel (REIS, 1994)<sup>22</sup> problematiza o conceito de tempo na historiografia e questiona a história dos acontecimentos e do tempo breve na escrita histórica tradicional, prefigurando outra perspectiva sobre o passado. Os *Annales*, ao incorporarem preceitos epistemológicos das Ciências Sociais, não abrem mão da sucessão e da qualidade, especialmente da mudança qualitativa na história. Recusam o progresso porque esse conceito, herdeiro do Iluminismo, implica apreensão da história como a realização de valores, conservadores ou progressistas, como demonstrou Benjamin (1985)<sup>23</sup>, referindo-se ao historicismo e à social-democracia alemã.

Ampliando o horizonte dos *Annales*, a *Nouvelle histoire* postula a multiplicidade no processamento da história e rechaça a compreensão metafísica segundo a qual a história caminha de forma linear, preceito dos ideólogos do progresso.

A nova história não aceita a ideia de um tempo progressivo ainda porque este, além de contínuo, é cumulativo e irreversível. O tempo, a partir da perspectiva dos *Annales*, é múltiplo, descontínuo e assimétrico, sem unidade totalizante. Ressalta José Carlos Reis (1994, p. 130) que

como não é mais Deus ou o progresso, hipóteses globalizantes, que coordenam os tempos diferentes, fazendo-os convergir, os historiadores diversos, com suas problematizações singulares, conjunto de documentos específicos, teoria e conceitos particulares, é que reconstruirão esses processos objetivos, assimétricos entre eles, pruri direcionados e, internamente, também plurais e heterogêneos (REIS, 1994, p. 130).

O tempo histórico não contínuo, não progressivo, não cumulativo, não universal, não direcionado especulativamente, não linear, não global porque artificial, leva a uma mudança significativa na observação dos processos objetivos, qual seja, a de perceber as estruturas particulares antes de uma única estrutura universal.

Os *Annales* inovaram a história de forma consequente ao criticar a irreversibilidade continuista e homogênea, postulando descontinuidades e diferenças como rupturas inerentes ao tempo, o conhecimento como resultante de contrastes entre sujeitos. A história, por este viés,

22 REIS, José Carlos. *Nouvelle histoire e tempo histórico: a contribuição de Febvre, Bloch e Braudel*. São Paulo: Ática., 1994, p. 28

23 BENJAMIN, Walter. *Teses sobre o Conceito de História*. Obras Escolhidas I. São Paulo, Brasiliense, 1985.

passou a se revelar na contemporaneidade atravessada por incertezas vindas de alianças tradicionais com as Ciências Sociais.

Nessa atmosfera de incertezas quanto ao fazer histórico, a perspectiva da micro história possibilita reflexões relevantes para a produção de conhecimento sobre o passado. Essa corrente fomenta deslocamentos interpretativos bastante elucidativos da matéria histórica, dos muitos sistemas organizadores da vida social, de situações vividas pelas coletividades, de operações semânticas empreendidas pelos indivíduos em suas respectivas comunidades.

A micro história busca reconstruir, a partir de uma situação particular, normal porque excepcional, a “exceção normal”, a maneira como os indivíduos produzem o mundo social, por meio de suas alianças e confrontos, através das dependências que os ligam ou dos conflitos que os opõem, conforme nos orienta Carlo Ginzburg (2007, p. 277).

Os objetos da história não são mais, para a micro história, as estruturas e os mecanismos econômicos que regulam as relações, mas as rationalidades, as inventividades e as estratégias efetuadas pelos indivíduos, pelas famílias, pela comunidade. A história se afirma centrada nas variações e discordâncias existentes, nas diferenças dos sistemas de normas de uma dada sociedade. O olhar histórico se deslocou das regras impostas pela sociedade aos seus usos inventivos e criativos. Em suma, a crítica engendrada na micro história se baliza também na crítica ao progresso.

A contribuição da micro história foi importante no sentido de combater a abstração etnocêntrica das teorias da modernização, o seu progressismo e suas narrativas ufanistas. O componente de convergência entre a história praticada pelos *Annales* e a micro história se situa na rejeição do etnocentrismo e a teleologia que caracterizava a historiografia que nos foi legada pelo século XIX.

Carlo Ginzburg, na linha de Walter Benjamin (1990, p. 702), recusa tanto a teleologia da filosofia da história quanto a narrativa do “Era uma vez...”, bem como o progresso que oculta a luta dos vencidos. O rompimento com uma história fundamentada em qualquer tipo de determinismo, de estruturas imóveis, de processos sociais sem indivíduos, resulta de um pensamento que não aceita o *continuum histórico progressista*, o *etapismo* ordenador das escalas arbitrárias do tempo, o positivismo mascarado em ciência da história.

Carlo Ginzburg lida com as incertezas, as dúvidas, as hesitações, os obstáculos, os silêncios, bem como as perguntas contundentes e reveladoras da autoridade constituída, dos inquisidores, tomando-os como elementos constituintes da experiência histórica.

Carlo Ginzburg, no seu livro: “O queijo e os vermes”, por exemplo, é estruturado num vaivém entre a micro história e a macro história, num movimento entre “close-ups” e planos gerais, ou seja, a realidade é fundamentalmente descontínua e heterogênea”, na ótica de Ginzburg (2007, p. 269).

Infere-se dessas correntes historiográficas que a configuração do paradigma da descontinuidade surge, de forma lenta, mas substancialmente sólida, para o pesquisador que se atém à inventividade do sujeito, à crítica do continuísmo metodológico, aos desvios, às arestas interpostas nos documentos ou relatos. Os obstáculos que se apresentam ao historiador devem fazer parte do modelo narrativo que, perscrutando a realidade, busca a verdade, ainda que sempre parcial.

Os processos de independência de países outrora considerados terceiro-mundistas, depois, subdesenvolvidos e, de uns tempos para cá, países em desenvolvimento (atualmente o conceito de “emergentes”), não significaram, sobretudo na América Latina, uma descolonização do pensamento propriamente dita.

O colonialismo, como sustentam autores empenhados na crítica pós-colonial, como Edward Said (1991) e Stuart Hall (2011), permaneceu e permanece sob novas formas, bastante perceptível na esfera da cultura, da economia e do conhecimento. Mudanças de governo, por mais radicais que tenham sido em alguns casos, não significaram ruptura com a colonialidade do saber e do poder, conforme nos advertiu Aníbal Quijano (2005). Para esse autor, as razões coloniais hierarquizaram as sociedades com a subalternização da maioria delas a partir da construção de uma narrativa do Ocidente que deu suporte à homogeneização dos processos mundiais por meio da urbanização para construir a modernização globalizada.

Os muitos Estados-nação que, a exemplo do Brasil, nasceram no século XIX trouxeram consigo um projeto imaginado de nação que, em consonância com a racionalidade dos colonizadores europeus, correspondia à homogeneização de diferentes povos, comunidades e culturas.

Ainda de acordo com Aníbal Quijano (2005) e outros, a colonialidade do poder e do saber como crítica ao eurocentrismo evidências como a América constituiu-se como o primeiro espaço/tempo de um padrão de poder de vocação mundial e, desse modo, como a primeira expressão da modernidade. Dentre os eixos formadores desse padrão de poder, destaca-se a classificação hierárquico-social da população mundial por meio de três dimensões diferentes e simultaneamente articuladas: trabalho, gênero e raça; sendo importante enfatizar que este último fundamenta as outras duas dimensões de classificação (QUIJANO, 2000).

A dominação colonial é simultaneamente material e simbólica. No entendimento de Porto-Gonçalves (2005), a colonialidade do saber nos revela que há um legado epistemológico do eurocentrismo que nos impede de compreender o mundo a partir do próprio mundo em que vivemos e das *epistemes* que lhes são próprias.

Nesse sentido, Boaventura de Souza Santos (2007) enfatiza que não é possível alcançar a justiça social se não houver justiça cognitiva, uma vez que a violência cognitiva permitiu a violência física, material e simbólica, que fundamentou a violência colonial.

Assim, ainda segundo Porto-Gonçalves,

Dizer colonialidade é dizer, também, que **há outras matrizes de racionalidade subalternizadas resistindo, reexistindo**, desde que a dominação colonial se estabeleceu e que, hoje, vêm ganhando visibilidade. (PORTO GONÇALVES, 2006, p. 165 – **grifos nossos**)<sup>24</sup>

Outra característica importante do colonialismo diz respeito ao seu particular Etnocentrismo<sup>25</sup>, formulado por noções de diferença como desigualdade e por um racismo

<sup>24</sup> PORTO-GONÇALVES, Carlos Walter. “A reinvenção dos territórios: A experiência latino-americana e caribenha”. In: CECEÑA, A. E. (comp.). *Los desafíos de las emancipaciones nun contexto militarizado*. Buenos Aires: CLACSO, 2006. p.151- 197.

<sup>25</sup> O Etnocentrismo para ROCHA, Everardo P. Guimarães. *O que é etnocentrismo?* São Paulo: Brasiliense, 1988 seria a “visão de mundo onde o nosso próprio grupo é tomado como o centro de tudo e todos os outros são pensados e sentidos através dos nossos valores, nossos modelos, nossas definições do que é a existência”. (p.5). Para ele o etnocentrismo tem como pano de fundo o choque cultural, ou seja, quando o grupo do chamado “eu” (aquele que compartilha muitas vezes da mesma maneira, atribuindo significados comuns e agindo de forma semelhante) se depara com um outro grupo do “outro” do “diferente” (que age de uma maneira totalmente diferente da minha, ocorre então um choque que gera o etnocentrismo. A característica da atitude etnocêntrica de se pensar este “outro” - o diferente- como aquele atrasado, ao qual pautando-se pela minha visão de mundo é acrescentado o caráter de selvagem, bárbaro enquanto que o grupo formado pelo “eu” está inserido no mundo do saber, do trabalho e do progresso que este diferente supostamente deveria atingir. O etnocentrismo de acordo com o autor, não é propriedade de uma única sociedade, mas se faz uma atitude unânime que é encontrada tanto na história das sociedades, como está presente em nosso cotidiano. Segundo o autor todas essas maneiras exacerbadas, e por muitas vezes cruéis de se pensar o outro acabam por correlacionar-se a violência e à intolerância. Na verdade, é comum fixar o pressuposto de que o “outro” não possui autonomia nem voz, o que acontece então, é que este acaba

intrínseco, por acreditarem que “cada raça tem um status moral diferente”, independentemente das características partilhadas por seus membros.

[...] o colonialismo não se contenta com impor a sua lei ao presente e ao futuro do dominado. **O colonialismo não se contenta com encerrar o povo nas suas redes, com esvaziar a cabeça do colonizado de qualquer forma e de qualquer conteúdo. Por uma espécie de perversão da lógica, orienta-se para o passado do povo oprimido, distorce-o, desfigura-o e aniquila-o.** Essa empresa de desvalorização da história anterior à colonização assume hoje o seu significado dialético (FANON, 2005: p. 244 apud ARENDT, 1989) – (grifos nossos).

O colonialismo ganha um impulso decisivo em terras americanas e africanas no final do século XIX, com o advento de uma política imperialista propriamente dita numa conjuntura de unificação dos Estados nacionais e aceleração do progresso econômico baseado na industrialização.

Conforme Hannah Arendt (1989, p. 156), o “Imperialismo surgiu quando a classe detentora da produção capitalista [burguesia] rejeitou as fronteiras nacionais como barreira à expansão econômica” (1989, p.156). O crescimento do comércio passou a ditar os rumos das políticas externas e os Estados nacionais, por conseguinte, passaram a assegurar os seus interesses por via da força que, não raro, culminou em violência monstruosa contra os povos tidos e havidos como “periféricos”, situados nas distantes ex-colônias, em termos legais, europeias.

Com a política imperialista, as colônias passaram a figurar como espaços para assentamento de novos mercados consumidores, além da já tradicional geração de matéria-prima para abastecimento das indústrias situadas nas metrópoles europeias. O empreendimento colonial foi edificado sob a égide do capital excedente, mão-de-obra supérflua e proteção do Estado. A expansão comercial foi incorporada como política nacional e tornou-se um importante instrumento dos nacionalismos. “O Imperialismo”, comenta Hobsbawm (2001, p. 106), “apresenta-se de maneira sedutora, como solução dos problemas internos dos estados nacionais europeus, mostrando-se como um eficiente aglutinante ideológico”.

De 1880 a 1914, o expansionismo europeu, verticalizado radicalmente pelo horizonte político imperialista, dividiu a “maior parte do mundo em territórios sob governo direto ou sob

---

por ser representado pelas imagens distorcidas, manipuladas e não verdadeiras provindas de diversas fontes como a indústria cultural, livros didáticos, mídia que procuram transformar ora este “outro” em um ser traiçoeiro cheio de defeitos, ou ainda, em outro momento num ser bondoso, manso repleto de boas qualidades.

dominação política indireta de outro Estado”. Tal processo, evidentemente, teve drásticas consequências internas, no próprio solo europeu, com o acirramento de disputas entre as potências coloniais ávidas por domínios territoriais que assegurassem à economia nacional sua estabilidade (HOBSBAWM, 2001, p. 88).

A aquisição de colônias, como aponta Arendt (1989, p. 180), tornou-se um símbolo de status de poder entre as nações europeias no século XIX, momento em que se pode falar numa *mundialização da economia*, que atinge os lugares mais distantes e estabelece uma rede de transações comerciais, de comunicação e circulação de bens e pessoas.

Racionalizando o imperialismo a partir do horizonte colonialista, Hannah Arendt (2006, p. 216) entende que a estruturação do sistema colonial se baseia em três princípios básicos:

- 1) o expansionismo europeu, que, além do aspecto econômico, comporta o desejo político de permanente expansão e domínio territorial; 2) a burocracia colonial, que cria um poder político nos territórios colonizados, usando da força da polícia e do exército para manter o poder e assegurar a supremacia da metrópole; e 3) o racismo, usado como instrumento ideológico para justificar a dominação colonial, com o princípio da superioridade racial dos brancos autorizando todo tipo de abuso e violência contra o colonizado (ARENKT, 2006: p. 216).

A burocracia foi um importante aliado para o estabelecimento dos domínios nas terras ocupadas, configurando-se, paulatinamente, como forma de governo. As organizações sociais locais, constituídas em razão de dinâmicas nacionais próprias, foram sistematicamente substituídas pela burocracia, com o administrador assumindo os poderes de governar, mesmo por relatório e decretos, amparado pela força militar da metrópole deslocada para as colônias.

Enfatiza Hannah Arendt (2006, p. 216) que

foi a burocracia a base organizacional do grande jogo da expansão, no qual cada zona era considerada um degrau para envolvimentos futuros, e cada povo era um instrumento para futuras conquistas.

O Imperialismo acabou por converter o racismo em doutrina de Estado, importante arma político-ideológica para a imposição de preceitos como o da inferioridade dos povos africanos, ameríndios e asiáticos. Tais povos, de acordo com o “racismo colonialista”, seriam desprovidos de elementos característicos da humanidade, fato que autorizaria sua subjugação pela raça europeia, ariana, supostamente “superior”. O mito da superioridade racial europeia, cujas raízes se identificam no século XVI, toma força com o progresso industrial e científico no século XIX,

tornando-se elemento ideológico fundamental ao estabelecimento do Etnocentrismo e do Eurocentrismo.

O objetivo do discurso colonial é apresentar o colonizado como uma população de tipos degenerados com base na origem racial de modo a justificar a conquista e estabelecer sistemas de administração e intrusão (BHABHA, 1998, p. 111).

Com relação ao Imperialismo, Edward Said (2007) entende que o Ocidente inventou uma imagem do Oriente que pauta seu horizonte epistemológico, determinando, por exemplo, sua concepção de identidade própria e alheia. O “orientalismo ocidental” se caracteriza como modo estabelecido e institucionalizado de produção de conhecimento e representações sobre as várias regiões do mundo. O orientalismo, conforme interpretação de Edward Said empreendida por João Batista de Almeida Costa (2006, p. 86) em face da realidade do Norte de Minas Gerais, expressa uma “fronteira cultural” definidora de sentido entre “uns nós e um eles” no interior de uma relação que produz e reproduz o outro como inferior.

Em uma perspectiva antropológica, Gilbert Rist (2002) considera que, a partir da concepção eurocêntrica de “progresso”, os Estados-Nações europeus lançaram-se em uma missão civilizadora para retirar das garras da selvageria e barbárie os muitos povos constituintes das humanidades dispersas pelo planeta. Desde então, e principalmente, após a Segunda Guerra Mundial, é construída como uma religião a crença no desenvolvimento.

Todos os Estados-Nações que emergiram com a independência das, até então, colônias europeias, deveriam colocar-se em marcha para desenvolver-se. Entretanto, o autor considera a impossibilidade da realização da meta pretendida, dado que a cada movimento os países desenvolvidos deslocam-se para outro ponto a ser alcançado pelos que se lançam no processo desenvolvimentista.

## **Os conteúdos do signo sertão**

A primeira imagem que nos vem à mente quando escutamos a palavra sertão, normalmente, é a espacial, que nos remete imediatamente ao interior brasileiro, à “roça”. Na maioria das vezes, em nosso imaginário, esse espaço também evoca lembranças e cenários, tais como “atrasado”, “rural”, “rústico”, “lugar ermo”, “isolado”, “deserto”, “fraca população e vazio”, “fatigante”, “forte calor”, “aridez”, “solidão”, local “inóspito” para se morar (MÄDER, 1995).

Nesta tese, mergulha-se em busca de diferentes perspectivas para encontrar os sentidos do sertão cujos significados são múltiplos e díspares tendo, principalmente, como alicerce a dimensão meramente espacial, opondo costa/sertão – espaço localizado no interior, longe da costa e do mar (VIDAL E SOUZA, 2007). Mas também lugar de vivências, como afirmado por Euclides da Cunha (1982), “lugar inculto, distante das povoações ou das terras cultivadas, longe da costa”. A imagem do sertão como espaço interior, mas associado à ideia de imensidão da nova terra encontrada, aparece já no primeiro relato sobre o Brasil, na “certidão” de nascimento do país, escrita por Pero Vaz de Caminha<sup>26</sup>.

**Pelo sertão nos pareceu, visto do mar, muito grande**, porque a estender d’olhos não podíamos ver senão terra com arvoredos, que nos parecia muito longa (CUNHA, 1982 - **grifos nossos**).

De início, parece que o sertão estava não no interior, mas em toda parte, como será enunciado por Riobaldo no *Grande sertão: veredas* de Guimarães Rosa (1983)<sup>27</sup>.

Entretanto, a forma de “ver” do português era o olhar do mercador – os portugueses queriam mercadejar e tratar de seus negócios –, o que ele vinha buscar era, sem dúvida, a riqueza, mas riqueza que custa ousadia, não riqueza que custa trabalho(...). A riqueza tinha que ser adquirida de forma rápida, quase imediata, por isso não importava muito aos colonizadores povoar e conhecer mais do que as terras litorâneas, por onde a comunicação com o reino fosse mais fácil (HOLANDA, 1989, p. 18 apud MÄDER, 1995).

---

26 CAMINHA, Pero Vaz de. *A Carta de Pero Vaz de Caminha*. São Paulo: Moderna, 2016.

27 ROSA, João Guimarães. *Grande Sertão: Veredas*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1983.

Dessa maneira, o sertão deveria permanecer como se encontrava para ser expropriado daquilo que continha, e a Coroa portuguesa, fugindo de prejuízos, estabelece suas feitorias na costa da colônia. (HOLANDA, 1989, p. 18 citado por MÄDER, 1995).

Com a vinda da família real portuguesa para o Brasil, em 1808, e a abertura dos portos às nações “amigas”, um grande número de estrangeiros aportaram-se nos trópicos em decorrência do processo de esquadrinhamento de todos os espaços existentes no planeta conduzido pelos impérios europeus. Tal fato abriu um ciclo de viagens de cientistas, cronistas, missionários, artistas e comerciantes de várias partes da Europa em busca de um conhecimento preciso e detalhado sobre a flora, a fauna, as potencialidades econômicas, a realidade social e os modos de vida dos povos, em nosso caso, o esquadrinhamento da Terra *Brasilis* para a construção de uma cartografia de poder, de exploração e de expropriação, bem como de instalação de missões civilizadoras.

O Brasil pode ser compreendido a partir das narrativas publicadas por diversos europeus que transitaram por amplos espaços do território brasileiro e que construíram uma visão sobre a terra e as gentes vivendo nessa sociedade latino-americana. E, como dito por Vidal e Souza (1997), essas narrativas fundamentam a construção de uma sociografia explicativa do país. Os interesses desses viajantes vinculavam-se aos estudos e pesquisas de caráter botânico, geomorfológico, zoológico e antropológico, e não é novidade que a ideia predominante em seus relatos sobre o Brasil Central seja a de uma região “desértica”, “pobre”, “isolada e de difícil acesso”. Esses viajantes europeus produziram observações que nos permitem compreender o território relacional, a utilização do espaço, as relações sociais presentes, as articulações socioambientais e as relações interespaciais.

Conforme Laura de Melo e Souza (1986)<sup>28</sup> apud Mäder (1995), desde os primeiros exploradores, a América foi vista como a terra de homens “rústicos”, “sem história”, que deveriam ser “cristianizados”. Com a colonização das áreas costeiras do continente, as populações interioranas, dentre elas quilombolas, indígenas, sertanejas, continuaram a ser identificadas como “selvagens” e o sertão, por sua vez, como “terra indômita”, lugar de “bandidos”, de “indolentes” e “facinorosos”. (SOUZA, 1986 apud MÄDER, 1995).

---

28 SOUZA, Laura de Mello e. *O Diabo e a Terra de Santa Cruz: feitiçaria e religiosidade popular no Brasil Colonial*. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.

Em visita às terras brasileiras, viajantes de diferentes nacionalidades contribuíram, especialmente no século XIX, para a reconstituição da vida social, econômica e cultural do país.

### **Os sertões na visão dos europeus**

“A paz e a liberdade que eu desfrutava naquelas solidões {sertão norte de Minas} seriam certamente um dia motivo de nostálgicas lembranças”.  
(Saint-Hilaire)

O botânico francês August de Saint-Hilaire foi um desses viajantes que, no Brasil, mais se destacou compondo uma série de observações sobre o sertão notadamente em sua porção do Norte de Minas e sul de Goiás, entre os anos de 1816 e 1822. Em sua narrativa, esse viajante aborda aspectos diversos do sertão, como o clima, a vegetação, a flora e a fauna, os hábitos e costumes dos habitantes dos lugares visitados, a religião, a mineração, a economia e a política.

Nos escritos de Saint-Hilaire e de outros viajantes europeus, transparece a influência das teorias Evolucionista de Herbert Spencer, Charles Darwin, bem como da ideologia colonialista europeia. O viajante-cientista procura caracterizar os tipos humanos que encontra e avaliar se a sociedade tinha caminhado no sentido de estabelecer a vida “civilizada” nos trópicos. Saint-Hilaire nos revela o sertão relacionado à violência. Em sua narrativa,

enfim, estou persuadido de que **essa região deserta frequentemente serviu de asilo a criminosos perseguidos pela justiça**. Não nos devemos admirar, pois, de que, nos primórdios, **uma tal população se tenha mostrado pouco submissa à autoridade governamental. Houve um tempo em que os assassinatos eram, dizem, frequentíssimos no sertão** (SAINT-HILAIRE, 1975, p. 308 - grifos nossos).

O botânico francês se espanta ao adentrar o sertão, pois acreditava-se, naquele período, que o sertão era extremamente “violento”, habitado por “fascinorosos”, “vassalos rebeldes”, que não se intimidavam ante as ordens vindas das autoridades metropolitanas. As elites brancas que viviam nos centros urbanos situados no litoral acreditavam, conforme argumenta Carla Anastasia (2005), que “as transgressões e as arbitrariedades” que conferiam ao sertão um aspecto de “terra sem lei” tinham uma motivação geográfica: o fato de o sertão se situar em lugar distante dos grandes centros de poder.

Para viabilizar o avanço do processo civilizador, os europeus acreditavam que deveriam governar diretamente imensas regiões da Ásia e da África, ou ajudar a corrigir os erros e os abusos em suas colônias americanas e africanas.

Em geral, o viajante-cientista desempenhava o papel de conselheiro das elites nas colônias da América do Sul, responsáveis pela eliminação da “barbárie no interior” do continente.

Assim, Saint-Hilaire antevê que

Vivendo em um clima quente e tendo, por conseguinte, poucas necessidades, seus habitantes jamais mostrarão, sem dúvida, a atividade dos povos setentrionais da Europa ou da América boreal; (...) não poderão permanecer na mesma **indolência** {preguiça} (SAINT-HILAIRE, 1975, p. 320 – **grifos nossos**).

Em razão dos percursos escolhidos por esses pesquisadores, que se afastaram da Costa e privilegiaram áreas do interior, encontramos em suas obras muitas referências ao sertão e aos sertanejos especificamente do norte de Minas Gerais, no *quadro geral do sertão* - uma das impressões que Saint-Hilaire teve sobre o sertanejo norte mineiro aparece na seguinte narrativa:

o povo do deserto (sertão) é atualmente **bom, hospitalero, caridoso, pacífico**, mas essas virtudes são apenas o resultado de seu temperamento e deixa-se levar por ele sem esforço e como que por instinto (SAINT-HILAIRE, 1975, p. 309 – **grifos nossos**).

O viajante francês ressalta ainda que

o que torna mais meritória a hospitalidade, que se encontra nesse país, **entre a gente mais pobre, é que ela é sempre acompanhada de um ar de satisfação** que põe completamente à vontade o viajante, e este último é quase levado a crer que é ele quem obsequia seus anfitriões (SAINT-HILAIRE, p. 356 – **grifos nossos**).

Sob os auspícios de uma Europa Iluminista e colonialista, Saint-Hilaire narra as suas impressões acerca de sertão e sertanejos. Saint-Hilaire foi o naturalista que mais percorreu as províncias do Brasil patrocinado pelo governo francês, e teve como objetivo oficial enviar pesquisas e coleções ao Museu de História Natural de Paris.

Saint-Hilaire, assim como alguns autores, escreveu sobre a visão que se tinha do Brasil no Velho Mundo, normalmente influenciados a partir de notas, manuscritos, comentários e notícias decorrentes das viagens de clérigos, boticários, cronistas e iconografistas como Rugendas e Debret.

Dessa maneira, os relatos não exprimiram apenas as impressões imediatas de Saint-Hilaire, mas resultaram também do conhecimento de outros pesquisadores e do estudo de muitos documentos aos quais ele teve acesso.

Ao entrar no sertão norte mineiro, Saint-Hilaire (1975, p. 360) confessa o seu tédio provocado pelo calor e a solidão da paisagem:

É difícil exprimir o tédio que experimentei durante esse espaço de tempo (...).  
**Maldizia essa viagem ao sertão, tão fatigante, e que me fizera perder um tempo tão precioso** (SAINT-HILAIRE, 1975, p. 360 – **grifos nossos**).

Todavia, por vezes, Saint-Hilaire (1975, p. 110) deleita-se com a solidão sertaneja: “A paz e a liberdade que eu desfrutava naquelas solidões seriam certamente um dia motivo de nostálgicas lembranças”.

Prevendo o progresso do sertão, o naturalista deseja que seu relato informe aos futuros brasileiros como era inútil e miserável o interior do país. Ainda no “Quadro geral do sertão”, Saint-Hilaire revela que

**Com o tempo essa região deixará de ser deserta {vazia de população}** (...) O sertão conhecerá novos recursos, e, ao mesmo tempo, restar-lhe-ão sempre gordas pastagens, terras férteis, e um rio que, navegável em imensa extensão, estabelecerá úteis comunicações entre o país e o oceano. (SAINT-HILAIRE, 1975, p. 320 – **grifos nossos**)

Antevendo o futuro, o francês anuncia o destino do sertão: desaparecer e ceder lugar à “civilização”, tornando-se “útil”. Seus habitantes, uma “escória desprezível”, será substituída pelos construtores de “impérios” que poderão notar, graças aos relatos dos viajantes pioneiros, o quanto contribuíram para a superação do caos e da barbárie.

Dessa forma, o botânico francês desconsidera as experiências sociais das populações sertanejas “os sertanejos vegetam na ignorância”. (SAINT-HILAIRE, 1975).

Dessa maneira, Saint-Hilaire não suporta a ideia de que esse mundo sertanejo, para ele, “marginal”, “misterioso”, “selvagem” e “ameaçador” continue a existir, pois ele “contém os germes” da mudança. A missão do viajante, depois de muito tédio e sofrimento, é anunciar o fim desse mundo. Saint-Hilaire apresenta o sertão como deserto, mesmo deixando entrever os indícios da presença humana.

Assim sendo, à imagem de um estado caótico, que deve ser substituído pela ordem civilizada, é necessário, portanto, que o Estado, a Igreja e os empreendedores capitalistas dominem o interior.

No entanto, os sertanejos norte mineiros, na ótica desse viajante francês, manifestam um considerável “conhecimento prático” no manuseio e conhecimento fitoterápico de ervas e

plantas, um jeito próprio de lidar com os animais nativos, marcado por sensível observação da natureza, algo decorrente de seu pertencimento ao sertão, de sua relação íntima com o sertão (SAINT-HILAIRE, 1975, p. 332-348)

Para Saint-Hilaire, o isolamento do morador do sertão-deserto mantém o estado de “barbárie” e emperra, quando não inviabiliza, a “marcha da civilização” em direção ao progresso social.

Nesse sentido, Saint-Hilaire aponta vários motivos para o comportamento “rústico” das populações do interior do Brasil e, mais uma vez, as relações interpessoais restritas, o isolamento e o desconhecimento do mundo exterior surgem como fatores intrigantes.

O cientista deprecia a atitude pacata do sertanejo interiorano e procura explicá-la a partir das debilidades de seu caráter e de seu modo de vida. Apresenta o sertanejo como alguém incapaz de entender e exprimir em palavras o que observa, ou seja, que não consegue produzir conhecimentos, nem mesmo formular perguntas.

Por fim, só o *processo civilizador*<sup>29</sup> poderia produzir uma verdadeira vida social e educaria os apáticos americanos do interior.

Algo muito semelhante ao que se encontra em Saint-Hilaire é perceptível na narrativa de dois viajantes alemães. Vejamos como Spix & Martius (1976: p. 50) descrevem a parte “menos povoada” de Minas Gerais:

**O sertanejo é criatura da natureza, sem instrução, sem exigências, de costumes simples e rudes.** Envergonhado de si próprio e de todos que o cercam, **falta-lhe o sentimento da delicadeza moral**, o que já se demonstra pela negligência no modo de vestir; porém, é bem-intencionado, prestativo, nada egoísta e de gênio pacífico. (SPIX & VON MARTIUS, p. 76 – **grifos nossos**)

---

29 Na obra *O Processo Civilizador* de Norbert Elias, na qual o autor analisa a história dos costumes a partir da formação do Estado Moderno e suas influências sobre a civilização. Em *O Processo Civilizador*, Norbert Elias leva-nos a pensar no que aconteceria se um homem da sociedade ocidental contemporânea fosse, de repente, transportado para uma época remota, tal como o período medievo-feudal. Possivelmente descobriria nele hábitos e modos que julga selvagem ou incivilizado em sociedades da atualidade. Tais hábitos, diferentes dos seus, não condizem com forma como foi educado, por isso os homens os abominariam. É possível que encontrasse um modo de vida muito diferente do seu, alguns hábitos e costumes lhe seriam atraentes, convenientes e aceitáveis segundo seu ponto de vista, enquanto poderia considerar outros inadequados. Estaria diante de uma sociedade que, para ele, não seria civilizada. Para este homem, civilizados são os costumes do seu tempo, de seu povo, de sua terra. Aqueles hábitos que sua sociedade abomina é que seriam considerados incivilizados, isto é, as pessoas que os praticaram, não foram educadas, refinadas para a sociedade daquele homem.

Segundo os naturalistas alemães, o interiorano conhece as plantas e as bestas de seu "deserto", mas não lê jornais e ignora o resto da humanidade. Trabalhando apenas para satisfazer suas necessidades elementares, restrito a relações interpessoais limitadas, ele encontra-se afastado do mundo político. “Seu isolamento e sua economia de subsistência são empecilhos para o desenvolvimento cultural do Brasil”.

Os relatos de Spix & Von Martius nos permitem dizer que o homem do sertão brasileiro, em geral, era apresentado como “incapaz de estabelecer relações sociais” consistentes. As experiências sociais do interior do país eram desprezíveis e precisavam ser substituídas pela implementação do modelo europeu de vida civilizada, caso contrário, seus habitantes continuariam sendo “inúteis” e “brutos”.

Oriundo da Era Vitoriana, **Richard Burton** trouxe sua magnífica experiência etnográfica de desbravador da África e Ásia para estabelecer um olhar atento e inquiridor sobre as potencialidades econômicas e sobre a população ribeirinha do Rio São Francisco, no norte de Minas, na segunda metade do século XIX.

Ainda que também marcado pela perspectiva etnocêntrica, que, como Ilka Boaventura Leite (1997, p. 9-10)<sup>30</sup> enfatiza, Richard Burton é considerado o viajante europeu mais fascinante de todo o século XIX, espécie de “estudioso-aventureiro”: foi soldado, cientista, explorador, escritor e, durante boa parte de sua vida, foi agente secreto, falava 29 línguas e vários dialetos. Burton preocupou-se em registrar “as narrações ouvidas sobre os acidentes naturais, as reservas geológicas e as inscrições lapidares”.

O relato de viagem de Richard Burton engloba as impressões pessoais sobre a realidade observada em associação com o estado do conhecimento disponível sobre a região visitada, e pode ser, simultaneamente, diário, memória e crônica, com intensidades variáveis.

No caso do livro sobre sua viagem de canoa pelos rios das Velhas e São Francisco no Brasil, algumas passagens são reveladoras da visão depreciativa de aspectos da vida nos sertões brasileiros, ao serem comparados com regiões percorridas na África. Podemos mencionar o

<sup>30</sup> A autora elabora sua obra com a perspectiva de que os relatos das viagens são textos pré-etnográficos, e servem de sustentação para as teorias histórico-culturais que vêm surgindo ao longo do tempo, assim sendo, cabe ao pesquisador levar em conta as narrativas buscando os elementos ideológicos que as constitui, bem como o contexto ao qual está inserido, pois não há garantias de que os relatos encontrados e analisados estejam isentos de intencionalidades. Para maior fundamentação sobre os Viajantes Europeus ver LEITE, Ilka Boaventura. *Antropologia da Viagem – Escravos e libertos em Minas Gerais no Século XIX*. Belo Horizonte: UFMG, 1996.

caso do ajoujo, balsa em que Burton (1977, p. 13-35) realiza a viagem pelo rio das Velhas: “Jamais vira embarcação tão decrépita (...), semelhante a uma carroça de ciganos flutuante”.

O viajante inglês percebe potencialidades e possibilidades concretas de progresso do império britânico pelas potencialidades econômicas que vê na região que percorre no Brasil. Burton (1977) chega inclusive a questionar alguns posicionamentos políticos da Inglaterra com relação à pressão inglesa para conter o tráfico de escravos, afirmando que a Abolição deve ser condicionada à imigração europeia.

A travessia, no Brasil, que Burton (1977) empreende pelo rio São Francisco é marcada por enormes dificuldades. Em meio à precariedade da canoa que o conduziu de Sabará (MG), até as cachoeiras de Paulo Afonso (BA), ele buscava apoio das autoridades locais, com cartas de apresentação e de recomendação. Percebe o Rio São Francisco como “a futura base do Império”, destacando “a enorme riqueza e a imensa variedade” do entorno do grande rio.

A percepção de Burton (1977) propicia a construção do rio São Francisco como o elemento da integração nacional, em sintonia com o planejamento do Império no país, ou seja, a importância do vale do São Francisco como fator histórico-geográfico para a unidade étnica, social e política, bem como para o progresso do Brasil.

Burton (1977, p. 28-183) critica a negligência dos brasileiros quanto à utilização das vias fluviais, reiterando que as “comunicações pelo vale do São Francisco são ainda embrionárias”.

Burton preocupava-se em registrar a poesia de lugares tidos como “incivilizados”, em que predominavam traços de populações não europeias, uma preocupação comum a viajantes e folcloristas da segunda metade do século XIX, que sentiam a necessidade de registrar hábitos, crenças e gestos vivenciados no cotidiano rural, popular, que poderiam desaparecer à medida que avançasse o processo de modernização no Brasil.

A narrativa que apresenta sobre as romarias em Bom Jesus da Lapa, interior da Bahia, leva-nos a compreender a religiosidade popular dos sertões do São Francisco. O Bom Jesus da Lapa é a maior devoção dos beiradeiros do São Francisco, e o seu santuário remonta ao desbravamento da região, em 1704.

As superstições serviam para explicar acidentes e contratempos da viagem. Um barqueiro chamado “Barba de Veneno” encontrara um pé de cera, possivelmente de um ex-voto

que se perdera a caminho de Bom Jesus da Lapa, mas foi esquecido de levá-lo para o santuário. Segundo ele, todos os problemas nesse trecho da viagem foram atribuídos a tal descuido (BURTON,1977, p.219).

Sobre as numerosas superstições dos barqueiros e ribeirinhos, Burton registra o “cavalo d’água”, muito pouco difundido, já que não encontramos referência a ele em livros sobre o folclore do São Francisco. “Aquela besta é do tamanho de um poldro, com cascos redondos, pelo vermelho e gosta de pastar nas margens dos rios” (BURTON, 1977, p. 174).

Burton relatou ainda a Mãe d’Água, um espírito, uma sereia que habita o fundo do rio:

De formas perfeitas, desdenhando de todo a cauda de peixe e vestida apenas pelos fios dourados da cabeleira, é também **uma sereia**. Seus olhos exercem **uma fascinação irresistível** e **ninguém consegue livrar-se da atração de sua voz**. **Gosta de rapazinhos(...)** e **seduz os barqueiros bonitos**. (BURTON,1977, p. 175 – **grifos nossos**)

O remeiro crédulo, para aplacar a ira da Mãe d’Água, atira dinheiro ao rio, comida ou orações metidas em cabaças, dádivas em troca de favores para que se salve em naufrágios e acidentes eventuais.

O Vale do Rio São Francisco não é apenas um todo econômico e social, mas também um “laboratório de estudos” – repleto da sabedoria popular, senso de realismo, seus contos e lendas têm figuras encantadas, os ditos de duplo sentido e a arte de falar por eufemismo é o forte do sertanejo do Vale do São Francisco (SOUTO, 2004)<sup>31</sup>.

O engenheiro inglês **James W. Wells** veio para o Brasil por volta de 1870, contratado por uma firma inglesa de construção de ferrovias, a *Public Works Construction Company*, para fazer os levantamentos e agrimensura necessários ao assentamento dos trilhos ingleses que, no planejamento de Dom Pedro II para o progresso do Brasil, deveriam ligar a capital imperial ao interior do país e a três pontos distintos do litoral para facilitar o escoamento da produção agropecuária a ser exportada.

<sup>31</sup> SOUTO, Maria Generosa Ferreira. “*Eu nunca vi não... só vejo falar*”. *Mitos e Ritos na Narrativa Oral nas Barrancas do Velho Chico*. 1<sup>a</sup> Ed. Rio de Janeiro, 2004. Generosa analisa, por meio de um trabalho memorialístico, as manifestações culturais orais do Vale do São Francisco, uma forma de evitar a morte da história. Esta pesquisadora traz para a sua escrita, narrativas regionais, na íntegra, de sertanejos simples, guardiões da tradição oral e memorialística da região sanfranciscana, além de reflexões sobre a história e a memória cultural do sertanejo ribeirinho.

Tratando quase sempre com homens analfabetos e muitas vezes incapazes de entender o seu título profissional, James Wells (1995) teve dificuldade em impor-lhes um senso de hierarquia, que se basearia não só no conhecimento técnico e nos diversos equipamentos da vida moderna que carregava consigo e dominava, mas também no poderio imperial e econômico de seu país de origem.

Seu papel de “arauto da civilização”, construtor de estradas de ferro, tampouco é reconhecido pelos habitantes do sertão, que o têm apenas como objeto de passageira curiosidade, ao que o inglês retribui com um olhar irônico e as costumeiras imputações de preguiça e imprevidência aos nativos sertanejos. Transcrevo alguns trechos de sua narrativa, apesar da extensão das mesmas:

a primeira coisa que chama a atenção do recém-chegado da Europa é **a quantidade de gente que se vê em toda parte, apoiada ou reclinada em atitude de preguiça total**, como se seus ossos tivessem sido extraídos dos corpos [...]

Para um estranho, é doloroso testemunhar a **vida tediosa e apática dos habitantes desta região**; (...) A maior parte do tempo dos homens é ocupada visitando seus vizinhos, para conversas incrivelmente longas a respeito de coisa nenhuma, e em fumar, dormir, ou vagar pelas matas ou campos com uma espingarda, atirando em qualquer coisa comestível, sem levar em conta a estação [...] eles apaticamente assistiam a nossas preparações para a noite, **o homem acocorado sobre os calcanhares com os braços estendidos e os cotovelos apoiados nos joelhos** (WELLS, 1995, Vol. 1, p. 301-309 – **grifos nossos**).

Incomodado com a postura que considera caída e frouxa dos sertanejos, vincula a isso o que afirma ser falta de ânimo para o trabalho, descaso para com as possibilidades de empreendimento lucrativo, conformismo e resignação. Assim, Wells (1995) afirma:

(...) **eles desperdiçam seus dias dormindo, e suas noites em orgias de cachaça e canções e danças selvagens**. Um mínimo de trabalho é suficiente para obterem o pouco de que necessitam; eles não desejam mais e estão provavelmente muito satisfeitos e, consequentemente, felizes à sua moda, e talvez devam ser invejados por aqueles que apreciam as delícias de um porco que chafurda na lama e se aquece ao sol. (WELLS, 1995, Vol. 1, p. 265 – **grifos nossos**)

Vejamos, em três momentos, como o viajante enuncia a hospitalidade dos sertanejos “rústicos” do norte de Minas:

Ela agora volta o velho lhe pergunta: Está pronto? e, recebendo uma resposta afirmativa, levanta-se, e como **um gesto bondoso** informa-me que quando eu quiser me retirar, a cama está à minha disposição, se é que eu posso aceitar passar por uma noite na pobre acomodação de um sertanejo. Quando consigo

me recuperar da surpresa causada pela oferta dessas boas pessoas de me cederem sua única cama e quarto e recostarem seus corpos idosos sobre um couro de boi nesta atmosfera hibernal, ora, é claro, reuni todos os meus poderes de argumentação para protestar com energia contra tal arranjo e, agradecendo-lhes muito gentilmente por sua bondade, imediatamente enrolei-me em minha manta ao lado do fogo, como modo mais efetivo de por fim à discussão. Eles se sentam perto da fogueira e conversam em voz baixa. Depois de um tempo, já quase adormecido, abro os olhos e vejo ainda o idoso casal ainda lá sentado, a velha senhora cabeceando de sono. “Ora, Senhor Ignácio, a senhora está evidentemente cansada, porque ela não vai para a cama?” “Não, senhor! **Não podemos dormir enquanto o nosso hóspede não tem uma cama para se deitar; só o faremos quando o senhor fizer o favor de aceitar a única que temos a oferecer; muito nos dói vê-lo dormir aí**”. (...) Eis aqui um dilema, eu, jovem forte e saudável, desalojar o melhor casal de sertanejos que jamais conhecera. (WELLS, 1995, Vol. I, p. 162-163 – **grifos nossos**)

A casa era como aquela de Saco; um canto emparedado por paredes de barro, o resto coberto apenas pelo forro de sapé e os lados todos abertos para a noite fria e o sereno pesado. Selas, couros, rédeas cordas de couro cru, utensílios domésticos, uma mesa e bancos rústicos ocupavam o interior. Um couro estava estendido sobre o chão e um saco grande, recheado de palha de milho, foi colocado sobre ele; travesseiros brancos de linho com beiradas de renda nativa e nossos ponchos e mantas constituíam nossa única e incôngrua cama. Uma bacia de água quente, e toalhas *engomadas* e passadas, com beiradas de renda, foram trazidas por último. (...) Na manhã seguinte, **nossa anfitrião desculpou-se pela falta de melhores acomodações e exprimiu seu grande prazer em nos receber, e a princípio recusou-se a aceitar qualquer remuneração**. (WELLS, 1995: Vol. I., p. 250 – **grifos nossos**)

**Meu anfitrião era um espécime bom, mas raro, de um brasileiro do interior corado e sadio; seu rosto honesto irradiava saúde, cordialidade, e o contentamento de uma vida industriosa. Eu me vali de sua generosa oferta com satisfação, especialmente porque o tempo estava com um aspecto escuro e tempestuoso.** A casa era inusitadamente limpa e organizada, embora as paredes fossem apenas de adobe simples, sem caiação, ela possuía portas bem-feitas, apesar de meio rústicas, janelas com bandeiras e cobertura de telhas. A mobília do interior consistia de pouco mais do que mesas e bancos despojados sobre um chão de terra bem varrido. (WELLS, 1995: Vol. I., p. 287 – **grifos nossos**)

Por outro lado, na narrativa de sua travessia pelo sertão norte de Minas, Wells (1995) vai registrando imagem e palavra, sem a mediação de um guia culto que fizesse a ponte entre a fala rústica do matuto e a linguagem escrita, entre o conhecimento prático e a classificação erudita. Dessa maneira, ele relata os hábitos dos sertanejos que considera repugnantes.

Tento conversar com os meus anfitriões negros, que fazem o que podem por mim, mas esses pobres infelizes não têm muito ânimo para conversas e brincadeiras; **as velhas megeras estendem seus braços esquálidos, negros e murchos sobre o fogo**, parecendo verdadeiras bruxas quando o tremeluzir das chamas lança luzes e sobras momentâneas por suas faces encovadas, traços demoniacamente feios, e os trapos que as cobrem; a chuva entra por diversos furos no teto e forma poças no chão de terra. Bem, eu vou imaginar que é tudo pesadelo e que tudo voltará ao normal com o retorno glorioso dia; mas na

verdade sinto-me em um covil de maus espíritos – até um abrigo de indigentes deve ser melhor do que isso. (WELLS, 1995: Vol. I, p. 283 – **grifos nossos**)

Uma das suas avaliações finais sobre a região Norte de Minas é a de que

Quando a Ferrovia Dom Pedro II alcançar o Rio das Velhas e os seus obstáculos à navegação deste rio forem removidos, haverá, sem dúvida, um aumento de trânsito neste caminho fluvial e Manga, por sua posição na junção dos rios, poderia se tornar com o tempo um local importante [...]há de chegar sem dúvida o dia em que este vale será {Vale do São Francisco} **habitado por uma raça mais enérgica e empreendedora** e seus mananciais de riqueza desenvolvidos [...] sem dúvida, em épocas futuras, à medida que a região for desbravada, esta riqueza vegetal será utilizada, florestas inteiras serão sistematicamente cortadas e as diversas madeiras empilhadas em lotes separados, de acordo com suas variedades.(WELLS, 1995, Vol. I, p. 280 – **grifos nossos**)

As narrativas sertanejas construídas por intelectuais locais que afirmam a existência de uma linguagem e de um sistema outro que impõe uma lei colocando o mundo em revelia. Enquanto memorialistas articulam suas visões do sertão e do sertanejo opondo os cidadinos e os sertanejos que moram nas roças, a hospitalidade versus a visão degradante do espaço sertão e, por outro lado, a singularidade regional na resistência frente às mudanças e a solidariedade nas relações sociais nos tempos das intempéries. Por outro lado, os cantadores apoiados em narrativas e visões populares constroem uma maneira positiva de se ver o sertão e o sertanejo por meio da celebração da natureza e de acontecimentos do cotidiano da vida na região norte mineira. E, por fim, os conteúdos dos signos sertão e sertanejo desde Portugal, antes mesmo da descoberta do Brasil, até Euclides da Cunha enunciam o país e a sociedade com o olhar europeu, manuseado desde seus relatos de viagem ou no contato com os mesmos nas passagens pelas cidades brasileiras quando de seus trânsitos pelo território do país e que tem por base a afirmação de que se trata de um lugar a ser “domesticado”, ou como evidenciado por Elias (1994), ser construído como civilizado.

## CAPÍTULO II

### SERTÃO E CIÊNCIA: PERSPECTIVAS EM CONTRAPOSIÇÕES

Os discursos sobre o sertão são integrantes de um imaginário nacional construído a partir de diversas categorias sociais. Disso resulta a miríade de possibilidades de entendimento sobre o objeto “sertão”.

Neste capítulo, dialogo com textos produzidos dentro e fora do universo acadêmico que podem ser organizados segundo dois horizontes epistemológicos, um virtual e real, no sentido corriqueiro desta palavra. Nossa esforço hermenêutico inspira-se em Claude Lévi-Strauss (1986),<sup>32</sup>precisamente no seu estudo sobre o totemismo, quando, em face da complexidade do objeto, o antropólogo assume o risco da dúvida materializado na pergunta.

Assim, o que é mesmo o sertão? Esta categoria geográfica foi isolada como parte da sua transformação em objeto permanente de preocupações intelectuais, civilizatórias, poéticas. Se as coisas do mundo animal são boas para pensar o humano, pode-se considerar que as coisas de base geográfica, alçada à condição de mito, também, são boas para pensar o que a sociedade brasileira envolve no signo sertão?

Para desenvolver este entendimento, distribuímos os diversos autores de trabalhos sobre o sertão em vertentes interpretativas distintas para, em seguida, trabalhá-los a partir da cronologia da publicação de cada obra. Creio ser possível articular tais estudos a partir das áreas disciplinares onde foram desenvolvidos, sendo assim, trabalharei com abordagens históricas, antropológicas, literárias, dentre outras.

Conforme Clifford Geertz (1989), “os elementos da cultura são textos e, como tais, articuladores de sentidos”. Nesse caso, os sentidos que pensadores e as gentes do Brasil construíram tendo o Sertão como objeto de reflexão. Essa perspectiva se nos apresenta tal como as bolinhas de vidro de Borges (2008), que, ao serem abertas, uma a uma, desvelam sentidos que, na proliferação de possibilidades do conjunto, permitem apreender e compreender a totalidade da realidade em jogo.

---

<sup>32</sup> LÉVI-STRAUSS, Claude. *O Totemismo Hoje*, Lisboa: Edições 70, 1986.

A palavra sertão, na ótica de Janaina Amado (1995, p. 4-6), começou a ser utilizada pelos portugueses no final da Idade Média “para referir-se a áreas situadas dentro de Portugal, porém distantes de Lisboa”. Em sua busca de sentidos para o signo sertão, a autora informa que “a partir do século XV, usaram-na para nomear espaços vastos, interiores, situados dentro das possessões recém-conquistadas ou contínuos a elas, sobre os quais pouco ou nada sabiam.”

A palavra, em sua origem medieval, nomeava regiões distanciadas do controle da Coroa portuguesa com o objetivo de esquadriñá-las pelo régio *poder*, naquela perspectiva discutida por Pierre Bourdieu (1998), quando este, discutindo identidade e representação, considera tais elementos fundamentais para compreendermos o sentido de região. Ao lançarem-se para além-mar, os portugueses, ainda conforme Amado, replicaram, na África e na América, a denominação de sertão para as “áreas extensas afastadas do litoral, de natureza ainda indomada, habitada por índios selvagens e animais bravios”.

Além de desconhecido, o sertão, de acordo com o seu escopo semântico português, era considerado desprovido de cultura, habitado por homens sem fé e sem lei e, ainda, o local onde “detratores” da lei eram enviados para expiar seus pecados. Seus significados, conforme estudo de Candice Vidal e Souza (1997), foram construídos em oposição ao litoral, lugar da civilização, da cultura, dos bons modos de vida e sob o controle da coroa portuguesa.

Um aspecto importante que sobressai da leitura de diversos pensadores do Brasil é a existência de um projeto de construção da nacionalidade que deve se estender pelos espaços do atraso. Nesse sentido, em busca do fortalecimento do Estado Imperial, Francisco Adolfo de Varnhagen (1962),<sup>33</sup> comparando o Brasil com os países europeus, propõe a internalização da capital do império, localizando-a em algum ponto do sertão, para propiciar a implantação de infraestrutura ferroviária e as possibilidades de acesso aos benefícios gerados a todos os rincões.

Para Varnhagen,

**um centro de civilização nos elevadíssimos chapadoens do interior**, e em clima ja não tropical, faria que prontamenteahi se cultivassem artigos de commercio que não cultiva a beiramar e a permuta seria em benefício do paiz, que além disso ficaria mais rico de meios proprios; e n'esses chapadoens a população que hoje é quasi apenas pastoril, passaria a ser agricultora, e até

---

<sup>33</sup> VARNHAGEN, Francisco Adolfo de. *História Geral do Brasil*. São Paulo: Melhoramentos, 1962.

com o tempo, a ensaiar-se em outros ramos d'industria{sic}.<sup>34</sup>  
 (VARNHAGEN, 1962 – **grifos nossos**)

No período republicano, o discurso de matriz positivista propunha uma clara definição geográfica e social do sertão, um imenso espaço territorial vazio a ser mapeado e devidamente nomeado e sobre ele projetada a construção da nacionalidade.

Nessa linha, Euclides da Cunha (2000) partia de uma visão dicotômica que se tornou clássica: o sertão como lugar da negação da nacionalidade, lócus do incivilizado, da barbárie e do atraso em contraposição ao litoral. Propunha a urgente intervenção retificadora daqueles desvios a fim de tornar possível um projeto de nação que incorporasse o sertanejo em seu cerne, ainda que o cerne da nação fosse o sertão distinto do litoral tão lusitano.

Considerando que, para a formação da sociedade brasileira, Capistrano de Abreu<sup>35</sup> (1988) afirma que o sertão é o como espaço privilegiado desse processo. A partir de sua interpretação, que se contrapõe à perspectiva então vigente que enfatizava a centralidade dos eventos ocorridos no litoral durante a colonização, atribui à civilização do couro papel fundamental em seu projeto de nacionalidade. Sua perspectiva de valoração positiva do sertão, por lançar sobre o Brasil um olhar “de dentro”, contesta os princípios ordenadores das disputas simbólicas pelo princípio de classificação e hierarquização do sertão em relação ao litoral. Esse autor considera que o “espírito de liberdade” sertanejo é preponderante na constituição da nação brasileira.

Por sua vez, Oliveira Vianna (2005)<sup>36</sup> embasado pelo olhar de que o sertão é o lugar da selvageria, da desordem e da não estruturação do Estado considera legítimos a destruição da paisagem natural e a submissão dos povos indígenas para abrir os sertões às forças motrizes do progresso pelo avanço da lavoura cafeeira, da ferrovia, pela chegada do colono estrangeiro e pela urbanização do interior.

Já para Werneck Sodré (1941)<sup>37</sup> em seu estudo da formação histórica do Brasil, construída pela análise das alterações processuais e históricas das forças produtivas, os arranjos

<sup>34</sup> VARNHAGEN (1849) *Memorial Orgânico*: <http://doc.brasilia.jor.br/HistDocs/Relatorios/1849-Varnhagen-Memorial-Organico-1.shtml>

<sup>35</sup> ABREU, João Capistrano de. *Capítulos de História Colonial*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1988.

<sup>36</sup> VIANNA, Oliveira. *Populações Meridionais do Brasil*. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2005.

<sup>37</sup> WERNECK SODRÉ, Nelson. *Oeste*: ensaio sobre a grande propriedade pastoril. Rio de Janeiro: José Olímpio, 1941.

das classes sociais decorrentes das transformações no modo de produção, afirma a existência de uma dicotomia qualitativa em que a separação é completa, o litoral agrícola mais dinâmico versus o sertão pastoril feudal. Para ele, o retardamento no progresso brasileiro se deve à permanência da dicotomia construída por Frei Vicente do Salvador que separou a realidade brasileira em dois mundos distintos, o litoral português e conhecido oposto ao sertão em outro estágio de civilização e totalmente desconhecido.

### **Pensamento sobre o sertão**

No pensamento social brasileiro e na historiografia, conforme Janaina Amado, o sertão aparece com sentidos diversos ao longo dos tempos:

entre o século XII e XIV, os portugueses empregam a palavra “*sertão*” ou “*certão*” referindo-se a áreas situadas dentro de Portugal e afastadas da capital. No século XV o usaram para nomear espaços vastos, interiores, localizados dentro das possessões recém-conquistadas ou distantes delas, regiões desconhecidas. Cronistas e viajantes que percorreram o Brasil, desde o século XVI usaram a categoria para designar grandes espaços vastos, distantes, interiores e obscuros e perigosos (AMADO, 1995) – (grifos nossos).

O termo “sertão” é largamente utilizado pela Coroa portuguesa e pelas autoridades lusas nas colônias até o final do século XVII em documentos oficiais. É interessante notarmos que, apesar da descoberta de minas auríferas em Minas Gerais, Mato Grosso e Goiás, da explosão demográfica, acumulação de capital financeiro, fundação de núcleos urbanos e implantação da pesada burocracia lusa, essas regiões continuaram a ser chamadas de sertão (AMADO, 1995, p. 149).

A ideia de sertão era bem difundida no Brasil, era carregada de significados depreciativos. Designava terras sem fé, lei ou rei, áreas extensas, distantes do litoral, de natureza ainda indomada, habitadas por índios “selvagens” e animais bravios, sobre as quais as autoridades portuguesas, leigas ou religiosas, possuíam pouca informação ou controle insuficiente (MÄDER, 1995; ANASTASIA, 2005).

O termo em análise sempre esteve carregado de sentidos negativos, dependendo do local onde se encontrava o enunciante, este geralmente era membro da alta sociedade e habitante de grandes centros urbanos. Sertão (fora das margens) e Costa (margem) foram categorias complementares, uma vez que uma foi construída oposta à outra ao conter significados que as colocam em oposição contrastante e contrastiva.

Para o colonizador, *sertão* constituiu o espaço do “outro”, para os governantes lusos o sertão era o local de enriquecimento e de morte, um exílio a que haviam sido temporariamente relegados; para os expulsos da sociedade colonial, *sertão* representava a liberdade e esperança, liberdade em relação a uma sociedade que os oprimia, esperança de vida nova.

Somente no início do século XIX, em Portugal, o sertão esvaziou-se dos significados que tivera para os portugueses e recebeu outras conotações: espaços amplos, desconhecidos, longínquos; sinônimo de *interior*.

Janaína Amado (1995, p. 150) pontua para a importância que a categoria em análise recebeu em Portugal, usada para classificação e hierarquização dos espaços do império português. Na medida em que o império se fragmentava, o *sertão* perdia seus significados polissêmicos, chegando ao sentido original e anterior à constituição das colônias: o de *interior*.

Por outro lado, no Brasil do século XIX, ocorria um processo inverso: a absorção de todos os significados construídos pelos portugueses a respeito de *sertão* e acréscimo de outros significados, sendo que a categoria é de essencial importância para o entendimento do conceito de *nação*<sup>38</sup>.

Nesse sentido, pode-se afirmar que *Os Sertões*, de Euclides da Cunha, é, sem dúvida, um marco no sentido de que esboça os elementos com que vai ser pensado o problema de nossa identidade nacional. É uma fonte de imagens e enunciados para os diferentes discursos regionais. Em Euclides da Cunha, aparece formulado o par de opostos que vai perpassar os discursos sobre nossa nacionalidade: o paulista *versus* o sertanejo.

Igualmente, percebe-se que a utilização do termo *sertão* foi responsável pela difusão de um tipo brasileiro, pertencente a uma região específica; o sertanejo sempre foi visto como o “desprovido de cultura”. Ressalta-se que a ideia de *sertanejo* e do próprio Nordeste foi uma construção, fruto de obras de autores como Eça de Queiroz, Euclides da Cunha, José Lins do Rego, João Cabral de Melo Neto, entre outros, que relatavam, em suas obras, a seca, a fome, a migração, a religiosidade popular, dentre outros aspectos relacionados ao Nordeste.

---

38 As nações são invenções e constituem comunidades imaginadas conforme ANDERSON, Benedict. *Comunidades imaginadas: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008. - o chamado *nation building*.

O sertão foi, por diversas obras e em diversos momentos, tratado de forma contundente na literatura brasileira, representando tema central na literatura popular, especialmente na oralidade e no cordel (Patativa do Assaré, seu maior expoente), além de correntes e obras literárias, na poesia, prosa, literatura realista.

Desse modo, Amado (1995, p. 154) enfatiza que talvez nenhuma outra categoria, no Brasil, tenha sido construída por meios tão diversos e com significados importantes e variados, sua compreensão é necessária para entendermos a trajetória da História do Brasil.

Percebe-se que as categorias “sertão” e “sertanejo” continuam sendo usadas com o sentido de local onde habitam pessoas desprovidas de conhecimento; a continuidade desses termos refletem as ressignificações que os mesmos sofreram no decorrer dos tempos.

### **O sertão e a Coroa**

O sertão sempre foi visto em contraposição à “Costa”; ao que distancia dos grandes centros urbanos; portanto, a imagem que está vinculada ao sertanejo é de uma pessoa preguiçosa, tranquila e com vestimentas rasgadas. No entanto, explorando na historiografia como a imagem do sertão foi sendo construída, percebemos o quanto essas desqualificações não representam o verdadeiro sentido da categoria explorada (VIDAL E SOUZA, 1997; MÄDER, 1995; LIMA, 1999a).

Compreende-se que o Brasil, desde a sua colonização, foi visto como um território desconhecido, inóspito e, exatamente por isso, uma terra propícia para ser explorada. O sertão não inclui apenas a região Nordeste; no entendimento de Guimarães Rosa (1994, p.4), “o sertão está em toda parte”.

Guimarães Rosa é um dos maiores expoentes do movimento Modernismo e diferencia-se dos demais regionalistas por não abordar os problemas brasileiros de uma maneira superficial, transportando para a literatura diversos preconceitos. Diferencia-se ainda por abandonar a ênfase da paisagem para realçar o ser humano em conflito com o ambiente e consigo próprio, a valorização da cultura sertaneja num momento histórico em que predominava um discurso desenvolvimentista (sob os auspícios do Governo JK) coloca o escritor mineiro de Cordisburgo (região central do estado de Minas Gerais), na contramão da literatura brasileira que, praticamente desde seu início, defendeu a modernização do país.

O sentido de sertão, relacionado ao interior, ao longínquo, ao desabitado, ao esquecido, ou sertão/litoral, evidenciado no pensamento social brasileiro, foi ressignificado no norte de Minas. O sertão cria seus tipos de sertanejos dentro do paisagismo de interferência regional, mas, nem por isso dissociado da conexão geral, ainda nacional. (VIDAL E SOUZA, 1997; COSTA, 1997; OLIVEIRA FILHO, 2009; 2011). Todavia, ainda percebe-se no imaginário social a visão do sertão como o lugar distante, abandonado, espaço geográfico opositor à urbanização moderna das capitais.

Devemos pensar a categoria não somente no seu aspecto regional, mas também num contexto mais amplo, em que o sertão é visto como o desconhecido, o interior, afastado da sede do governo, mas nem por isso deve ser visto como lugar da barbárie. Todavia, esse distanciamento das sedes das instituições oficiais possibilitou oportunidades para fugitivos, degredados da lei de iniciar uma vida nova (ANASTASIA, 2002) (VIDAL E SOUZA, 1997); (COSTA, 1997); (SENA, 2002); (OLIVEIRA FILHO, 2009; 2011).

Nessa mesma perspectiva de análise, a antropóloga Custódia Selma Sena nos mostra que há uma evidente relação entre sertão e identidade. Após ressaltar seus diversos significados, desde a época das grandes navegações e do período de conquista do interior do território brasileiro, segundo ela, a ideia de sertão vai passando, de distante e vazio, a uma dimensão positiva “de vazio a ser conquistado e ocupado”, referindo-se à grandeza do patrimônio geográfico (SENA, 2002).

A categoria sertão condensa diversos significados: um amálgama de imagens, experiências e sentimentos. Simultaneamente descrito como um espaço geográfico, como uma temporalidade, como uma forma de organização social e como um conjunto de características culturais, o sertão é, ao mesmo tempo, *singular e plural*. É esse material simbólico que constitui a matéria-prima de que são feitas as diferenciações regionais, isto é, as identidades regionais<sup>39</sup>.

Na visão de frei José Maria Audrin<sup>40</sup>, em sua obra, ele retrata o cotidiano dos moradores da região, descrevendo com detalhes os diversos aspectos da vida do sertanejo, como as viagens, as caçadas, as pescarias, a alimentação, o vestuário, as doenças, as moradias e a sua

<sup>39</sup> SENA, Custódia Selma. “De Sertões e Sertanejos”. In: *Goiás*. Goiânia: AGEPEL, 2002. p. 85-88.

<sup>40</sup> AUDRIN, José Maria. *Os Sertanejos que eu conheci*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1963. P. 8-9. Outros Tempos, vol. 10, n.15, 2013.

religiosidade. Os sertanejos apresentados por ele são aqueles que não são vítimas de secas periódicas que aniquilam criações:

[...]. São livres; vivem e pelejam num país de florestas, de verdes campinas e várzeas, onde correm águas permanentes, onde o solo é rico e fartas as pastagens, onde nunca faltam caças nas matas, onde rios e lagos são piscosos. [...] (AUDRIN, 1963 – **grifos nossos**)

Esse autor descreve ainda um tipo diferente de sertanejo, e, por extensão, uma interpretação diferente daquele outro sertão que é comumente entendido como seco e pobre. Portanto, as interpretações dos sertões são realmente múltiplas.

Se considerarmos os diversos contextos presentes no denso processo histórico produtor dos espaços urbanos que hoje nos são apresentados, repletos de valorações e julgamentos prévios, poderemos compreender as distintas formas de habitar, bem como as batalhas discursivas eivadas de intenções delineadas com vistas a uma hierarquização privilegiadora de algumas culturas, em detrimento de outras.

### O sertão de Guimarães Rosa

Nessa mesma perspectiva, o livro *Grande sertão: veredas*, romance de João Guimarães Rosa, apresenta-nos um universo múltiplo, constituído por paradoxos e ambiguidades que promovem uma desestabilização dos lugares seguros de um saber definitivo e exato.

É nesse ambiente de plasticidade, de travessia incessante, que se insere o narrador-protagonista do romance – Riobaldo Tatarana. Sua travessia é marcada por tensões provenientes das oscilações entre sua tentativa e desejos de estabelecer o nome próprio, com a designação dos lugares de saída e de chegada, e a sua adesão a uma travessia fluida, na qual a dupla direção dos paradoxos faz emergir a identidade infinita.

Em seu ensaio as *formas do falso*, Walnice Galvão (1986) realiza um estudo sobre a ambiguidade no Grande sertão: veredas, passando tanto pelas questões históricas, econômicas e sociais relativas ao sertão e a plebe rural (GALVÃO, 1986: p.106).

Segundo Galvão, a ambiguidade que caracteriza a obra Rosiana é exercitada por meio de uma construção imagética que perpassa o texto em seus vários níveis e que a autora batiza de “a coisa dentro da outra” (1986: p.13).

Dessa forma, temos esse padrão dual do conto no romance, do letrado no jagunço, do diálogo no monólogo, do personagem no narrador, da mulher no homem, do diabo em Deus, conforme ressalta Walnice Galvão.

Nessa perspectiva, a autora vai demonstrar também como as questões históricas e sociais são reveladas pelas linhas da ficção e o mito. Para tanto, Galvão aponta as questões da condição jagunça, sua perspectiva histórica, a condição de desprendimento e, por isso mesmo, de maior dependência da plebe rural em relação a uma estrutura de dominação, semelhante à feudal, desenvolvida pelos latifundiários do sertão. Vai, também, problematizar sobre como tais questões emanam da narrativa, fazendo articular imagens de construções mitológicas com imagens de reflexão sociológica sobre a condição jagunça e sobre o ambiente sertanejo.

Assim, traz para o meio das discussões as reflexões de Riobaldo sobre a pobreza dos catrumanos e a crueza da travessia jagunça. Dessa forma, o texto oscila nas ambiguidades do narrador, que apresenta uma imagem de admiração mitológica sobre o universo jagunço e, ao mesmo tempo, uma perspectiva crítica dessa realidade.

Na **tradição oral** dos **causos** e das cantigas, bem como nos romances de cordel, é a mente letrada que vai executar as operações da razão, definindo, separando, constituindo tipos, no seio de um conjunto onde o cavaleiro andante, o cangaceiro, a donzela guerreira, a donzela sábia, figuras da história do Brasil, o animal, o Diabo, são todos personagens de um só universo. (GALVÃO, 1996 – **grifos nossos**)

Posição diversa a de Galvão é acentuada por Wille Bolle (2004), que levanta a possibilidade do pacto como discurso autolegitimador da condição de poder que Riobaldo alcança quando se torna fazendeiro.

Em sua obra Grandesertão.br (2004), Wille Bolle apresenta uma leitura mais política e social do jagunço-pactário. Wille Bolle abre a possibilidade de o pacto ser uma estratégia discursiva para relativizar a culpa do personagem por uma carreira como *dono do poder*.

Com efeito, as incessantes perguntas de Riobaldo podem apresentar uma dupla interpretação: como uma desesperada tentativa de construir um nome próprio numa atitude de designação do real, ou como incertezas operadoras do descentramento do sujeito, lançando-o a uma identidade infinita. O caráter errante e paradoxal da travessia de Riobaldo vai evidenciar o trânsito, a articulação e a tensão entre nome próprio e identidade infinita. A rede metafórica

trazida pela obra Grande sertão: veredas movimenta elementos discursivos acerca de um tipo específico de *desterritorialização*<sup>41</sup>.

Nessa mesma perspectiva de análise sobre o Sertanejo, diria Euclides da Cunha, que "o sertanejo é antes de tudo um forte", ou seja, sertanejo são todas aquelas pessoas marginalizadas pela sociedade, aquelas que sofrem uma discriminação torpe da sociedade e não têm sequer o direito de manifestar sua inconformação. A imagem que se criou ao redor desse termo foi a de um 'caipira', tosco, de aspecto disforme e com um mínimo de intelecto, ou seja, o personagem "de uma narrativa mítica sobre a conquista da civilização pela nação brasileira." (SUÁREZ, 1998).

Assim sendo, não há nenhuma preocupação com a subjetividade do Sertanejo de Euclides da Cunha, ele é somente *um forte*. A estereotipagem feita ao redor dessa 'figura' é real e, além de tudo, triste. Rotular pessoas por não terem oportunidades que a elite teve é a maior prova de que o País, em toda sua soberania, só regride.

### Sertão e modernidade

A modernidade está na destruição do Sertão para a emersão da Civilização e, por outro lado, para a construção efetiva da nação brasileira. Regiões inóspitas é a principal visão que vem à mente quando falamos do Sertão. E aí é que está o equívoco, pois *o Sertão está em todo lugar*, e principalmente nas grandes metrópoles onde se encontram os maiores casos de segregação social. O Sertão é o verdadeiro Brasil (LIMA, 1999a), o lugar em que se depositam todos os estigmas e paradoxos possíveis. À margem estão, e à margem vão ficando, como coloca antropóloga Mireya Suárez em seu artigo "Sertanejo: um personagem mítico" (SUÁREZ, 1998).

Ressaltando a dificuldade de escassez bibliográfica que se encontra a respeito do Sertão/Sertanejo, Suárez (1998) mostra que, em si, essa carência de informação renova o fato de, em nossa percepção, não haver nada no Sertão, isto é, "um espaço fora do tempo". E esse pensar faz com que os sertanejos sejam derrotados e banidos da 'civilização'.

---

<sup>41</sup> Esta categoria analítica é compreendida por Milton Santos (1987), como os mecanismos que separam o território das suas "raízes" sociais e culturais, enquanto a **reterritorialização** vem a ser a criação de novos vínculos em substituição aos perdidos.

No entanto, o que é realmente o Sertão? Onde ele se localiza? Pensar sobre o que é o sertão requer referências que vão além do senso comum, como informado pela autora baixo transcrita.

No imaginário nacional, **o lugar da tradição é o sertão concebido como um lugar concreto situado em algumas regiões e estados – o Nordeste, o Norte, o Centro-Oeste, o norte de Minas Gerais**– e como uma forma de organização social e de cultura: **a sociedade tradicional sertaneja, organizada em torno das atividades de plantio e lida com o gado, onde a vida social é orientada pelas relações pessoais de compadrio, de favor, de proteção e de patronagem, cenário do coronelismo e do jaguncismo, dos movimentos messiânicos, das romarias e das festas populares e folclóricas. No sertão, o tempo é lento e contínuo**, daí a persistência de repertórios culturais arcaizantes, que o **+isolamento conserva e reproduz como autenticidade**. (SENA, 2002 – grifos nossos)

De fato, o texto de Custódia Selma Sena (2002) expressa todo o contexto criado em torno da categoria envolvendo sertão, que passou a representar a dualidade, opondo-se à civilização, ao progresso, ao tradicional, à cidade. Afinal, para existir o moderno é preciso o retrógrado; a “civilização” só se sustenta na existência da “barbárie”.

Uma análise mais profunda de toda a conjuntura histórica nos faz refletir acerca do verdadeiro conceito de sertão. “Sertão e sertanejo não eram termos usados para referir-se apenas a uma região e a uma tradição, mas elementos constitutivos do pensamento social que constrói a ideia de nação brasileira”, como brilhantemente definido por Mireya Suárez em seu texto *Sertanejo: um personagem mítico* (SUÁREZ, 1998, p.33).

Em outras palavras, não existiria a nação brasileira na ausência do sertão e tudo aquilo que o relaciona. Deve-se encarar o sertão como uma entidade ideológica presente em cada indivíduo,

**sertanejo não é portador de uma identidade ou cultura particular.** Também não é um tipo de personalidade, nem habitante de uma determinada região. **Sertanejo não é pessoa, mas personagem principal de uma narrativa dramática sobre a nação** (SUÁREZ, 1998, p. 34 – grifos nossos).

O sertão se desloca com cada um que é marginalizado, inferiorizado, afetado por qualquer tipo de atitude eugênica que adquire o sentido de eliminação. Alçado ao patamar do mito, sertão e sertanejo narram dramaticamente o Brasil. E das margens da brasiliade, emergem sujeitos díspares que se opõe ao conteúdo enunciado no pensar de tantos brasileiros e, no cotidiano da vida, resistem à revelia do mundo.

## Geografia social do sertão

Em “A Geografia do crime – Violência nas Minas setecentistas”, Carla Maria Junho Anastasia (2005) procura analisar os conflitos generalizados que ocorriam nos sertões mineiros no processo de implantação da Capitania de Minas Gerais, após a descoberta e exploração o outro.

Anastasia (2005) relaciona os espaços da violência com fatores essencialmente político-administrativos, e procurou defender a tese de que “a indisciplina e o descompasso na ação das autoridades mineiras colaborou de forma decisiva para a generalizada desorganização administrativa”, os variados conflitos, os levantamentos da população e as dificuldades da Coroa em submeter à população da capitania mineira (ANASTASIA, 2005: p. 47).

A manutenção do equilíbrio social, nessa região, esbarrou na autonomização burocrática. Segundo essa premissa, a autora procurou reconhecer a forma pouco consensual de se tratar a política colonizadora e a administração portuguesa. No entanto, há certo consenso quando se fala do sucesso da imposição da ordem pública e a eficácia do aparelho burocrático repressivo e fiscalizador nas Minas setecentistas. Em suma, a disfunção e/ou autonomização burocrática no viés de Anastasia comprometeu a previsibilidade da ordem social nas Minas setecentistas.

Carla Anastasia realizou um estudo geral sobre o processo de formação da capitania mineira desde os seus primórdios e os tipos de violência a que estavam submetidos os moradores das Minas do século XVIII. Para ela,

seria importante destacar que **os negros**, os denominados homens pobres livres e os brancos fugidos da justiça régia representavam um perigo previsto para a sociedade. Eram estes que, **individualmente ou em bandos, assaltavam e/ou matavam fundamentalmente nos sertões, paragens ou serras**. Além disso, houve **o medo dos seres sobrenaturais** que poderiam habitar os lugares contíguos às estradas. **Lobisomens, caipiras, caiporas e sacis Pererê vagavam pelos sertões, sempre à espera de suas vítimas desavisadas** (grifos nossos).

Segundo Monteiro Lobato citado por Anastasia (2005),

**a noite era o lugar propício para o surgimento dos diversos tipos de seres fantásticos e aterrorizadores. A noite era pai dos diabinhos, das bruxas, dos lobisomens e das diversas entidades maléficas vindas das trevas noturnas.** (LOBATO apud ANASTASIA, 2005, p. 21 – grifos nossos).

A capitania mineira vivia tempos de temor e insegurança. Os sertões, depositários da esperança de novas descobertas auríferas, eram, paradoxalmente, a imagem e semelhança do inferno.

**Era exatamente a ausência, a omissão e/ou a inépcia das autoridades que faziam dos sertões, matas gerais e serras “terrás de ninguém”, paragens intocáveis, e as entregavam ao império da violência. Esses lugares eram redutos de mandonismo bandoleiro, da constituição de territórios de mando nos quais a tirania era exercida fundamentalmente pela violência armada e pela intimidação física.** Em razão da falta de autoridade ou da existência de conflitos de jurisdição, o direito à violência era alimentado pela noção anárquica de que o banditismo era mais legítimo do que a autoridade ausente ou litigante [...] zonas de non-droit, áreas em que o poder institucionalizado não se consolidara. (ANASTASIA, 2005: pp. 55-56 – entre aspas conforme o original – **grifos nossos**).

Sendo assim, desordens, assassinatos e as mais variadas transgressões eram algo comum na realidade violenta, prevista e imprevista desses sertões<sup>42</sup>. Nesse sentido, a criminalidade e os desmandos atingiam todos os segmentos sociais. Daí o surgimento de poderosas organizações criminosas no período em questão. O palco da violência desses bandos propagou-se às estradas, sertões, serras e, em menor escala, às vilas. Ninguém era poupadão: homens, mulheres e até crianças e idosos poderiam ser vítimas desses salteadores dos tempos do ouro. Cada grupo possuía seus modos de ação. Porém, todos apresentavam um objetivo comum: roubar as riquezas dos viajantes que se arriscavam nos perigosos caminhos mineiros.

Importante destacar que a região das Minas esteve envolvida, durante todo o século XVIII, pelo denominado direito costumeiro, ou seja, formaram-se, na capitania mineira, verdadeiras áreas de mando comandadas por poderosos potentados. Esses homens constituíram grandes redutos de poder, em que *o poder privado sempre se sobreponha ao público* (ANASTASIA, 2005).

No entanto, o costume e a tradição prevaleciam perante o poder ausente ou litigante da Coroa. E a violência seguia seu rumo constante na dinâmica sociedade mineira setecentista.

---

<sup>42</sup>Sobre o Banditismo no sertão, temos o caso de Antônio Dó - famoso Bandoleiro das Barrancas do Rio São Francisco. Ver PIRES, Simeão Ribeiro. *Antônio Dó: o Bandoleiro das Barrancas*. Petrópolis – RJ: Imprensa Vespertino Ltda., 1976.

Todavia, Victor Leonardi (1996, p. 83) nos adverte que “a violência, o autoritarismo e a força bruta estiveram presentes de norte a sul, sem exceção, tanto na escravidão do negro como na do índio”.

### **Primórdios do sertão norte mineiro**

Conforme os estudos do historiador Bernardo da Mata-Machado (1991), a ocupação da região norte mineira data do final do século XVII, por meio de dois movimentos e/ou bandeiras: um deles vindo de Pernambuco e da Bahia e o outro oriundo de São Paulo. Como nos mostra Mata-Machado:

O sertão Noroeste de Minas foi ocupado simultaneamente pelos vaqueiros que seguiram o curso do rio desde a Bahia e Pernambuco, e pelos bandeirantes paulistas que, movendo guerra ao gentio, fundaram povoados e se estabeleceram, como grandes criadores. (MATA-MACHADO, 1991, p.24)

Segundo Mata-Machado, em 1553, a expedição de Espinosa-Navarro, advinda de Porto Seguro (Bahia), adentrou a região alcançando o Rio São Francisco, por onde retornou à Bahia. Sua expedição foi apenas de reconhecimento do local, nada concretizou em termos de povoamento. Por isso, a historiografia atribui a bandeira de Matias Cardoso de Almeida como responsável pela ocupação efetiva da região a partir de 1690.

Matias Cardoso de Almeida saiu de São Paulo por volta de 1690, teve por motivo o serviço militar da campanha contra os índios do Ceará e do Rio Grande, chegando à superfície plana do Rio Verde, margem do Rio São Francisco onde assentou o arraial de Morrinhos, fixando então a era definitiva da conquista (VASCONCELOS,1999: p. 95).

Ainda segundo Diogo de Vasconcelos:

Matias Cardoso desceu o São Francisco com um exército de 600 homens acampou em Morrinhos e aí esperou o cel. João Amaro que veio no ano seguinte [1691] com igual número de combatentes (...). Terminada a campanha, o tenente general fixou-se em Morrinhos. (VASCONCELOS, 1999, p. 93)

O mestre-de-campo Matias Cardoso era o maior e mais famoso caudilho da época. Já havia ele subido ao sertão

até o Paraopeba, como ajudante de Fernão Dias, e até ao sumidouro com D. Rodrigo de Castelo Branco, além de muitas outras entradas e façanhas nos sertões de São Paulo. (VASCONCELOS,1948, p.26 apud BRAZ, 1977)

Matias Cardoso quando sai da campanha contra os índios no Nordeste se fixa definitivamente em Morrinhos (atual cidade de Matias Cardoso).

As fazendas de gado, do Nordeste, seguiram a margem do Rio São Francisco e alcançaram o norte de Minas. A pecuária, alcançando o sertão de Minas, somada com outras condições, foi outro meio eficiente para a ocupação e estruturação da região. No dizer de Caio Prado Júnior, esta parte de Minas é,

geograficamente e historicamente, um prolongamento da Bahia. Foi povoada pelas fazendas de gado que subiram no século XVII as margens do São Francisco, alcançando já nesta fase o seu afluente Rio das Velhas (PRADO JÚNIOR, 2006, p.197).

Dentro desse contexto, o Rio São Francisco e seus afluentes tiveram um papel fundamental na ocupação da região, serviu de via para transporte de pessoas, mercadorias e alimentos (milho, feijão, carne seca, rapadura, farinha, sal, querosene, etc.).

Entretanto, era estratégico que os povoados ficassem localizados às margens dos rios navegáveis, e parte da produção regional sendo comercializada dentro dos limites dos mesmos. Por conta da atividade pecuária desenvolvida, o rio São Francisco recebeu a denominação de “Rio dos Currais”. Importante meio de contato entre o Nordeste e o Centro Sul do país (PIRES, 1979).

“Derrotados” os grupos indígenas, Matias Cardoso de Almeida repartiu as terras para o seu filho Januário Cardoso e seus parentes. Da expedição do mestre-de-campo Matias Cardoso de Almeida originou os principais povoadores da região. Dentre eles pode-se destacar Januário Cardoso e Antônio Gonçalves Figueira. Como descreve Mata-Machado:

A Januário Cardoso é atribuída a fundação dos arraiais de São Romão e Porto do Salgado, hoje Januária. A Antônio Gonçalves Figueira, os de Manga, Barra do Rio das Velhas (Guaicuí) e Formigas (Montes Claros). (...). As terras adjacentes foram repartidas por Januário Cardoso a seus parentes de São Paulo. Seus primos, capitão Francisco de Oliveira e D. Catarina Cardoso do Prado ocuparam terras do alto-médio São Francisco; o sobrinho Matias Cardoso de Oliveira, instalou-se na região do Urucuia; Domingos do Prado Oliveira em Pedras do Angico (São Francisco) e Salvador Cardoso Oliveira em Pedras de Baixo (Pedras de Maria da Cruz) (MATA-MACHADO, 1991, P.35).

A partir daí, no século XVII, já era possível observar vários currais na beira dos rios (tanto de baianos como de paulista) e surgimento de pequenos povoados. Os principais povoados da região ribeirinha do São Francisco, no período colonial,

foram os portos distribuidores de sal – Morrinhos, São Romão e Guaicuí - e os centros distribuidores de produtos agropecuários – Pedras de Maria da Cruz e Januária. (MATA-MACHADO, 1991, p.35)

Alguns fatores ligados à pecuária merecem destaque para o processo de ocupação regional. A região foi favorecida pelas extensas pastagens naturais, presença de água e terrenos salinos. A existência do sal foi essencial, pois este pôde ser aproveitado pelo gado.

No período colonial, os currais de gado utilizaram grandes espaços territoriais. A pecuária sendo praticada em regime extensivo, executado pela maioria de homens livres: grandes proprietários, vaqueiros, moradores, agregados libertos e pela pequena parcela de escravos – índios e negros. A mão de obra negra quase não foi usada na região, muitos dos que viviam aqui eram foragidos.

As fazendas eram compostas por pouca mão de obra, o que pode ser um dos motivos para que o povoamento acontecesse de forma menos numerosa e gradativa. Pois conforme Caio Prado,

(...) o pessoal empregado é reduzido: o vaqueiro, e alguns auxiliares, as fábricas. (...). Nas fazendas muito importantes há às vezes dois e até três vaqueiros. (...). As fábricas são em número de dois a quatro, conforme as proporções da fazenda, são subordinados ao vaqueiro e auxiliam em todos os serviços (PRADO JÚNIOR, 2006, p. 192).

## **Colonização do sertão**

No início da colonização, a região norte mineira pertenceu às capitâncias de Pernambuco – margem esquerda do Rio São Francisco – e da Bahia – na margem direita. A concessão de sesmarias, sem dúvida, foi responsável pelo povoamento gradativo da região, originando as primeiras propriedades onde predominava a pecuária como principal atividade econômica.

A respeito das doações de sesmarias, Brasiliano Braz afirma que

(...) havia fortes razões de ordem administrativa e política que justificavam a doação de grandes patrimônios territoriais a determinadas famílias cujos chefes, elevados assim à condição de verdadeiros potentados, representavam a força do rei, **no sertão sem lei, sem policiamento e sem outra autoridade** (BRAZ, 1977, p. 39 – **grifos nossos**)<sup>43</sup>.

---

<sup>43</sup> BRAZ, Petrônio. *Serrano de Pilão Arcado: a saga de Antônio Dó*. São Paulo: Mundo Jurídico, 2006.

Na ótica do historiador e memorialista de Montes Claros, Simeão Ribeiro Pires, duas famílias foram fundamentais no povoamento do sertão do São Francisco. São elas a Casa da Torre, localizada na margem esquerda encabeçada por Garcia D'Ávila; e a Casa da Ponte de Antônio Guedes de Brito na localização oposta (PIRES, 1979, p. 46).

Paralela à pecuária, desenvolveu-se a agricultura de subsistência como o arroz, feijão, mandioca (fabricação da farinha), milho e cana-de-açúcar (cachaça e rapadura). Os vaqueiros, para complementar sua alimentação, plantavam nas vazantes e nos brejos. No período da cheia dos rios se instalava no cerrado. Esse “ciclo natural do rio: seca, enchente, cheia, vazante - sempre possibilitou a essas populações o acesso a terras periodicamente fertilizadas pela matéria orgânica ou lameiro...” (COSTA, 2005); (DAYRELL, 1998); (LUZ, 2005).

Portanto, baianos e paulistas – com a indiscutível ajuda dos nativos – baseados na pecuária e utilizando os recursos de que a região dispunha, foi o elemento fundamental e estimulador da ocupação do sertão norte mineiro (COSTA, 1997: p. 103).

Seguindo a mesma trilha da história para desvelar o sertão do Brasil, o historiador Victor Leonardi (1996, p. 316) observa que

**passar pela história do Brasil, entre árvores e esquecimentos, parece ser a sina do sertanejo e do índio**”. Sina esta que se construiu de maneira contraditória e vacilante, a “esquizofrenia (LEONARDI, 1996, p. 316 – **grifos nossos**).

Para Victor Leonardi (1996), a cultura brasileira sempre foi desigual e heterogênea. Havia uma visão em torno do homem sertanejo, que não foi bem estudada, seria a sociologia do *isolamento*. Esse isolamento faz com que o homem tenha uma vontade extremada de se comunicar, esse homem do interior era um bom anfitrião, tratava bem os hóspedes, nunca humilhou o estrangeiro. Conservou consigo alguns bons hábitos que, nas cidades, já não existem mais.

Neste capítulo, apreendi diversos conteúdos contidos nas categorias sertão e sertanejo que, desde Portugal do século XV até os estudos acadêmicos que os tomaram como objeto de reflexão, evidenciam o deslizamento de significados fixados primordialmente no espaço territorial até chegar à prefiguração mítica que narra dramaticamente a nação brasileira, seja como espaço, ou como personagem. E que são imprescindíveis para se compreender a brasiliade.

## CAPÍTULO III

### OUTRO SERTÃO, OUTRO SERTANEJO DESDE AS MARGENS DA NAÇÃO

Neste capítulo, manuseio alguns estudiosos das coisas norte mineiras ou brasileiras para ampliar a possibilidade da interpretação pretendida nesta tese.

Elucidando, a seu modo, o sentido de sertão, Ricardo Ferreira Ribeiro (2000) nos diz que:

Seria a corruptela de “desertão”: sertão chegou a ser usado como sinônimo de deserto, mas não se trata de um “vazio” humano, mas sim de uma ausência de civilização (...).

O termo proviria do latim clássico serere, sertanum (trançado, entrelaçado, embrulhado): talvez reproduzindo os atributos típicos, (...) do Cerrado, fechado, onde é preciso abrir picadas para penetrar no seu interior, mas também, igualmente, presentes na Caatinga (...).

Significaria, também, desertum (desertor, aquele que sai da fileira e da ordem): favorecido pelas dificuldades de se alcançar a região, o sertão é sempre visto como lugar onde se escondem fugitivos da justiça, devedores da Coroa, aventureiros e contrabandistas, quilombolas e “índios bravios”, onde predominava uma população formada em grande parte por mestiços negros livres (...).

Sertão significaria, ainda, desertanum (lugar desconhecido para onde vai o desertor) (...) (RIBEIRO, 2000: p. 56-57)

O sertão é uma região complexa, de múltiplos significados, mas, principalmente, uma região onde reside um povo de cultura com características peculiares. Como região, também possui elementos de similaridade com a área maior, neste caso, pode ser considerada como área maior *as minas*, ou, o próprio Brasil.

Região, como define Diegues (1960), deve ser percebida

(...) como um conjunto ecológico de pessoas, aproximadas pela unidade das relações espaciais da população, da estrutura econômica e das características sociais, dando-lhe, em conjunto, um tipo de cultura que, criando **modo de vida próprio, a difere de outras regiões**. São, portanto, as regiões espaços territoriais definidas por certas características que dão unidade de ideias, de sentimentos, de **estilos de vida, a um grupo populacional** (DIEGUES JÚNIOR, 1960: p. 07 – **grifos nossos**).

Estudando a região norte de Minas e sua inclusão na Superintendência de Desenvolvimento do Nordeste (SUDENE) – instância de fomento regional, José Maria Alves Cardoso (2000) expôs o seguinte sobre esta área:

O norte de Minas é uma região bastante peculiar dentro do Estado de Minas Gerais. É como se fosse uma extensão do Nordeste brasileiro, nela se evidenciando muitas das características econômicas, sociais e culturais nordestinas. Assim, de acordo com um documento da ASPAS (1970, p. 03), “**sua estrutura produtiva, seus hábitos, e a própria origem de sua população, além da continuidade física de seu território e da identidade de sua ecologia com a região baiana vizinha, (...)**”, faz com que os indicadores de subdesenvolvimento mais comuns no Nordeste, ali também se verifiquem. (CARDOSO, 2000: p. 218 – **grifos nossos**)

Dessa forma, a região do norte de Minas apresenta convergência com outras áreas onde o nível de desenvolvimento, ou subdesenvolvimento, é similar em diferentes aspectos, mas, nem por isso, deixa de apresentar características próprias resultantes da vivência ocorrida neste ambiente.

Se por um lado, há similaridade com outras regiões, pensar que a região norte mineira é diferente de outras regiões é um desafio. Ricardo Ferreira Ribeiro (1998) contribui para a análise ao expor que,

Nos depoimentos dos viajantes, o sertão mineiro se distinguia da região mineradora da então Província de Minas Gerais, por uma série de características não apenas relativas ao meio ambiente, mas também aos aspectos socioeconômicos e culturais próprios da formação social que historicamente aí se constituiu. No início do século XIX, o sertão estava bastante vinculado à ideia de uma região despovoada, e a palavra foi constantemente utilizada como sinônimo de “deserto” nos relatos dos viajantes (RIBEIRO, 1998: p. 06-07 – **grifos nossos**).

Conforme esse autor, os residentes do sertão olhavam os viajantes que por esta área norte mineira andavam com uma curiosidade característica de quem vê o “outro”, aquele essencialmente diferente do “eu”. Por sua vez, os viajantes descreviam os moradores locais como pessoas de vida simples. E o que predominava na região eram as fazendas de gados.

As fazendas eram “grandes áreas que davam à região a impressão de um deserto demográfico” (RIBEIRO, 1998, p. 14), cujos donos, os fazendeiros, também possuíam um estilo de vida muito simples, apesar de possuírem grandes extensões de terra e, muitas vezes, “dezenas de escravos e “cabedais”” (Idem, p. 15).

Com o exposto acima, pode-se afirmar que o norte mineiro possuiu algumas qualificações: “aventureiros”, “contrabandistas”, “quilombolas”, “índios”, “bravios”, “uma população formada em grande parte por mestiços e negros livre” e “desertores”.

Acrescentado essa lista, pode-se afirmar que outro tipo que habitou a região foram os denominados “bandeirantes”, alguns dos bandeirantes renomados nesta área foram: Fernão Dias Paes, Mathias Cardoso de Almeida – que inclusive deu nome a um município -, e Manuel Francisco Toledo. Em Ricardo Ferreira Ribeiro (1997), citando Saint-Hilaire (1975), encontra-se a seguinte passagem ilustrativa das relações que ocorreram naquele período.

Matias Cardoso e Manuel Francisco Toledo tinham ao que parece reduzido grande número de índios à escravidão, como então se praticava; serviram-se desses infelizes para abrir fazendas e construir várias igrejas (...) Foi a supressão da escravidão dos índios que deu o primeiro golpe na prosperidade de ambas as famílias (...) Atualmente não se veem mais índios nos arredores de Capão<sup>44</sup>. Os descendentes daqueles que antigamente habitavam essas terras retiravam-se para outros lugares, mas sempre às margens do rio, e edificavam uma aldeia que tem o nome de São João dos Índios. Esses índios fundiram-se com negros e mestiços; todavia por ocasião da minha viagem, reclamavam do Rei o privilégio de serem julgados por um dentre eles, regalia que a lei concede, creio, senão aos índios puros (SAINT-HILAIRE apud PIRES, 1979: p. 17).

Além dos tipos encontrados na região, e dando continuidade à análise sobre o “Ser”, ou melhor, os “seres”, haja vista os agentes múltiplos que viviam e vivem nesta região -, e também, sobre a diferenciação da pessoa do sertão norte mineiro e da pessoa de Minas, pode-se citar Costa (2003) que expôs, em sua tese, as diferenças existentes dentro do *discurso da mineiridade que inventou Minas Gerais*.

---

<sup>44</sup> Capão do Cleto era parte do sertão mineiro às margens do Rio São Francisco (PIRES, 1979: p. 17).

## A cultura sertaneja

Falar em cultura sertaneja é necessário para a construção da argumentação pretendida, dado que os valores que os norte mineiros afirmam como próprios e lidos nas narrativas dos intelectuais locais, memorialista, intelectuais nativos, cantadores, dentre outros, muitas vezes apoiados nas leituras situadas no pensamento social brasileiro, propicia apreender a cisão no interior dos dois signos em análise e em interpretação como antinomias.

O isolamento fez com que da mestiçagem surgisse um “tipo singular”, considerado adequado à região na qual vivia. Esse homem se tornou forte, bravo, e lutava pelos seus ideais, movido pelas adversidades da terra onde habitava, pois este era o seu lar e, por isso, era defendida bravamente.

Para Victor Leonardi (1996), esse isolamento e o abandono do sertanejo tiveram funções benéficas, pois fez com que este homem não se tornasse um degenerado pelo contato com os estrangeiros no litoral. Isso fez com que houvesse a existência de duas formas distintas, senão pelos elementos, mas pelas condições do meio.

**As condições do meio e a bagagem cultural que este sertanejo trouxe consigo para o interior do sertão fez dele um ser único e diferente ao mesmo tempo, por não se enquadrar dentro dos padrões nos quais esta nova sociedade, que estava sendo construída no litoral, determinava como sendo o certo.**

Sertão: espaço do maravilhoso e da criação de novas identidades culturais outro lugar de fronteira propício a instaurar diálogos entre o maravilhoso e se estabelecer **novas identidades culturais foi o sertão**. Palco de inúmeros conflitos, este também foi o espaço onde se desenvolveu grande parte da cultura brasileira, nas suas múltiplas manifestações regionais (LEONARDI, 1996 – **grifos nossos**)<sup>45</sup>.

Dentre alguns aspectos da cultura sertaneja, destacam-se novamente aqueles relacionados ao imaginário, do qual é fonte viva e incessante, pois, como assegurou Victor Leonardi:

**O sertão foi, também, local de gestação de inúmeras lendas e mitos, que passaram repetidos de geração em geração, para a linguagem do brasileiro, até para as emoções coletivas daqueles que moram em cidades. O hábito de contar histórias à noite – “causos” – era generalizado no sertão**

---

<sup>45</sup> Citação retirada do site [www.historialivre.com/revistahistoriador](http://www.historialivre.com/revistahistoriador). Artigo intitulado: “Ensaio ao pensamento de Euclides da Cunha e a visão do sertanejo nordestino”, de autoria de Lianeide Brogni, Selma Barbosa Wolff e Tâmara Canabarro. Acessado em novembro de 2016.

brasileiro nos séculos XVIII e XIX, e ainda continua sendo, de certa forma, na segunda metade do século XX, apesar da concorrência da televisão. (LEONARDI, 1996 – **grifos nossos**)

Esses mitos, lendas e crenças, elementos vivos do imaginário popular brasileiro, tornaram-se subsídios condensadores e formadores de novas identidades, que também nasceram nos sertões do país. (CASCUDO, 2002)<sup>46</sup>; (AMBRÓSIO, 1934)<sup>47</sup>.

Essas histórias, lendas e “causos” que compõem o repertório do “maravilhoso” – parte significativa da identidade cultural brasileira – têm longa gestação, remetendo no Ocidente, como se disse, à Idade Média.

Nos sertões, essas narrativas situam-se no limite entre o real, o fantástico e o inverossímil, desenrolam-se no ambiente natural, comum aos homens, nas margens dos rios, nas veredas, cachoeiras e matas conhecidas, mas não tão frequentadas, posto que, se os sertanejos não temem, eles decerto receiam o desconhecido. Esse temor ao fantástico também pode ser explicado como componente do imaginário religioso, que já se fazia presente desde os momentos iniciais da ocupação dos sertões (MÄDER, 1995); (AMBRÓSIO, 1934).

### **Sertão e religião**

No período de colonização do *hinterland* mineiro, era bastante comum, quase uma necessidade natural, as tropas paulistas levarem consigo seus objetos de devoção, acompanhadas também por um capelão para celebrar as descobertas, ministrar os sacramentos e ofícios divinos. Costume também arraigado era o dos sertanistas colocarem cruzes e cruzeiros pelos caminhos, talvez no intuito de mapear em seu imaginário às novas regiões descobertas – ou, como disse Mircea Eliade (1986), para transformar o “caos” em “cosmos”, o desconhecido, portanto temido, em um “mundo ordenado”.

<sup>46</sup> Para maior fundamentação sobre mitos brasileiros ver CASCUDO, Luis da Câmara. *Contos tradicionais do Brasil (folklore)*. Rio de Janeiro: Ediouro, s/d. O autor aborda sobre o Lobisomem, o Saci-Pererê, a Mula sem Cabeça e muitos outros seres fantásticos, que povoam a imaginação do brasileiro. Para muita gente, perdida pelos grotões e roças do país, eles são criaturas tão vivas quanto o vizinho ou o leitor. Alguns costumam se intrometer na vida humana, como perturbadores ou entidades benéficas, exigindo doações (o fumo de rolo que o caboclo deixa na encruzilhada para o Saci) ou até engravidando moças, função exercida com muita competência pelo boto. Esses mitos, ainda palpitantes de vida entre a sociedade rural, estão presentes em todas as regiões do país, como assinala o levantamento de Luis da Câmara Cascudo.

<sup>47</sup> AMBRÓSIO, Manoel. *Brasil Interior: Palestras populares, folk-lore das margens do São Francisco*. São Paulo: Instituto Geographico de Minas, 1934.

Assim, no período colonial as edificações religiosas eram geralmente erigidas a partir da aparição do sagrado, que se revelava aos homens sob a forma de anjos, santos ou outro fenômeno equivalente – fato que Mircea Eliade (1986) define por *hierofanía*. Para ele, tornava-se imprescindível mapear o espaço desconhecido, ou “caos”, habitado por monstros, e transformá-lo no “cosmos”, espaço sacralizado e habitável. Hierofanizar é também reproduzir, segundo esquemas mentais pré-traçados, a mentalidade religiosa, é aproximar-se do “centro”, do sagrado.

Conforme Mircea Eliade (1986), o *homo religiosus* interpreta o mundo desconhecido a partir da percepção de seu próprio mundo familiar, de seu cosmos, ou mundo ordenado, sacralizado por excelência.

Nessa perspectiva, o sertão transfigurava-se no caos, lugar desordenado, perigoso, profano, habitado por seres fantásticos. Concomitantemente à construção de suas moradias, ranchos ou casebres de palha de palmeiras, esses povoadores iniciavam a ereção de capelinhas, na maioria das vezes rústicas, mas que se tornavam expressão da permanência e organização do espaço àquela região (CASCUDO, 2002); (AMBRÓSIO, 1934).

Contudo, ao colonizar a população não só produzia cultura material, mas também os modos de vida, as comemorações, os rituais de vida e de morte, o imaginário, elementos que não podiam ser esquecidos. Infelizmente, esses aspectos da dimensão simbólica, ou imaginária, são relativamente pouco analisados pela historiografia, e os sertões, especialmente os do Vale do São Francisco no norte de Minas Gerais, são riquíssimas em estórias, “causos” e lendas, que podem ser mapeados e resgatados para os campos da Antropologia, Sociologia, História, Linguística dentre outras.

O “sertão” se define historicamente pela antítese e negação, antítese do que é civilizado, culto. Nega-lhe a noção de “cosmos”, e, aos índios e escravos fugidos, a condição de “humanidade”, derivando daí a necessidade de poderem e serem dominados e civilizados.

No sertão norte dos Gerais, de acordo com Zanoni Neves (1998), os homens também se guiavam pelas referências do imaginário, e tomavam as mais diversas providências para se protegerem.

Ao navegar pelo São Francisco, quase não se via sertanejo incauto, que não pusesse à proa da embarcação alguma carranca, imagens monstruosas, zoomórficas ou antropomórficas, que serviam para afastar os caboclos e

**a mãe d'água, seres do repertório fantástico que, ainda hoje se crê, puxam marinheiros desavisados para o fundo dos rios, à semelhança das sereias para as zonas litorâneas.** Em terra firme, são poucos os que se arriscavam a vagar pelas estradas sertanejas em noites de lua-cheia, época propícia para se encontrar lobisomens, mulas-sem-cabeça, e outras assombrações que gelam a alma, mesmo a dos homens mais audazes (NEVES, 1998 - **grifos nossos**).

## Sociedade e imaginário

Na concepção do antropólogo Luiz Tarley de Aragão (2013), a Sociologia Brasileira, assim como a própria Antropologia Social, no Brasil,

tem tratado o Sertão com notável parcimônia teórica, quando não claramente com status de exceção na focalização de suas preocupações no quadro social brasileiro. Compreende que **a Literatura, e, antes dela, ensaios de leigos positivistas**, curiosamente bem-intencionados — na verdade mais providos de boa vontade que de arcanos teóricos confiáveis —, **tratou do Sertão na proporção de seu “desempenho” sócio simbólico fundante no plano da sociedade brasileira, ao mesmo tempo real e mítica, mais abrangente.** Destarte, temos tido do Sertão imagens que correm, de um lado, no campo da ficção, e é preciso que se reconheça nele o terreno privilegiado — espécie de “vazio” ou “descampado onírico” — para o exercício da literatura e da linguagem poética. De outro lado, [estas imagens] situam-se no âmbito e conformação do “simulacro”, no interior do pensamento social brasileiro, enquanto operação a partir da qual a imagem reproduzida do “original” ou “verdadeiro” adquire tal qualidade de imitação que supera a própria existência do original, como no caso patente do hiper-realismo e da indústria do “falso absoluto” na cultura americana. (ARAGÃO, 2013 – **grifos nossos**)

Luis Tarley de Aragão chama a atenção para o fato de que é preciso sair da visão dicotômica, oposição entre Nordeste e Centro-Sul e unir essas duas “pontas” de nosso imaginário social [o Sertão e a Costa] no interior de uma teoria social de nossa própria sociedade como um todo.

Ainda conforme Aragão (2013), ele vê o Sertão em sua realização social e simbólica multifacetada, como uma empiria diferenciada, e tentar compreender, a partir daí, sua inserção simbólica na produção do imaginário social e nos mecanismos inconscientes de representação da nação, no que concerne à Formação Social Brasileira desde seus primórdios, tanto aqui quanto em Portugal.

Assim, o sertão para Aragão (2013) se desenvolve e se consolida, sobretudo a partir da exaustão do ouro de aluvião nesta parte do país, que vai do sudoeste de São Paulo às cercanias de Paracatu, em Minas, ao sul; até Diamantina e o Vale do Jequitinhonha, a leste; Cuiabá, Campo Grande e Ponta Porã e Aquidauana, às partes do Pantanal; e os primeiros recôncavos

do São Francisco e Imperatriz no Maranhão e Porto Nacional, no atual estado do Tocantins, ao Norte do país.

Luis Tarley de Aragão (2013) comprehende que, ao longo do período aurífero, algumas cidades e centros urbanos do antigo sertão, dados a sua especial riqueza e contatos com a costa, “civilizam-se”, “metropolizam-se” e perderam a *aura sertaneja*. É o caso de Ouro Preto, Mariana, Sabará no circuito do ouro, assim como Diamantina, no Vale do Jequitinhonha, e, em certa medida, Goiás Velho (conhecida como Vila Boa), em Goiás, e Cuiabá, em Mato Grosso. Ao passo que outras cidades nas mesmas longitudes, e até mais próximas em linha reta da costa, permanecem banhadas por essa “*aura*” do Sertão.

Todavia, seguindo as mesmas veredas percorridas por Luis Tarley de Aragão (2013), o antropólogo Marco Paulo Fróes Schettino (1995), em sua dissertação de mestrado intitulada *Espaços do Sertão*, explora a ideia de “vazio” na *noção de sertão* presente na literatura de viagem de August De Saint-Hilaire, e assinala que

etimologicamente a palavra sertão deriva de **desertão**, forma através da qual os portugueses do século XVI, se referiam às áreas ‘despovoadas’ de outros continentes, África e Ásia. **Desertões** também foram às áreas ‘despovoadas’ do novo continente americano nas terras brasílicas, hoje sertões (**grifos nossos**).

A força dessa ideia desumanizadora e essencialista do sertão, que despeja todo o peso da natureza sobre os poucos elementos humanos constituintes dos sertões, acaba, finalmente, por caracterizar de modo geral a ambos, os homens e o próprio sertão. O sertão, com o vazio que o caracteriza, não é só uma natureza vazia de homens ou de sociedade, mas muito mais do que isso. Caracteriza um espaço no qual a própria humanização, subjugada e diluída por uma natureza sempre mais forte, dominadora e absorvente, é insuficiente, é débil. Tal característica equivale, no pensamento social, à própria inviabilidade da civilização (SCHETTINO, 1995).

O deslocamento entre estas duas possibilidades *civilização natural ou natureza civilizada*, isto é, a possibilidade inscrita nos discursos sobre o sertão de representar ou atualizar ora uma civilização com forte presença da natureza, ou quase totalmente atravessada por ela (uma civilização natural), ora a representação de uma natureza passível de, em alguma medida, ser civilizada (uma natureza civilizada), é uma característica marcante desses discursos.

Essa ambiguidade parece ser “estrutural” na narrativa, uma característica própria da constituição do campo simbólico organizado por “sertão”.

Assim,

ora o espetáculo exuberante da natureza é visto em **caatingas desfolhadas e campos ardidos do alto sertão, impróprios a toda vida humana civilizada**, ora se manifesta em descrições em que os mencionados viajantes representam, por exemplo, as margens do São Francisco como quase um paraíso, convidativo, pronto, à espera dos impulsos civilizadores do homem diligente: Julgamo-nos aqui transportados a um país inteiramente diverso. Em vez das matas secas, desfolhadas ou dos campos do alto sertão, vimo-nos de todos os lados cercados de matas virentes, que orlavam extensas lagoas piscosas. [...] Centenas de róseos colhereiros perfilavam-se reunidos ao longo da margem e vadeavam lentos, revolvendo ativamente a lama com o bico. Em água mais funda, andam comedidos ali ao redor alguns graves jaburus e tuiuiús [...] perseguindo os peixes com os compridos bicos (SCHETTINO, 1995 – **grifos nossos**).

Ainda em conformidade com Marcos Paulo Fróes Schettino (1995), o campo de significados que constitui o “sertão” está totalmente saturado dessas ambiguidades ou dualidades. Paisagens desoladas compõem-se e sucedem a jardins; secas abrasivas e inclementes alternam-se, nas descrições de viajantes europeus, a um clima que pode ser, às vezes, bastante úmido.

Marcos Paulo Fróes Schettino (1995) nos diz que a ambiguidade ou a dualidade do espaço sertanejo é própria de uma possibilidade dada ou inscrita numa estrutura narrativa muito particular, construída de tal forma que permite ou mesmo enfatiza o paradoxo. Tal característica da estrutura narrativa possibilita a configuração de categorias cognitivas mais elementares do campo simbólico permite, ao mesmo tempo, *a inclusão do ser e do não ser*.

Dessa forma, **as fronteiras ou limites do campo simbólico que conforma o sertão, as possibilidades de expressar ora o ser, ora o não ser, estão sempre virtualmente abertas**, dependendo da disposição, combinação ou arranjo das categorias cognitivas elementares do campo (SCHETTINO, 1995 – **grifos nossos**).

Assim, uma determinada estrutura narrativa pode prestar-se tanto para incluir como para excluir *signos e significados*, dependendo do momento, da circunstância e do interesse em fazê-lo, manipulando tal ou qual elemento, esta ou aquela categoria, articulando-as com outros signos e valores, formando uma textura de significados que esvazia a aparência de contradição dos paradoxos, ao mesmo tempo em que estimula um atordoamento do senso crítico a perturbar permanentemente a análise.

Por fim, comprehende-se o sertão como um desbravar incessante de fronteiras físicas, sociais e culturais e uma constante conquista de independência, pois historicamente, o sertão

representou um avanço de espaço territorial, uma construção de geografia *rumo ao oeste* para a conquista e ocupação de outro Brasil, para “o dentro de si”.

### **As Minas e os Gerais**

Conforme Costa (2003), o Estado de Minas Gerais comporta realidades distintas que podem ser separadas entre *as Minas e os Gerais*, implicando, por sua vez, não somente realidades geográficas, mas também socioeconômicas e culturais. A título de exemplo, pode-se verificar que,

Outra perspectiva afeita a esta questão refere-se à denominação identitária do mineiro. Nos primórdios da documentação colonial, os moradores da Capitania de São Paulo e Minas do Ouro e depois Capitania de Minas Gerais eram nomeados como sendo os geralistas (...) e só mais tarde chamados de mineiros. **Os moradores dos gerais, por outro lado, são conhecidos regionalmente como os geraizeiros e não os geralistas (...).** Denominações diferenciadas para povos diferenciados. Como podemos ver, o sociólogo da mineiridade, em seu ensaio quer afirmar a duplicidade de realidades sociais existentes em Minas Gerais, mas encontra impedimentos no campo semântico em que se encontra mergulhado e replica significados iguais para significantes distintos. Coisa muito comum entre os mineiros, cujo conhecimento de Minas se faz a partir das leituras disponibilizadas desde os primeiros bancos escolares e não da vivência direta das realidades díspares. Falar as Minas ou as Gerais, dessa forma, é falar de uma mesma realidade social que se contrasta com os Gerais (COSTA, 2003, p. 24 – **grifos nossos**).

Em outro trabalho, Costa (2001) expôs sobre as razões e o sentimento de se pertencer a região norte mineira:

Sabemo-nos norte mineiros por algumas razões, quando saímos de nossa região para outras regiões de Minas Gerais, quando começamos conversações com quem não nos conhece, imediatamente nos perguntam: “você é baiano?”. E quando dizemos que **somos do Norte de Minas ou do norte mineiro, imediatamente nos discriminam pejorativamente com o clássico slogan: “ah, você é baiano”, ou “você é baiano cansado”**. Mas apesar da ofensa na forma como nos identificam estigmatizando, levando isso como uma brincadeira, porque nosso sentimento de amor ao Norte de Minas é maior do que qualquer ofensa que por ventura venham a nos fazer. Esse orgulho é uma fonte de aversão que os outros têm para com todos nós que expressamos nossa consciência da diferença ao nos nomearmos norte mineiros (COSTA, 2001 – **grifos nossos**).

Deduzindo, a partir do exposto, que, embora ser da região norte mineira aparece ao “outro”, aquele que é de fora, como ser portador de características, muitas vezes, estigmatizadas, a identidade da pessoa dessa região é acompanhada de um “orgulho” e “amor” por si mesmo.

Outra característica do povo norte mineiro, segundo esse autor, é a cordialidade. Buscando em Sérgio Buarque de Holanda (1991)<sup>48</sup> o conceito de o “homem cordial”, ele definiu-a como lhaneza no trato, hospitalidade e generosidade sendo uma realidade presente na vivência do sertanejo (COSTA, 1997: p. 82).

O autor aponta-a como um modo peculiar da vida local,

De acordo com essa característica as formas de convívio são ditadas por uma **ótica de fundo emotivo**, apesar da manifestação forma de respeito, buscando o convívio familiar, o desejo de estabelecer intimidade (COSTA, 1997: p. 82 – **grifos nossos**).

Embora as relações sejam de fundo emotivo e têm como ambiente principal a vida rural, os moradores do sertão norte mineiro construíram uma cultura baseada em regras consensuais e no uso coletivo das terras, com uma visão de mundo marcada pela presença do boi. Conhecedor da flora e da fauna da região, o saber sobre as possibilidades da cura destas era compreendida por toda a população, mas especialmente pela pessoa do raizeiro e/ou da benzedeira.

Na vida econômica, além da variedade de elementos, como a pesca, a caça, a produção de mel e de cera de abelhas, a mineração, a extração de salitre – utilizada para a fabricação de pólvora -, a criação de pequenos animais – galináceos, suínos, ovinos, caprinos, a existência de pomares – café, laranja, limão, mangas, bananeiras, urucum, cultivo de feijão, arroz, milho, mandioca, cana-de-açúcar, fumo, mamona, algodão e outros, o mais importante, segundo Costa (1997), é ressaltar que este ambiente econômico era voltado para o ser humano:

(...) o objetivo da produção é o homem, ao contrário do que predomina no mundo moderno, onde a produção surge como o objetivo do homem, e a riqueza como o fim da produção. (COSTA, 1997: p. 87)

Recentemente, e até mesmo convivendo com *alógica da dádiva*, cuja produção é voltada para o bem-estar do ser humano, uma característica que tem adentrado o sertão são as tecnologias avançadas próprias do capitalismo.

É possível encontrar uma variedade de influências orientando a produção, a distribuição e a circulação de bens e serviços, bem como o convívio de *lógicas diferenciadas*, com objetivos diversificados, presentes na região (COSTA, 1997).

---

48 HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio, 1981.

Uma referência na política da região foi o patrimonialismo e o coronelismo, atuante no passado e com alguns resquícios no presente. De acordo com Holanda (2003), há diferenças entre o funcionário patrimonial e o funcionário burocrata:

para o funcionário patrimonial, a própria gestão política apresenta-se como assunto de seu interesse particular; as funções, os empregos e os benefícios que deles auferem relacionam-se a direitos pessoais do funcionário e não a interesses objetivos (...) (HOLANDA, 1991: p. 146).

Assim, os órgãos públicos que deveriam ocupar-se do bem coletivo, esteve reconhecidamente sob o mando de personagens cuja atuação patrimonialista prevaleceu sobre outras formas de exercício de poder. Juntando o patrimonialismo com o coronelismo, houve na região uma complexa rede de relações que caracteriza, principalmente, a influência deste último no exercício do poder local. Conforme Maria Isaura Pereira de Queiroz (1976)

O coronelismo tem sido entendido como uma forma específica de poder político brasileiro que floresceu durante a Primeira República, e cujas raízes remontam ao Império; já então os municípios eram feudos políticos que se transmitiam por herança – herança não configurada legalmente -, mas que existia de maneira informal (QUEIROZ, 1976: p. 163).

Desde então, o poder exercido sob esta forma implica a pessoa do “coronel” como uma figura importante no topo da hierarquia do poder local, implica também uma *reciprocidade de favores* entre este e os seus asseclas, alternando, por sua vez, com uma forma violenta de obtenção e concretização de seus interesses, conforme Queiroz (1976).

## **Violência e cordialidade**

Para Costa (1997), a violência forma o contraponto da cordialidade, em que o *abuso da força* é a alternativa utilizada sem hesitação, com uma constância nas relações sociais. Embora o “Ser” do norte de Minas tenha firmado relações consensuais que regulam a vida dos sertanejos por um lado, em outro aspecto a hierarquização do mando se constituiu, com a pessoa do “Coronel”, o outro lado da moeda:

Por outro lado, as regras e normas consensuais estruturam-se, verticalmente, numa hierarquização de mando extremamente rígida, possibilitando o surgimento da figura do coronel – que ocupa o lugar do Estado e conta com a fidelidade de seus “afilhados”. Com seus jagunços, submetia todos às suas vontades e determinações. Deriva-se daí uma das características marcantes da cultura regional: a violência existente no nível das relações sociais, determinada por relações políticas construídas a partir de uma ótica emotiva (COSTA, 1997: p. 83).

Curiosamente, Maria Sylvia de Carvalho Franco (1997) expôs como que a violência permeia a vida dos indivíduos até mesmo em movimento como o *mutirão* ou, na vida em comunidade. Estase tornou uma característica comum na vivência coletiva das populações rurais brasileiras. A violência surgiu, então, como um dos elementos integradores do sistema social, como a cooperação ou a solidariedade, por exemplo.

(...) nas relações de vizinhança, a violência está incorporada como uma regularidade, eclodindo de circunstâncias que não comprometem as probabilidades de sobrevivência e **apresentando um caráter costumeiro suficientemente arraigado** para ser transferido a situações que apresentam pelo menos alguns sinais de mudança (FRANCO, 1997: p. 30).

Dessa maneira, pode se falar de uma violência institucionalizada nas relações sociais que se travam no sertão, ocorrendo em espaços como já foi dito: as relações de vizinhança, o mutirão, no ambiente do trabalho e até mesmo na família.

Enfim, as

(...) relações comunitárias – os grupos de vizinhança, as formas cooperativas de trabalho, a família e as atividades lúdicas – é mais do que suficiente para que se aceite o ponto de vista de que a qualidade essencialmente pessoal desse tipo de relações sociais, se realmente fundamente uma identificação entre os que dela participam, ao mesmo tempo traz de modo inerente um caráter de antagonismo que é irredutível (FRANCO, 1997: p. 50).

Por outro lado, a violência constitui uma forma de reação da pessoa, dentro de relações sociais opressoras, segundo a autora, como uma *moralidade*.

Postos sem dúvida atributos pessoais, não há outro recurso socialmente aceito, senão o revide hábil para restabelecer a integridade do agravado. Este objetivo, nessa sociedade em que inexistem canais institucionalizados para o estabelecimento de compensações formais, determina-se regularmente mediante a tentativa de destruição do opositor. **A violência se erige, assim, em uma conduta legítima** (FRANCO, 1997: p. 51 – **grifos nossos**).

Tendo em vista o conjunto de características examinadas até o momento, por último, um aspecto essencial a ser enunciado é a participação dos norte mineiros, como sertanejos, vistos como “conservacionistas culturais”, com uma prática e simbolicamente que inclui algumas das seguintes características: uso de técnicas ambientais de baixo impacto, formas equitativas de organização social, traços culturais que são seletivamente reafirmados e reelaborados -, com premissas diferentes sobre o que existe no mundo.

## CONCLUSÃO

Na caminhada argumentativa construída, o sertão e sertanejo aparecem na cultura letrada brasileira como elementos constitutivos de uma realidade sociocultural que complica a ideia de nação brasileira, a narrativa tornada oficial de fins do século XIX à contemporaneidade, conforme a ótica de Janaina Amado (1995).

De um lado, comprehende-se a existência dessas duas categorias de pensamento – sertão e sertanejo -, mas, de outro lado, não se comprehende a diferença de ordem sociocultural que se encontra no lugar sertão e no sertanejo, percebe-se toda uma estranheza que assombra o ideal de civilidade ostentado pelo Ocidente, conforme Norbert Elias (1994) e replicado no Brasil por uma bipartição geográfica, conforme Candice Vidal e Souza (1997): litoral de um lado, sertão de outro. Revela-se no escopo mesmo das categorias de pensamento sobre o projeto de nação brasileira requer que o Litoral se estenda sobre o Sertão, apagando-o em sua dimensão espacial para alçá-lo a sua dimensão mítica, que constituiria o cerne da nacionalidade.

A socioculturalidade do sertão brasileiro se configura a partir de uma relação bastante complexa com o projeto de colonização que começou a ser implantado com a chegada dos colonizadores europeus, não só portugueses, mas também espanhóis, holandeses, franceses etc. À medida que esse projeto tinha como foco a exploração de bens materiais, as populações que aqui se encontravam, os indígenas, bem como aquelas que foram trazidas para cá, os africanos, passaram a ser submetidas a um processo produtivo que, em si mesmo, significava um desligamento dos seus referenciais culturais étnicos pela imposição de mudanças em nome de uma racionalidade brutal, de uma adesão selvagem à dinâmica colonial e, posteriormente, capitalista como discutido por Victor Leonardi (1996) e Nísia Trindade Lima (1999a).

Com a instauração da República e o emergente projeto de construção da nacionalidade propriamente brasileira, como discutido por Custódia Selma Sena (1998), as diferenças étnicas e regionais são subordinadas à nação pensada como una e indivisível para a construção do vínculo que uniu as gentes existentes no espaço geográfico pela convicção de um querer viver coletivo, desenvolvendo a consciência de sua nacionalidade, em virtude da qual se sentiriam participantes de uma realidade sociocultural distinta de qualquer outra.

Sertão e sertanejo também têm sido afirmados tanto nos estudos acadêmicos que os tomaram como objeto de interpretação a partir de pesquisas localizadas em diversas dimensões

como comunidades específicas, literatura regional, festejos populares midiatizados, como no cancioneiro e nos escritos de artistas e intelectuais locais.

Todavia, é preciso considerar a voz das gentes cuja consciência, ainda que atingida pelo sentimento de pertencimento à nação brasileira, resiste com seu modo de vida peculiar nascido da resistência à aniquilação dos referenciais indígenas, africanos e mestiços que alicerçam, atualmente, a reivindicação de uma especificidade étnica e uma tradicionalidade nesses grupos denominados como “populações tradicionais”, entre os quais diversas etnicidades norte mineiras, como os geraizeiros, vazanteiros, caatingueiros, veredeiros, quilombolas e indígena Xakriabá<sup>49</sup>, tal como discutido por João Batista de Almeida Costa (2005). E, também, a comunidade norte mineira, autodenominada catrumana, que reivindica para si o reconhecimento simbólico de sua participação nos conteúdos discursivos da mineiridade como afirmado no editorial da Revista Verde Grande (2008).

Buscamos aqui, a partir das narrativas locais dos *grupos subalternos*, compreender aspectos pertinentes à subjetividade que, evidentemente, não estão catalogados pela cultura lettrada. Tais aspectos, que dão a devida medida do “*modus vivendi*” das populações tradicionais encontram-se em toda uma cultura oral que se expressa em formas bastante simples, mas altamente significativas. As narrativas orais, que marcam a cotidianidade dos sertanejos, revelam outro sertão, aquele vivido, experienciado, distinto do sertão pensado, projetado no escopo da nação e teorizado nos estudos acadêmicos.

Nesta conclusão, coloco em uma única senda os dois percursos percorridos ao longo desta tese que evidenciaram como certezas que, para além das oposições entre as visões

<sup>49</sup> Para maior conhecimento sobre os índios Xaciabás, ver os trabalhos de SANTOS, Ana Flávia. *Do Terreno dos Caboclos do Sr. São João à Terra Indígena Xaciabá: As circunstâncias da Formação de um povo. Um Estudo sobre a Construção Social de Fronteira*. Brasília: UnB, 1997 (Dissertação de Mestrado em Antropologia). OLIVEIRA, Alessandro Roberto de. *Política e Políticos Indígenas: A Experiência Xaciabá*. Brasília: UnB, 2008 (Dissertação de Mestrado em Antropologia). Sabe-se que esse chão norte mineiro, preenchido por campinas, cerradões, mata seca e veredas próximas aos veios d’água, enorme diversidade vegetal e animal, se constituía em cenário para algumas nações indígenas. As penetrações dos bandeirantes em tais espaços se transformavam em verdadeiro aprendizado de sobrevivência, que, não raro, vitimava os exploradores com a morte. Morte pelas febres, pela desnutrição, pelo cansaço, pelas bordunas dos grupos Jê, senhores dos Cerrados. Estes, seriam nações do tronco Tupi-Guarani, habilidosos na convivência com as condições do sertão, guerreiros cruéis, na defesa de suas fronteiras. Já o termo Tapuio, seria a de um povo embrutecido do sertão, onde, nas secas, as cigarras soam estridentes; nas águas, rios e grutas rugem ladeira abaixo. Sertão, onde o vento desliza ladeira acima, curvando as copas dos ipês, das caraíbas, das guarirobas. Sertão, ornamentado por descomunais buritis próximos aos veios de água límpida, que acolhe seus cocos; estes depois de amolecidos, alimentam lambaris e piabas. O sertão nunca esteve. O sertão é. Absoluto, numa imobilidade milenar. Esse espaço, até as primeiras pegadas das botas dos descobridores, não era conhecido como sertão em si, posto que a ideia veio em oposição à realidade europeia dos descobridores; em contraposição à vida costeira neste país tropical.

“externas” e as visões “internas”, as narrativas deslocam-se para margens e fronteiras dos discursos enunciados desvelando ambiguidades no conteúdo das narrativas do pensamento social brasileiro e no conteúdo das narrativas dos sertanejos manuseados.

A estratégia argumentativa escrutinou os conteúdos discursivos das duas vertentes de enunciações narradas com as quais trabalhei ao longo da tese ao realizar uma análise dos conteúdos de forma comparativa. O que emerge daí constitui-se a tese desenvolvida para ser enunciada em toda sua clareza aqui no encerramento deste trabalho monográfico.

Em sendo assim, retomemos os argumentos. Inicialmente afirmei que na sociedade sertaneja norte mineira - *lócus* deste estudo -, existe uma comunidade regional enunciadora de uma humanidade específica constituída por intelectuais locais, memorialistas regionais, compositores nortes mineiros e intelectuais acadêmicos, cujas enunciações contribuem para a construção de uma narrativa nativa sobre o humano sertanejo. A compreensão foi construída ao manusear o trabalho de estratégias simbólicas de apresentação e representação de si que diversos agentes sociais norte mineiros têm construído sobre a região e que são consoantes ou se opõem às classificações e representações que os outros lhe impõem. Por outro lado, tomei o trabalho de estratégias simbólicas que daqueles que considero serem intelectuais locais, apoiado no trabalho da memória ao ter acesso à narração livre sobre seu percurso de vida, para em seguida dialogar sobre a região, enquanto sertão, e sobre a compreensão que ele tem dele mesmo como sertanejo norte mineiro.

Na leitura construída pelos três intelectuais nativos, há consonância com as interpretações ocorrentes no pensamento social brasileiro, de que há uma geografia pátria que cinde o Brasil em dois espaços opostos e distintos: *Sertão e Litoral*. A aproximação às interpretações do pensamento social brasileiro foi percebida na interpretação de Francisco Cardoso, para quem “o sertão é lugar de mata bruta, terra abandonada. Lugar que não tem ninguém, abandonado sertão abandonado”. Ele, também considera que “o sertão é o lugar que não tem nenhum conhecimento, nenhum trânsito, nenhum recurso, não tem nada! É um lugar atrasado”. Para Pedro Cristóvão “lugar ruim, parece um lugar menor, não tem a mesma condição geográfica, chuvas, uma coisa que parece meio isolado”. E, por fim, para Jerônimo Barbosa, “o sertão é um lugar deserto, não habitado e que precisa de um trabalho para ser colonizado”.

É, assim, enunciado pelos três dialogantes a visão consoante àquela do pensamento social brasileiro, sendo que Jerônimo Barbosa desliza sua leitura para aproximar à perspectiva da elite política brasileira, a de que a construção da nação requer “domesticar” o sertão incorporando-o à condição litorânea pela sua retirada do atraso em que se encontra historicamente situada. Ao replicar o projeto de nação construído pelo pensamento social brasileiro, está implícito que a efetivação desse projeto pressupõe estender por todos os rincões do país - seus sertões considerados com lugares atrasados, abandonados, brutos onde vive um povo forte, resistente, alegre em sua tristeza e carência -, a mesma condição vivida no litoral ou numa metonímia, urbanizar o campo e introduzir o *eidos* e o *ethos* da cidade.

Ao manusear as narrativas de escritores locais: poetas, memorialistas e, também, folcloristas que textualizam aspectos do *eidos* regional, em sua maioria, enunciaram acontecimentos de sua vida pessoal, suas memórias da região, as estratégias agonísticas para garantir a sobrevivência perante a seca prolongada, o rio São Francisco com as gentes ribeirinhas. E, também, a musicalidade do sertão norte mineiro retratou a região a partir de fins da década de 1970, como demonstrou as coletâneas de música regional, dentre elas as modinhas, cantigas de roda, músicas de viola que tiveram o sertão como inspiração.

O mundo sertanejo, conforme estudo de Oliveira Filho (2006), pode ser compreendido por meio de práticas culturais que atualizam os aspectos sertanejos que propiciaram ao pensamento social brasileiro categorizá-lo como atrasado. Essas práticas, ainda encontradas em comunidades norte mineiras são as chamadas “promessas”, canções para chover ao pé do cruzeiro no alto da serra, terços cantados, encomendações de almas, tecidos tramados no tear de fiar, monjolos, roda d’água, sabão de “cuada”, fabricação de rapadura em grandes tachos de cobre, quitandas (pão de queijo, bolo de puba, biscoito escaldado, sequilhos, dentre outros) feitos em fornos de barro no fundo dos quintais das casas, picado de banana verde com carne seca, “mantas” de carne seca de “dois pelos” batia-se no pilão para fazer a paçoca que era armazenada dentro de latas de querosene (pois nessa época não havia geladeira e/ou técnicas de conservação), da rapadura raspada ia se ajuntando na palma da mão o farelo “preguento”... E tantas outras imagens presentes no cotidiano rural norte mineiro... os potes de barro dispostos no interior das casas que conservavam a água sempre fria, as cabaças d’água na capanga para levar para beber lá na roça, a figura dos carreiros em seus carros de bois “chiando” durante o dia todo, balaios cheios de umbus, coquinho azedo, gariroba, dentre outros.

Esse mundo persevera, atualmente, nas comunidades rurais e na memória de seus descendentes, que se encontram nos subúrbios de cidades de médio ou grande porte, como Januária, Janaúba, Montes Claros e Pirapora. Trata-se de um mundo que, frente ao desenvolvimentismo desenfreado pela “modernança”, continua a ser atualizado em suas razões subalternas que insistem em permanecer no mundo em sua realidade singular.

E, por fim, o sertão e o sertanejo são signos imensamente polissêmicos, cujos conteúdos vinculados às origens a partir do que são enunciados, pelo pensamento social brasileiro ou por intelectuais locais, regionais, memorialistas e compositores, deslizam replicando-se ou assombrando-se uns aos outros. Como disse Guimarães Rosa (1986), o sertão está em toda parte. Tendo saído das narrativas sociais, alçou a condição de mito sem o qual o Brasil não seria Brasil, mas um mero retrato na parede.

## REFERÊNCIAS

- ANDERSON, Benedict. *Comunidades Imaginadas*. Lisboa: 2005.
- ABREU, João Capistrano de. *Capítulos de História Colonial*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1988.
- AMADO, Janaína. Região, Sertão, Nação. In: *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro: v.8, n.15, p.145-151, 1995.
- AMADO, Janaína. “Construindo mitos: a conquista do Oeste no Brasil e nos Estados Unidos”. IN: Sidney Valadares Pimentel e Janaína Amado (orgs.), *Passando dos limites*. Goiânia, Universidade Federal de Goiânia, 1995. Pp. 51-78.
- AMBRÓSIO, Manoel. *Brasil interior: palestras populares – folk-lore das margens do São Francisco*. São Paulo: Benjamim Monção, 1934.
- ANASTASIA, Carla Maria Junho. *A Geografia do Crime: Violência nas Minas Setecentistas*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005.
- \_\_\_\_\_. *A Sedição de 1736*: Estudo comparativo entre a zona dinâmica da mineração e a zona marginal do Sertão Agro-Pastoril do São Francisco. Belo Horizonte: DCP/UFMG, 1983. (Dissertação de Mestrado).
- ANDERSON, Benedict. *Nação e Consciência Nacional*. São Paulo: Ática, 1989.
- ANJOS, Cyro dos. *Explorações no tempo: memórias*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1969.
- APPEL, Karl-Otto. “La Comunidad de Comunicación como Presupuesto Transcendental de las Ciencias Sociales”. Em *la Transformación de la Filosofía: El a priori de la Comunidad de Comunicación*. Tomo II. Madrid: Tauros, 1985, pp. 209-249.
- ARAGÃO, Luiz Tarlei de – “A Oeste de Tordesilhas. IN: Mais, 17 set 2000, Folha de São Paulo, pp. 30-31.
- AUDRIN, José M. *Os Sertanejos que eu conheci*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1963.
- AZEVEDO, Téo et ÂNGELO, Assis. *Dicionário catrumano*: pequeno glossário de locuções regionais. São Paulo: Letras & Letras, 1996.
- BALAIJO, João. *Você sabe o que aconteceu em Montes Claros dia 13 de agosto do ano passado?* São Paulo: Relâmpago, 1978.
- BARBOSA, Jurandir. *Outras Pelejas*. São Paulo: Catrumano, 2013.
- BARTH, Frederic – *Ethnic Groups and Boundaries. The Social Organization of Culture Difference*. Boston: Little, Brown and Company, 1969.
- BENJAMIN, Walter. *Teses sobre o Conceito de História*. Obras Escolhidas I. São Paulo, Brasiliense, 1985.
- BOSI, Ecléa. *Memória e Sociedade – Lembrança de Velhos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

- BHABHA, Homi K. *O Local da Cultura*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1998.
- BOLLE, Willi. *Grandesertão.br. O romance de formação do Brasil*. Duas cidades; Editora 34. São Paulo: 2004.
- BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. 6<sup>a</sup> ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.
- BRAZ, Petrônio. *Serrano de Pilão Arcado: a saga de Antônio Dó*. São Paulo: Mundo Jurídico, 2006.
- BURKE, Peter. *A Escrita da História: novas perspectivas*. São Paulo, Ed. UNESP, 1992.
- BURTON, Richard. *Viagem de canoa de Sabará ao Oceano Atlântico*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: EDUSP, 1977.
- CAMINHA, Pero Vaz de. *A carta de Pero Vaz de Caminha*. Rio de Janeiro: Agir, 1977.
- CANDIDO, Antônio. *Os Parceiros do Rio Bonito*: Estudos sobre o caipira paulista e a transformação dos seus modos de vida. São Paulo: Duas Cidades, 1982.
- CARDOSO, José Maria Alves Cardoso. *A região Norte de Minas Gerais: Um estudo da dinâmica de suas transformações espaciais*. Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 1996. (Dissertação de Mestrado).
- COSTA, João Batista de Almeida. *Mineiros e Baianeiros: Englobamento, Exclusão e Resistência*. Universidade de Brasília, 2003. (Tese de doutoramento).
- COSTA, João Batista de Almeida. “Sertão: Lugar de encontro de gentes e de culturas, síntese multicivilizacional da nação plural”. In: 62<sup>a</sup>. Reunião Anual da SBPC, 2011, Goiânia. Anais/Resumos da 62<sup>a</sup> Reunião Anual da SBPC, 2011.
- \_\_\_\_\_. Grande Sertão: Veredas e seus ecossistemas. In: *Revista Desenvolvimento Social*. Montes Claros: Editorada Unimontes, 2008. v.1 n. 1.pp. 63-78.
- \_\_\_\_\_. A reescrita da história, a valorização do negro e a atualização das relações ancestrais no norte de minas. In: *Revista Verde Grande*. vol. 1 nº 2, 2005.
- \_\_\_\_\_. “Cultura, natureza e populações tradicionais: o Norte de Minas como síntese da nação brasileira”. In: *Revista Verde Grande*. vol. 1 – nº 3, 2005.
- \_\_\_\_\_. Identidade norte mineira: assuntando sua especificidade regional nos estudos de nação. In: *Revista Verde Grande*. vol. 1 nº 5, 2007.
- \_\_\_\_\_. *Do Tempo da Fartura dos Crioulos ao Tempo de Penúria dos Morenos - A identidade através de um rito em Brejo dos Crioulos*, 1999. (Dissertação de Mestrado).
- \_\_\_\_\_. “A Cultura Sertaneja: a conjugação de lógicas diferenciadas”. In: SANTOS, Gilmar Ribeiro (org.). Trabalho, Cultura e Sociedade no Norte/Nordeste de Minas: Considerações a partir das Ciências Sociais. Montes Claros: Best Comunicação e Marketing, 1997. pp.77-97.
- \_\_\_\_\_. “Sentir-se norte mineiro, as raízes de nossa regionalidade”. In: *Opinião*. Montes Claros, 07-13/10/2001. 01 (04), p. 04.

- CUNHA, Euclides da. *Os sertões*. 39ª ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves: São Paulo: Publifolha, 2000.
- DAVIS, Allison e outros – *Deep South. A Social Anthropological Study of Caste and Class*. Chicago: Phoenix Books, 1969.
- DAYRELL, Carlos Alberto. *Geraizeiros y Biodiversidad em el Norte de Minas Gerais: La contribución de la agroecología y de la etnoecología en los estudios de los agroecosistemas*. Huelva: Universidad Internacional de Andalucía, 1998. Dissertação de Mestrado.
- DIEGUES JUNIOR, Manuel. *Regiões culturais do Brasil*. Rio de Janeiro: Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais. FNP-MEC, 1960.
- ELIAS, Norbert. *O processo civilizador*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Edições, 1994.
- FRANCO, Afonso Arinos de Melo. “Pelo Sertão” In: *Obra Completa*. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1968. pp. 13-120.
- FRANCO, Maria Sylvia de Carvalho. “O código do Sertão”. In: *Homens Livres na Ordem Escravocrata*. São Paulo: EDUSP, 1998. pp.21-63.
- GASPAR, Maurice M. *Dans Lé Sertão de Minas*. Abadia duParc-Lez-Louvain. Bélgica, 1910.
- GEERTZ, Clifford. *A Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogam, 1989.
- GUHA, R; SPIVAK, G. (Ed.). *Selected Subaltern Studies*. Oxford: Oxford University Press, 1988.
- GUIMARÃES ROSA, João. *Grande sertão: veredas*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Trad. Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro. Ed. DP & A. 10ª Ed. 2005.
- HOBSBAWM, Eric J. *Nações e nacionalismos desde 1780: programa, mito e realidade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.
- LEAL, Victor Nunes. *Coronelismo, enxada e voto*. São Paulo: Alfa-Ômega, 1976.
- LEONARDI, Victor. *Entre árvores e esquecimentos. História social nos sertões do Brasil*. Brasília: UnB, 1996.
- LIMA, Nísia Trindade. *Um Sertão chamado Brasil: intelectuais e representação geográfica da identidade nacional*. Rio de Janeiro: Revan/IUPERJ-UCAM, 1999a.
- LIMA, Nei Clara de. *Narrativas orais: uma poética da vida social*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2003b.
- MÄDER, Maria Elisa Noronha de Sá. *O vazio: O sertão no imaginário da Colônia nos séculos XVI e XVII*. Rio de Janeiro: Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 1995. Departamento de História (Dissertação de Mestrado).
- MATTA-MACHADO, Bernardo da. *História do Sertão do Noroeste de Minas Gerais (1690-1930)*. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1991.

- MAURÍCIO, João Vale. *Janelas do Sobrado. Memórias*. Montes Claros: Arapuim, 1995.
- MELLO e SOUZA, Laura. *O Diabo e a Terra de Santa Cruz*. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.
- OLIVEIRA, Marcos Fábio Martins. “O processo de formação de Montes Claros e da área mineira da SUDENE”. In: RODRIGUES, Luciene. (Org.). *Formação social e econômica do Norte de Minas*. Montes Claros: Editora UNIMONTES, 2000.
- OLIVEIRA, Lúcia Lippi. “A conquista do espaço: sertão e fronteira no pensamento brasileiro.” In: *Americanos: Representações da identidade nacional no Brasil e nos EUA*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2000.
- OLIVEIRA FILHO, Otaviano de. *Do Brasil ao Sertão: Uma análise do processo de constituição da Identidade Sociocultural do Norte de Minas Gerais*. Montes Claros: Immensa, 2011.
- \_\_\_\_\_. “Resistência Identitária: A Configuração Etnocultural da Comunidade Sertaneja Norte mineira no Processo Histórico de Minas Gerais” In: *Dossiê Sertão*. Goiânia: Revista UFG, 2006. Ano VIII. nº2. pp. 38-45.
- \_\_\_\_\_. “Interpretações dualistas de Desenvolvimento no Norte de Minas: Gestores X Sertanejos – 1940-1980”. Montes Claros/MG.: Funorte Humanidades, 2006. pp. 88-101.
- \_\_\_\_\_. “Contato e fronteira: reflexões sobre a questão da identidade na era da globalização”. IN: *Kuruatuba*. Nova Porteirinha - MG.: Revista de Estudos Multidisciplinares da Faculdade Vale do Gorutuba, 2011, p. 40-44 – ano I, Vol. I.
- \_\_\_\_\_. “Raízes de um conflito sociojurídico no sertão norte mineiro”. IN: *Revista Litteris*. Nova Porteirinha – MG.: Revista de Estudos Jurídicos da Faculdade Vale do Gorutuba, 2009, Ano I, Volume I.
- PEIRANO, Mariza. *A favor da etnografia*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1995.
- PEREIRA, Laurindo Mékie. *Em nome da região, a serviço do capital*: o regionalismo político norte mineiro. 2007. Tese (Doutorado em História Econômica) – Programa de Pós-Graduação em História Econômica da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, USP, São Paulo, 2007.
- PIERSON, Donald. *O Homem no Vale do São Francisco. Ministério do Interior/ Superintendência do Vale do São Francisco (Suvale)*. 1972, Tomo II.
- PIMENTEL, Sidney Valadares. *O chão é o limite. A festa do peão de boiadeiro e a domesticação do sertão*. Goiânia: Editora UFG, 1997.
- PIRES, Simeão Ribeiro. *Raízes de Minas*. Belo Horizonte: Minas Gráfica Editora. 1979.
- \_\_\_\_\_. “Gênese dos Povoados no Sertão”. IN: *Antologia da Academia Montesclarensse de Letras*. Montes Claros: Comunicação, 1978.
- \_\_\_\_\_. *Antônio Dó: O bandoleiro das Barrancas*. Petrópolis: Imprensa Vespertino Ltda., 1976.

- PORTE-GONÇALVES, Carlos Walter. “A reinvenção dos territórios: A experiência latino-americana e caribenha”. In: CECEÑA, A. E. (comp.). *Los desafíos de las emancipaciones nun contexto militarizado*. Buenos Aires: CLACSO, 2006. p.151- 197.
- QUIJANO, Aníbal. “Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. IN: LANDER, Edgardo (org.). *A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais – perspectivas latino-americanas*. Buenos Aires, 2005. Pp. 227-278.
- REIS, José Carlos. *Nouvelle histoire e tempo histórico: a contribuição de Febvre, Bloch e Braudel*. São Paulo: Ática, 1994, p. 28.
- RIBEIRO, Darcy. *Migo*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1988.
- RIBEIRO, Ricardo Ferreira. *O Sertão Espiado de Fora: Os Viajantes estrangeiros descobrem o cerrado mineiro na primeira metade do século XIX*. Rio de Janeiro, 1997. Departamento de Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade (Dissertação de Mestrado).
- SAINT-HILAIRE, August De. *Viagem pelas Províncias do Rio de Janeiro e Minas Gerais*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1975.
- SENA, Custódia Selma. *Interpretações Dualistas do Brasil*. Goiânia: Ed. UFG, 2003.
- SENA, Custódia Selma. “De sertões e sertanejos”. In: CHAUL, Nasr Fayad (Coord.). Goiânia: Mediale, 2002. p. 227.
- SENA, Custódia Selma e SUAREZ, Mireya (orgs.) *Os sentidos do sertão*. Goiânia: Cânone, 2011.
- SCHETTINO, Marco Paulo Fróes. *Espaços do Sertão*. Brasília: Departamento de Antropologia/UnB, 1995 (Dissertação de Mestrado).
- SILVA, Tomás Tadeu. *Identidade e diferença*. São Paulo: Cortez, 2000.
- SPIX & MARTIUS. *Viagem pelo Brasil: 1817-1820*. São Paulo, EDUSP, 1981. v.2.
- SUAREZ, Mireya. *Everlasting Golden Sertões*. New York: Cornell University, 1989. Tese de Doutoramento.
- SÜSSEKIND, Flora. *O Brasil não é longe daqui: o narrador, a viagem*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- TOMPSON, E. P. *Costumes em comum: estudos sobre a cultura popular tradicional*. São Paulo: Companhia das Letras. 1998.
- VASCONCELLOS, Salomão. *Bandeirismo*. Belo Horizonte: Biblioteca Mineira de Cultura, 1944.
- VIANNA, Oliveira. *Populações Meridionais do Brasil*. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2005.
- VIDAL E SOUZA, Candice. *A pátria geográfica: sertão e litoral no pensamento social brasileiro*. Goiânia: Universidade Federal de Goiás. 1997.

WELLS, James Willians. Explorando e viajando três mil milhas através do Brasil. Do Rio de Janeiro ao Maranhão. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro: 1995. dois volumes: 83 ilust.

WERNECK SODRÉ, Nelson. *Oeste*: ensaio sobre a grande propriedade pastoril. Rio de Janeiro: José Olímpio, 1941.

## ANEXOS

**Figura 1** - Procissão do Encontro - Semana Santa em Grão Mogol/norte de Minas Gerais



**Figura 2 - Vida pacata da cidade de Grão Mogol/norte de Mina Gerais**



Vida pacada da cidade de Grão Mogol - norte de Minas

**Figura 3** - Igreja Matriz de Santo Antônio em Grão de Mogol/norte de Minas Gerais



Igreja Matriz de Santo Antônio em Grão Mogol - norte de Minas

**Figura 4** – Ponte rústica sobre o rio de Serra das Araras/norte de Minas Gerais



Ponte rústica sobre o rio de Serra das Araras - norte de Minas Gerais

**Figura 5** - Lavadeiras do rio de Serra das Araras/norte de Minas Gerais



Lavadeiras do rio de Serra das Araras - norte de Minas



Lavadeiras do rio de Serra das Araras - norte de Minas

**Figura 6** - Calliandra Harrisii - considerada a "rainha do sertão" - norte de Minas Gerais



Calliandra harrisii - considerada a "rainha do sertão" - norte de Minas Gerais

**Figura 7** - Caminhão de carvão transitando por estrada vicinal do município de Chapada Gaúcha/norte de Minas Gerais



Caminhão de carvão transitando por estrada vicinal do município de Chapada Gaúcha - norte de Minas Gerais

**Figura 8** - Estação de ferro abandonada do município de Capitão Enéas/norte de Minas Gerais



Estação de ferro abandonada do município de Capitão Enéas - norte de Minas Gerais

**Figura 9** - Estrada de Rodagem – Interior do município de Josenópolis/norte de Minas Gerais



Estrada de rodagem - interior do município de Josenópolis - norte de Minas Gerais

**Figura 10** - Mosaico de pinturas rupestres do Parque Nacional do Peruaçú - Município de Itacarambi



Mosaico de pinturas rupestres do parque nacional do Peruaçú - município de Itacarambi

**Figura 11** - Matriz de Santo Antônio em Matias Cardoso - 1<sup>a</sup> Igreja do Estado de Minas Gerais



Matriz de Santo Antônio em Matias Cardoso - 1<sup>a</sup> Igreja do Estado de Minas Gerais

**Figura 12** - Cemitério antigo da cidade de Matias Cardoso



Cemitério antigo da cidade de Matias Cardoso

**Figura 13 - Vida pacata em Matias Cardoso**



Vida pacata em Matias Cardoso

**Figura 14 - Seu Jerônimo Barbosa**



Seu Jerônimo Barbosa

**Figura 15** - Mercado Municipal de Porteirinha/norte de Minas Gerais





**Figura 16** - Dia de Feira em Monte Azul



Dia de Feira em Monte Azul

**Figura 17** - Tocando a boiada em plena seca no sertão norte Mineiro



Tocando a boiada em plena seca no sertão norte Mineiro

**Figura 18 - Tradição e Modernidade**



**Figura 19 - Ruinas de um tempo - Município de Monte Azul**



**Figura 20** - A seca prolongada no norte Mineiro



A seca prolongada no norte Mineira

**Figura 21** - Caminhos dos antigos tropeiros



Caminhos dos antigos tropeiros

**Figura 22 - Transporte pau-de-arara - moradores da zona rural de Monte Azul**



Transporte pau-de-arara - moradores da zona rural de Monte Azul

**Figura 23 - Ruina de um tempo - Fazenda abandonada - município de Monte Azul**



Ruinas de um tempo - fazenda abandonada - município de Monte Azul

**Figura 24** - Antiga moeda de engenho de fazenda abandonada - município de Monte Azul



Antiga moeda de engenho de fazenda abandonada - município de Monte Azul

**Figura 25** - Pé de umbuzeiro - símbolo do sertão norte Mineiro.



Pé de umbuzeiro - símbolo do sertão norte Mineiro

**Figura 26** - Serra do município de Monte Azul



**Figura 27** - Antiga máquina de ralar mandioca



**Figura 28** - Casa de adobe abandonada - município de Monte Azul



Casa de adobe abandonada - município de Monte Azul

**Figura 29** - Antigos carros de boi - município de Monte Azul



Antigos carros de boi - município de Monte Azul

**Figura 30** - Matando porco caipira para o sustento da família - município de Monte Azul



Matando porco caipira para o sustento da família - município de Monte Azul

**Figura 31** - Tacho de cobre fritando toucinho de porco



Tacho de cobre fritando toucinho de porco

Figura 32 - Capa do Livro - Efemérides Montesclarenses



Figura 33 - Capa Livro - Monte Claro sua história sua gente seus costumes



Figura 34 - Capa do Livro - Serões Montesclarenses

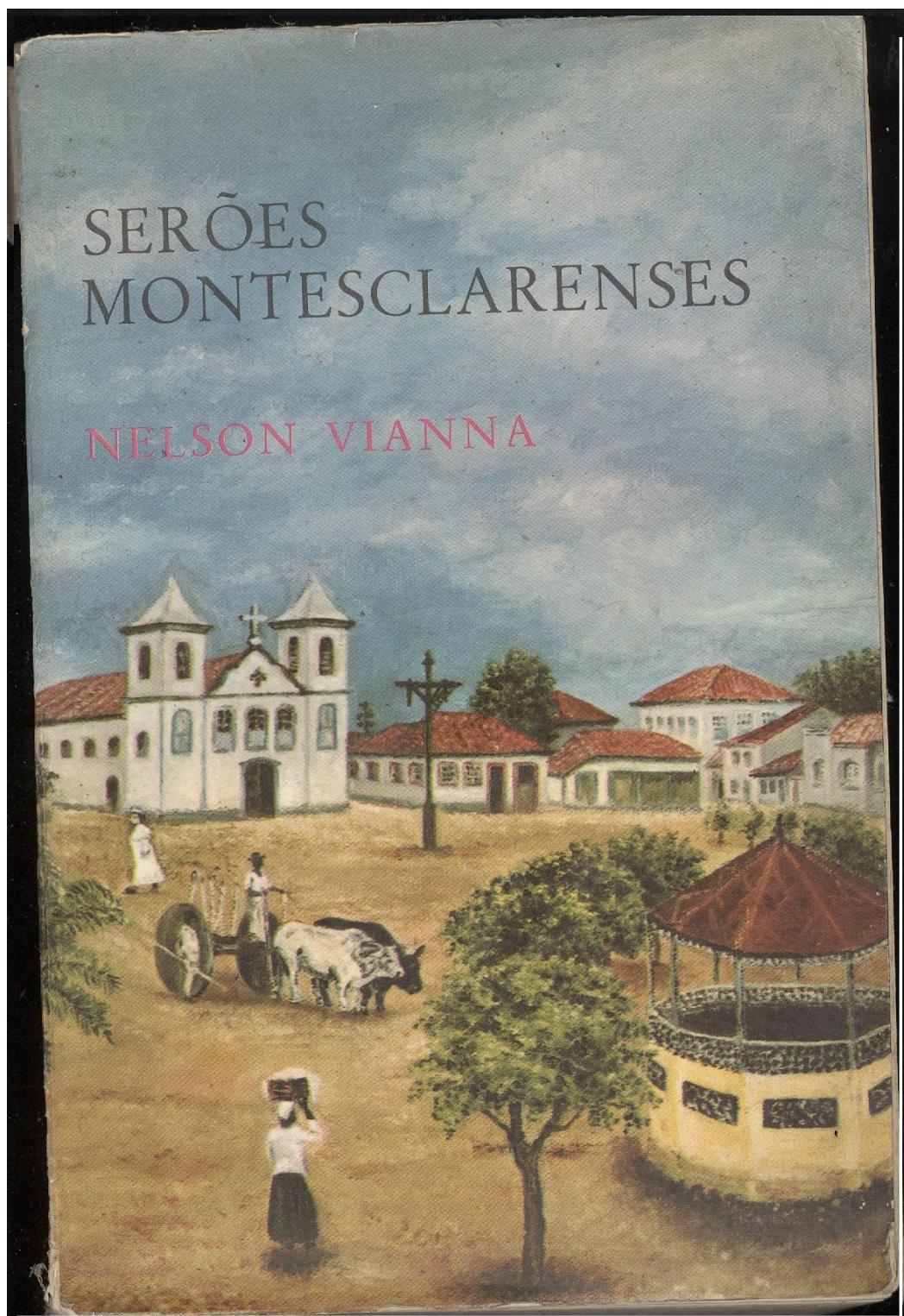
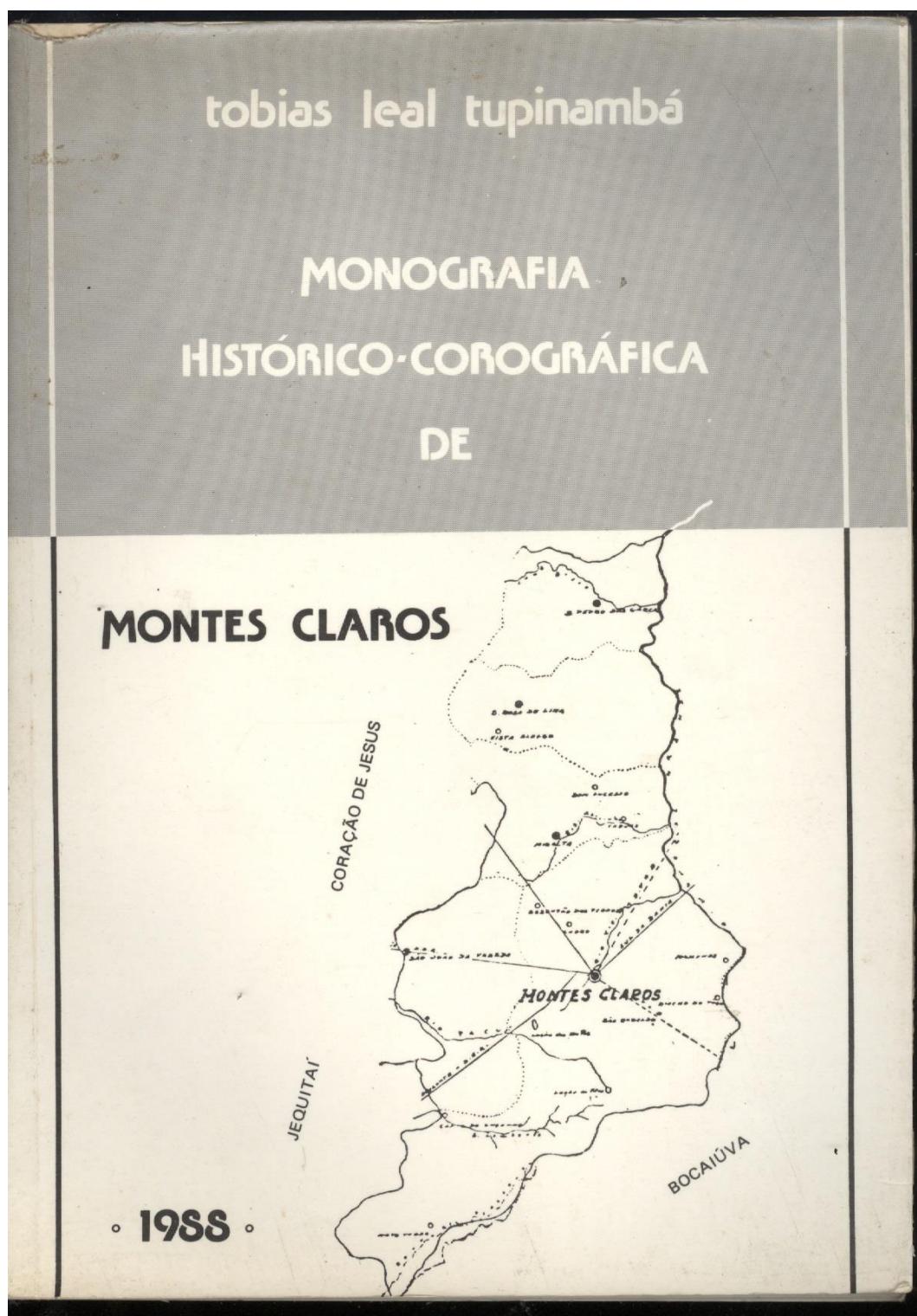


Figura 35 - Capa do Livro - Monografia Histórico - Corográfica de Monte Claros



**Figura 36** - Capa do Livro - Navegantes da Integração Os remeiro do Rio São Francisco

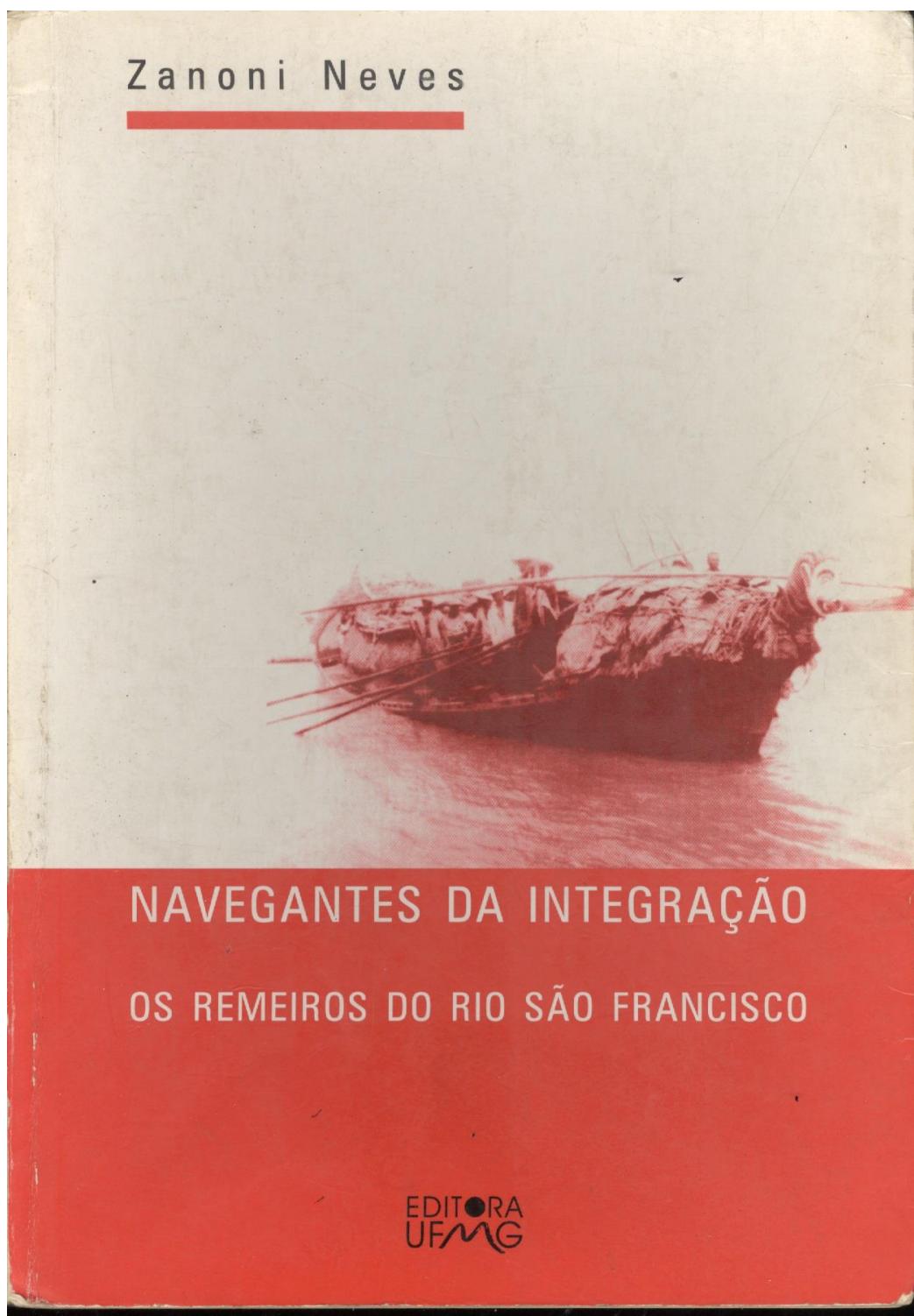


Figura 37 - Capa do Livro - ABC do Rio São Francisco



**Texto:** Sávia Diniz Dumont Teixeira

**Desenho:** Demóstenes Dumont Vargas Filho

Figura 38 - Capa do Livro - As Barranqueiras da São Francisco

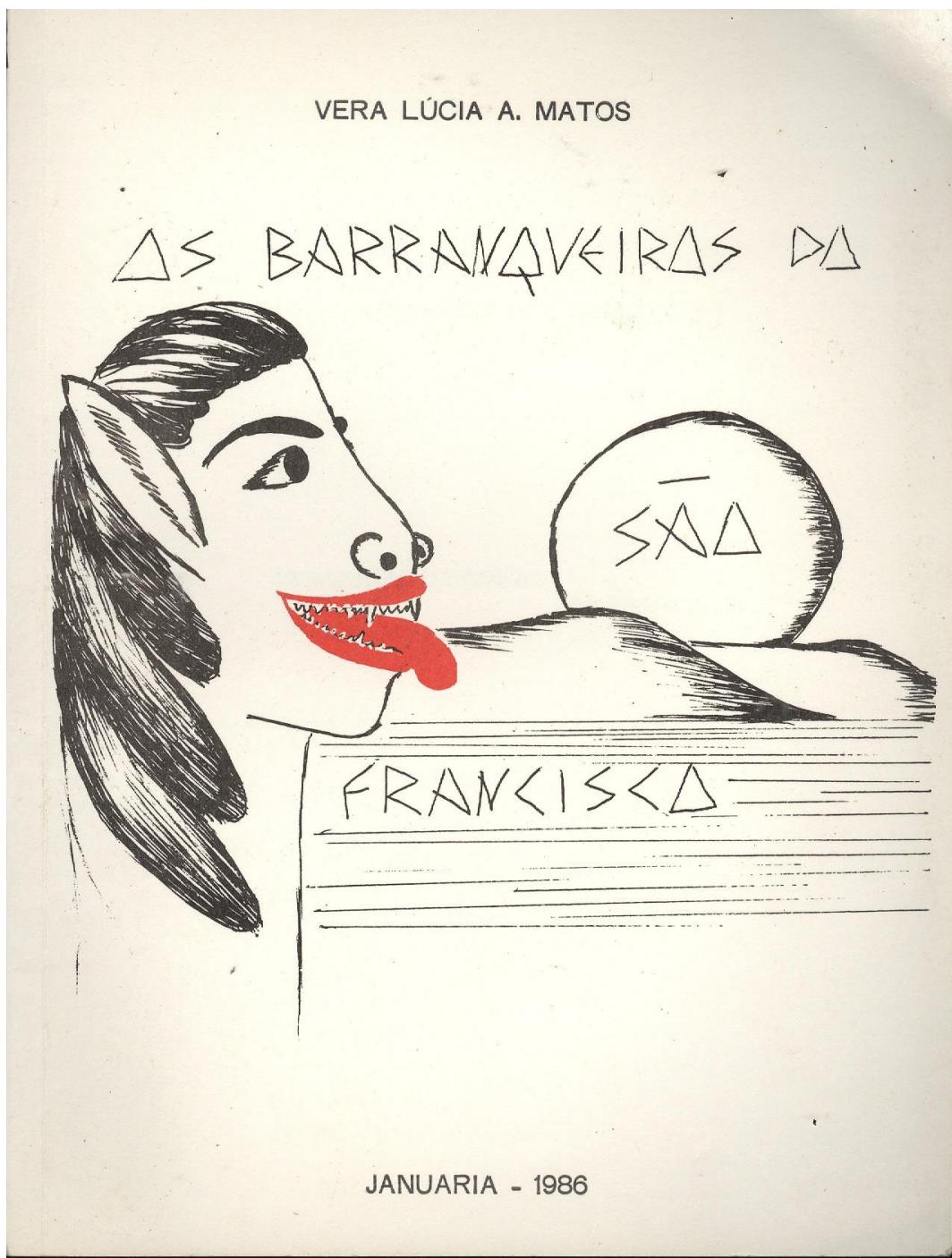


Figura 39 - Capa do Livro - Momentos



**Figura 40** - Capa do Livro - Na Venda do Meu Pai

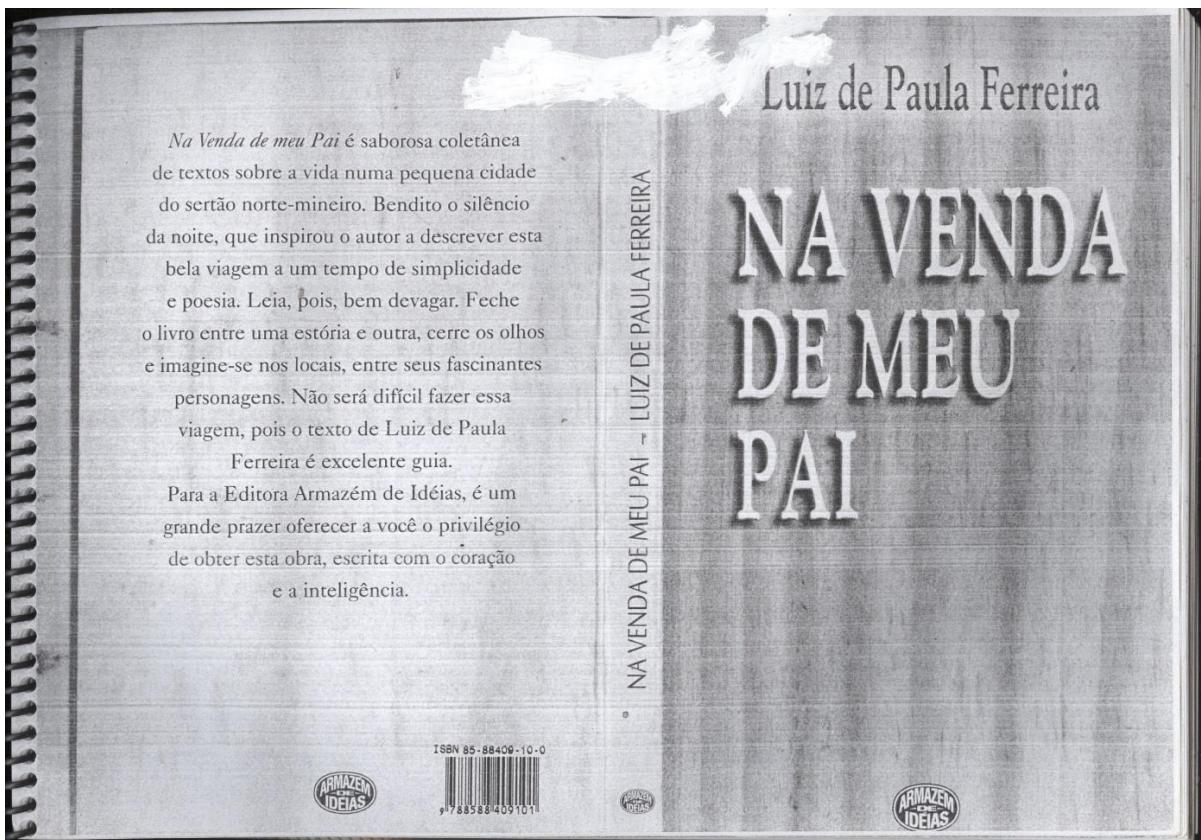
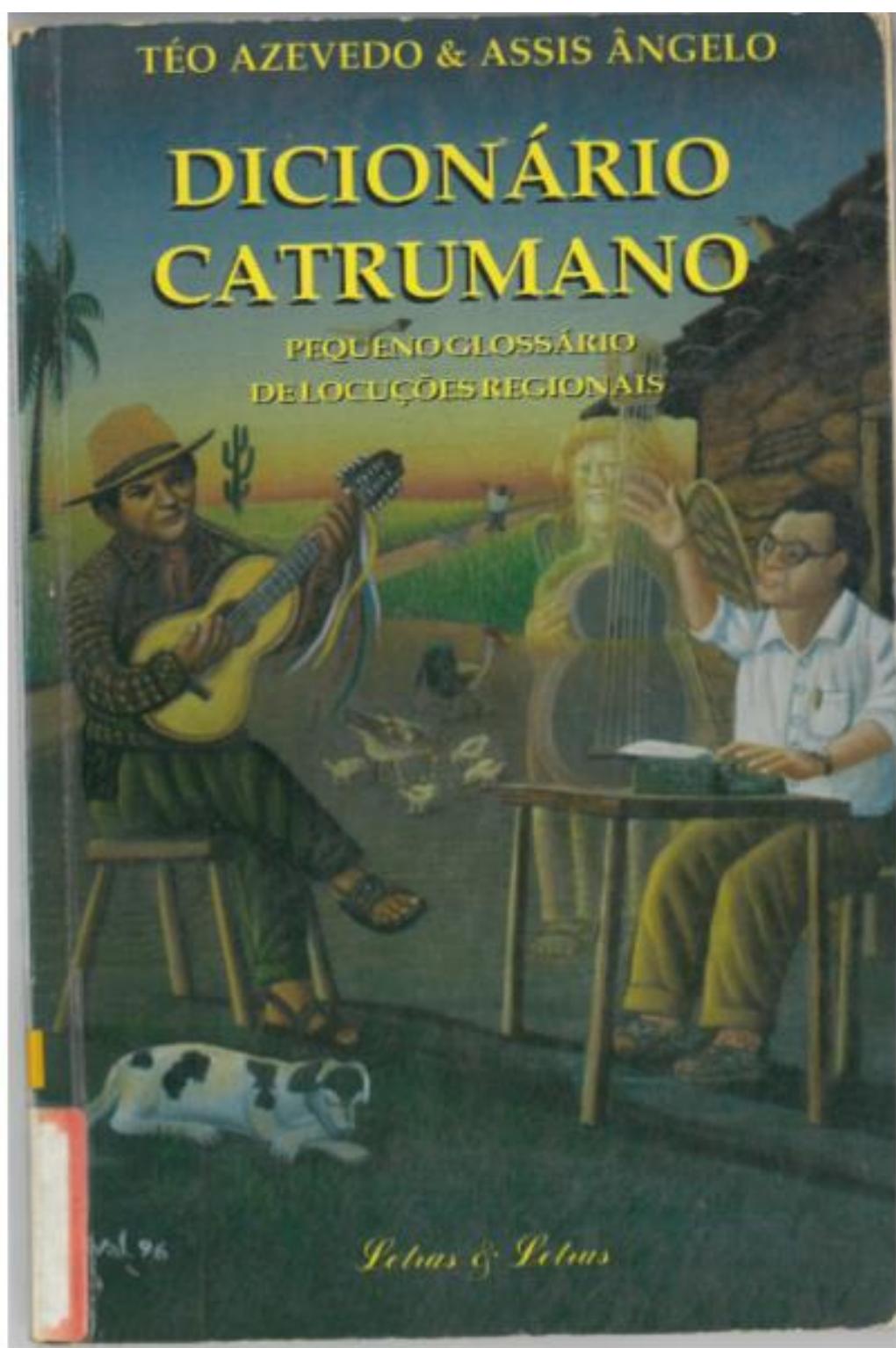
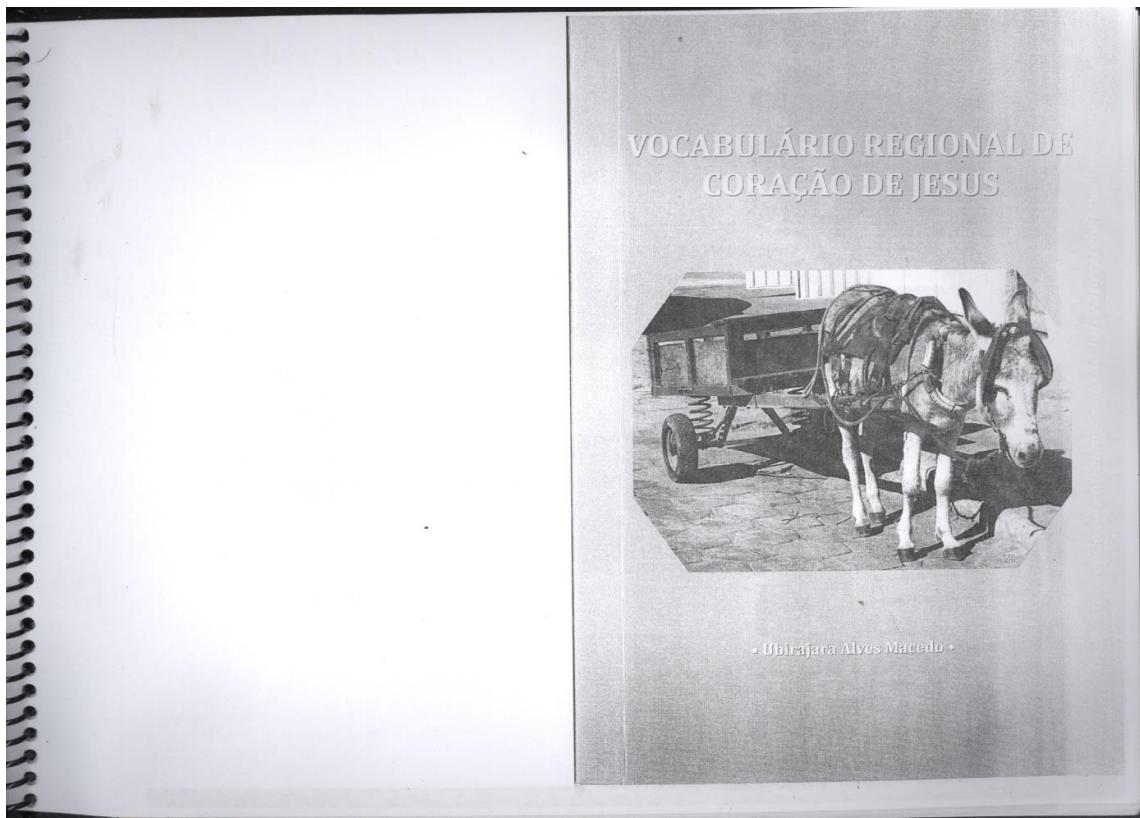


Figura 41 - Capa do Livro - Dicionário Catrumano



**Figura 42 - Capa do Livro - Vocabulário Regional de Coração de Jesus**



**Figura 43 - Capa do Livro - Saber e Crenças no Norte de Minas**

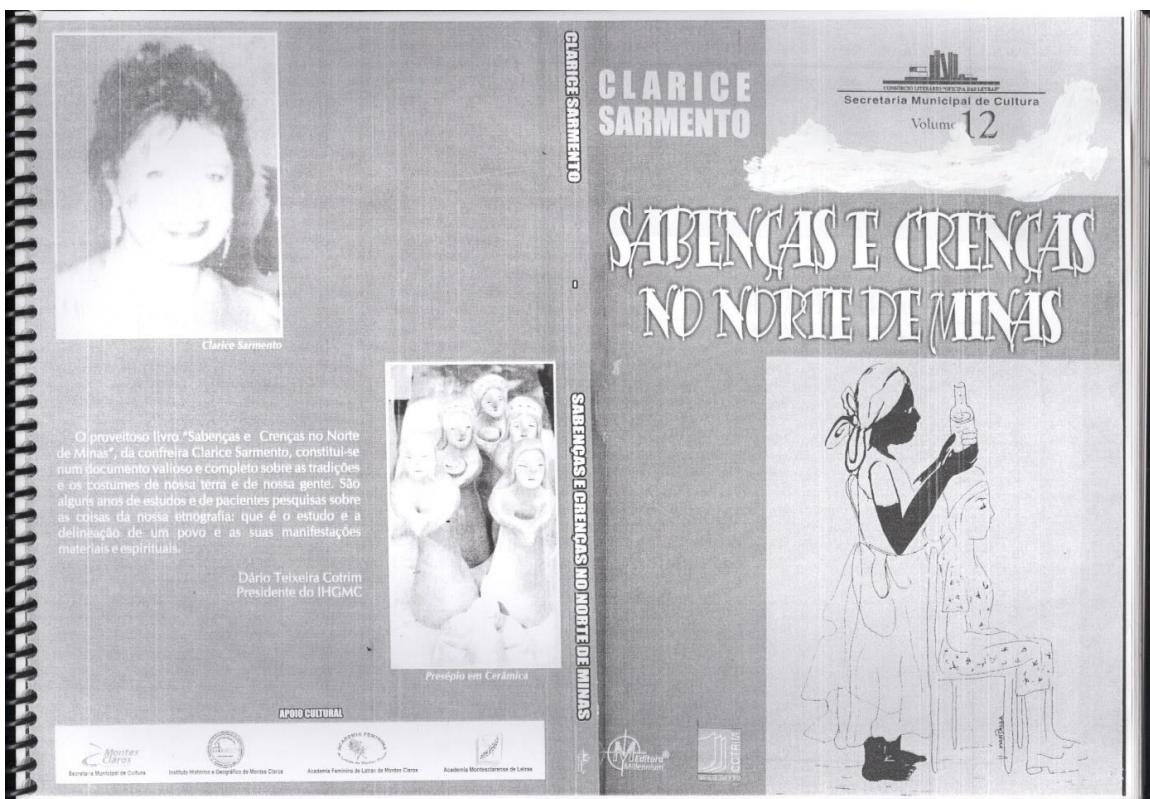


Figura 44 - Capa do Livro - Lirica e Humor do Sertão

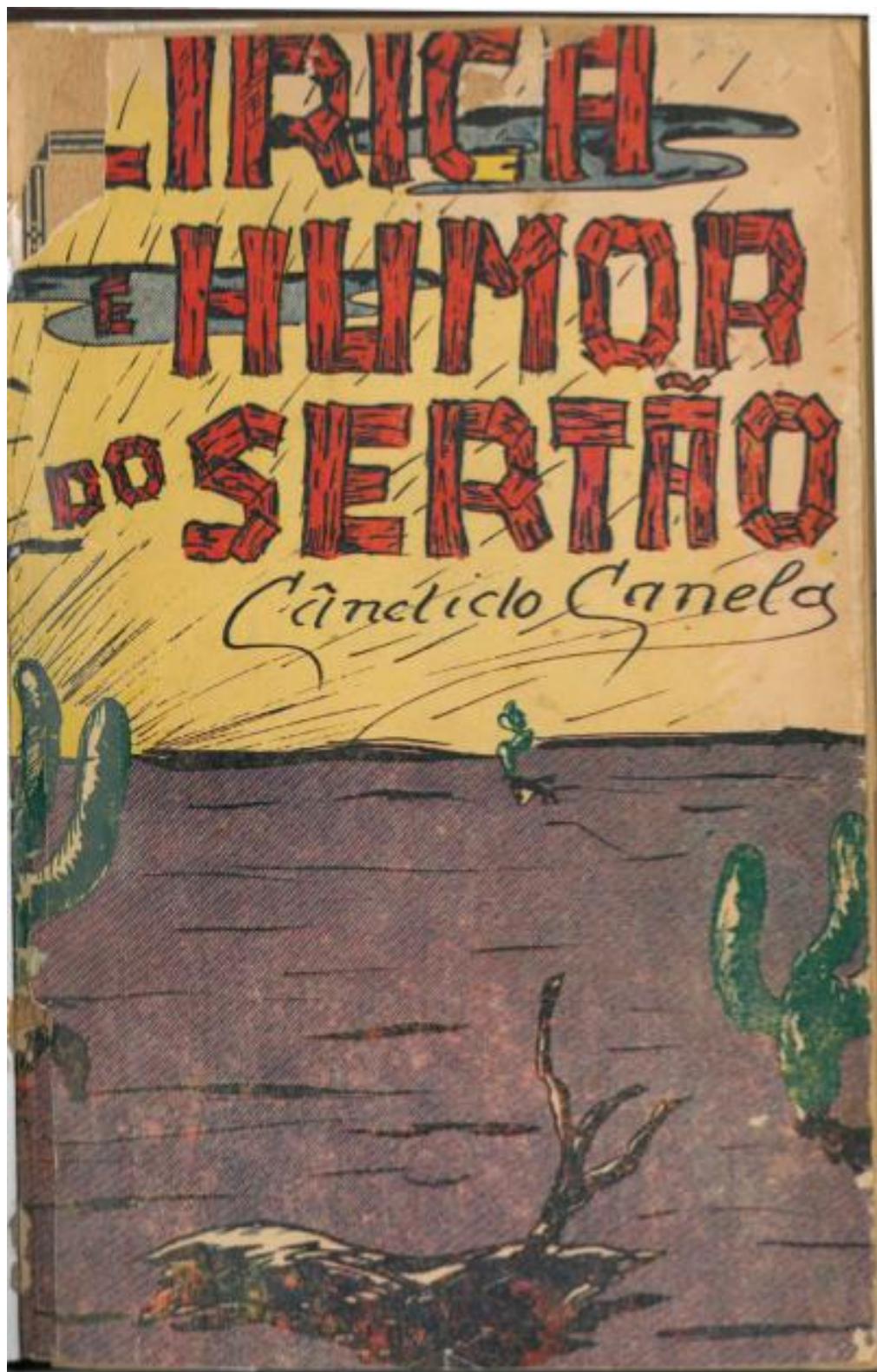


Figura 45 - Capa do Livro - Catrulmano

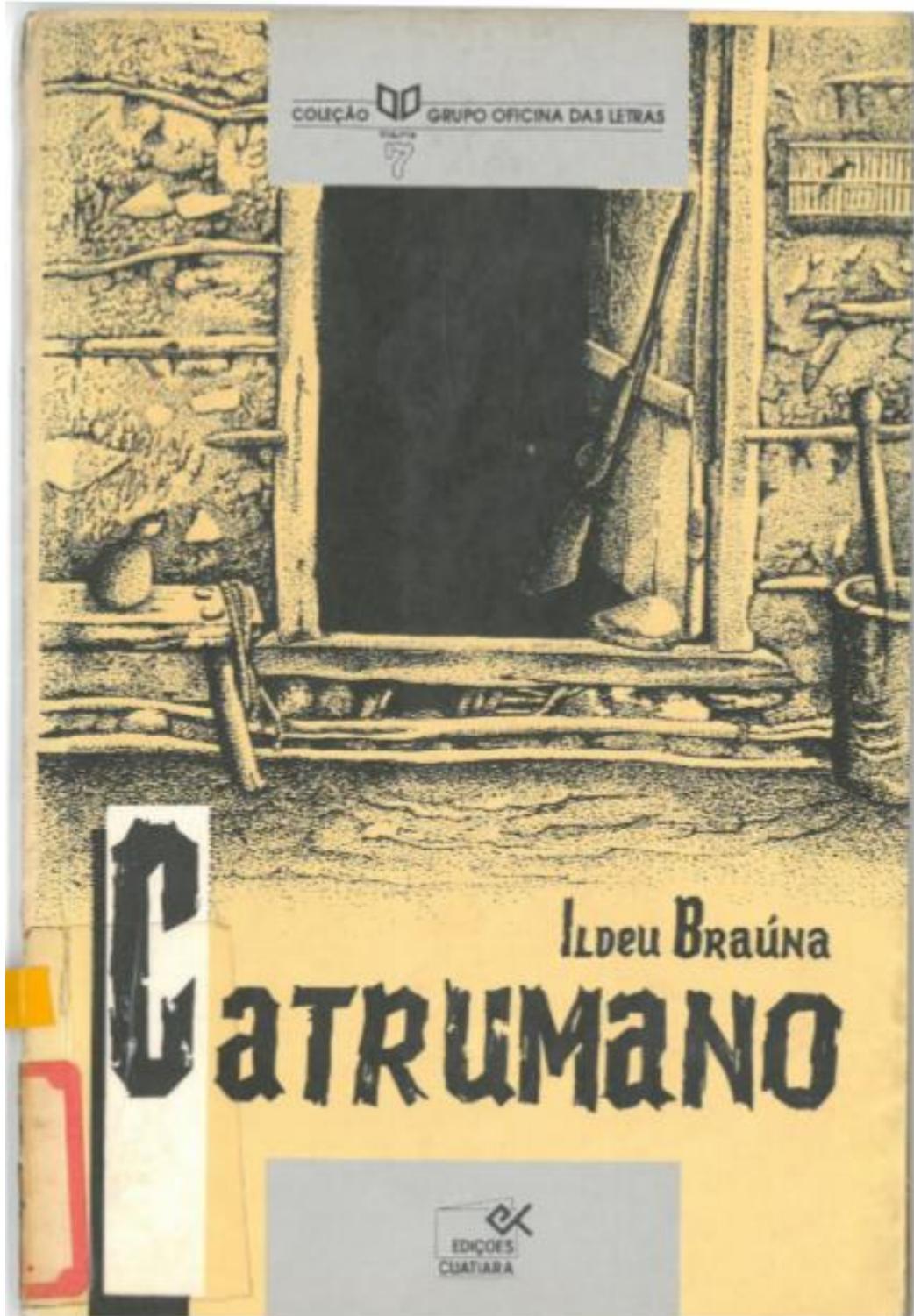


Figura 46 - Capa do Livro - Rua do Vai Quem Quer

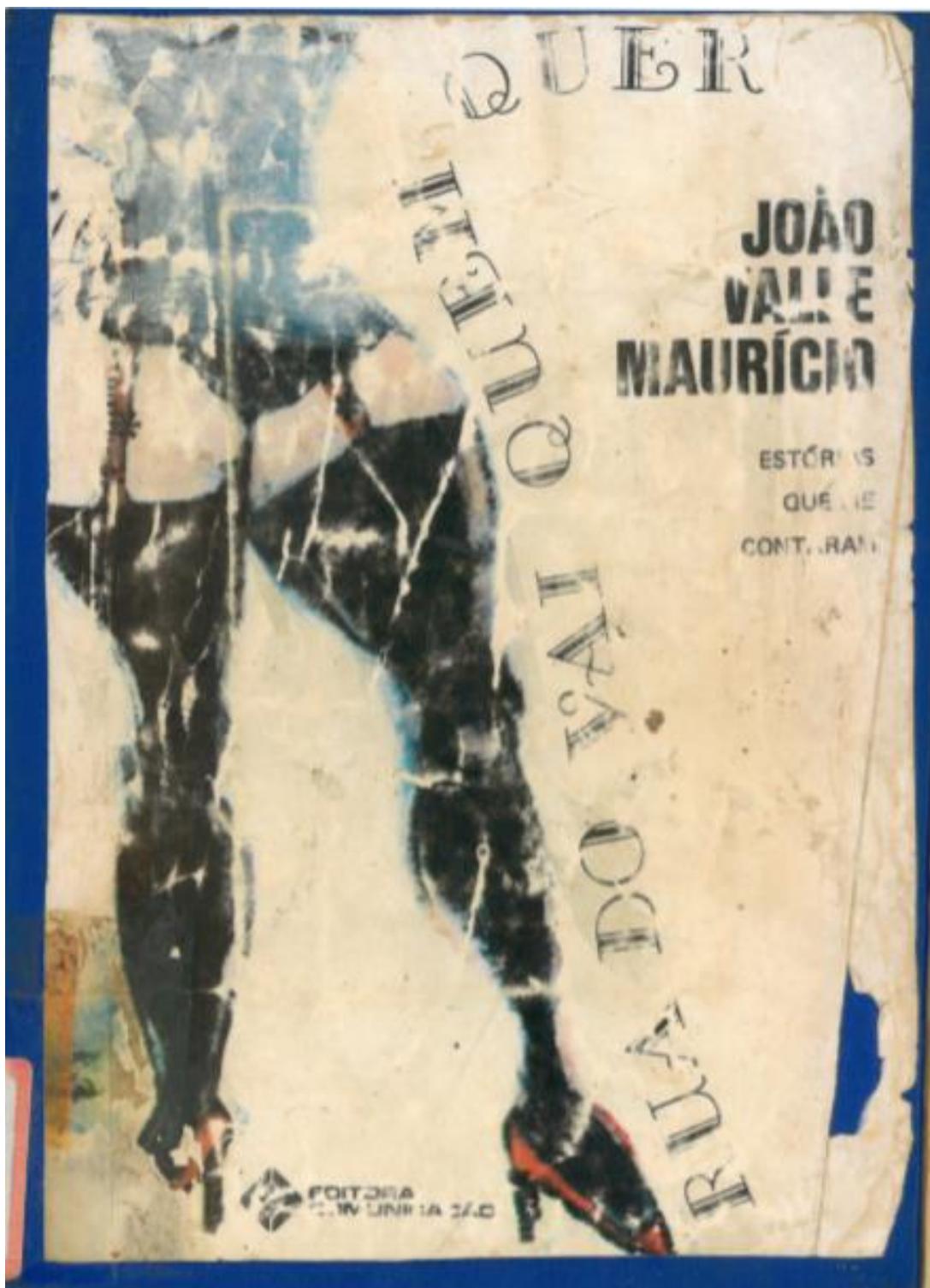


Figura 47 - Capa do Livro - Janela do Sobrado

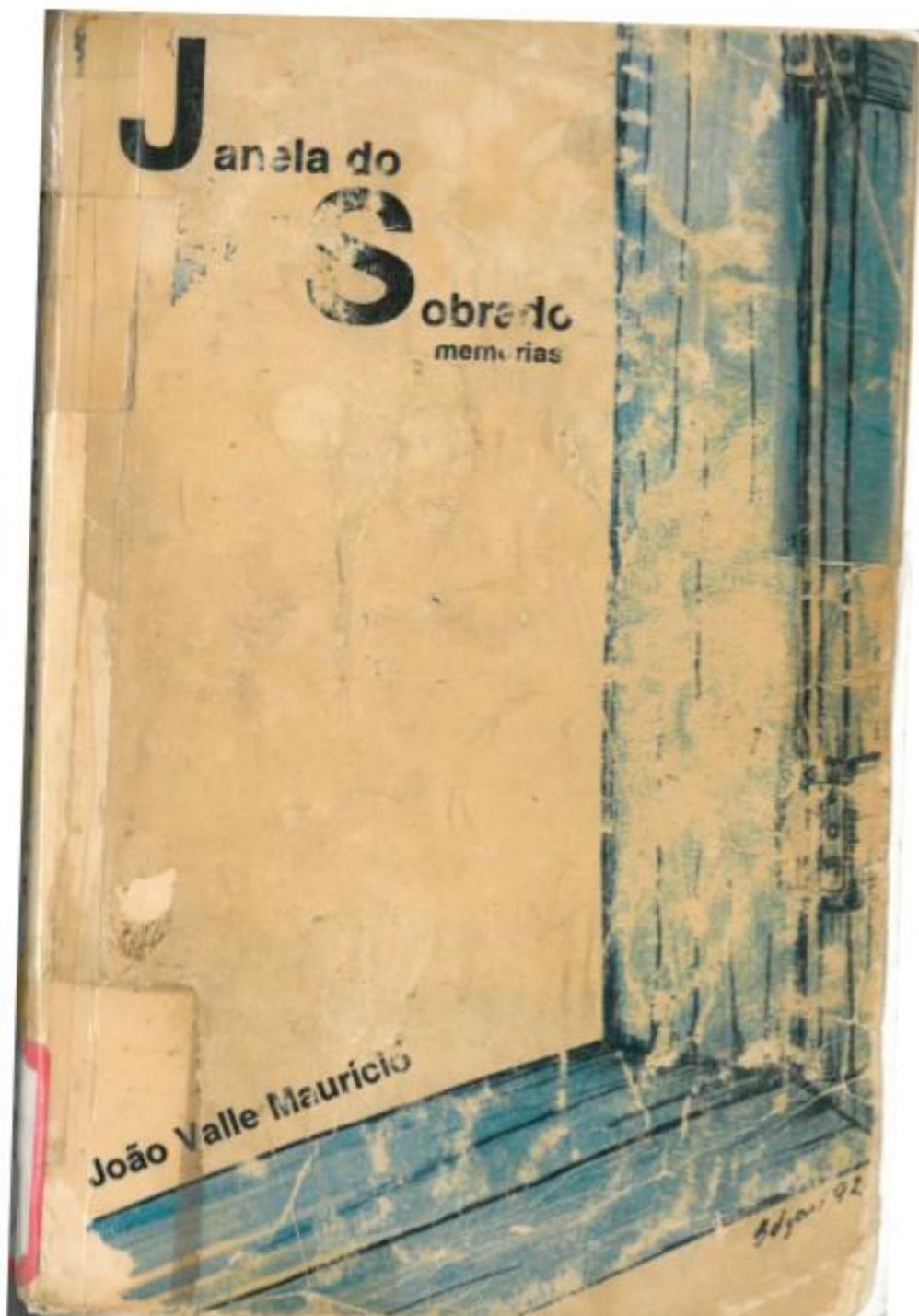


Figura 48 - Capa do Livro - No Meu Rio Tem Mãe D'água



Figura 49 - Capa do Livro - Quarenta Anos de Sertão

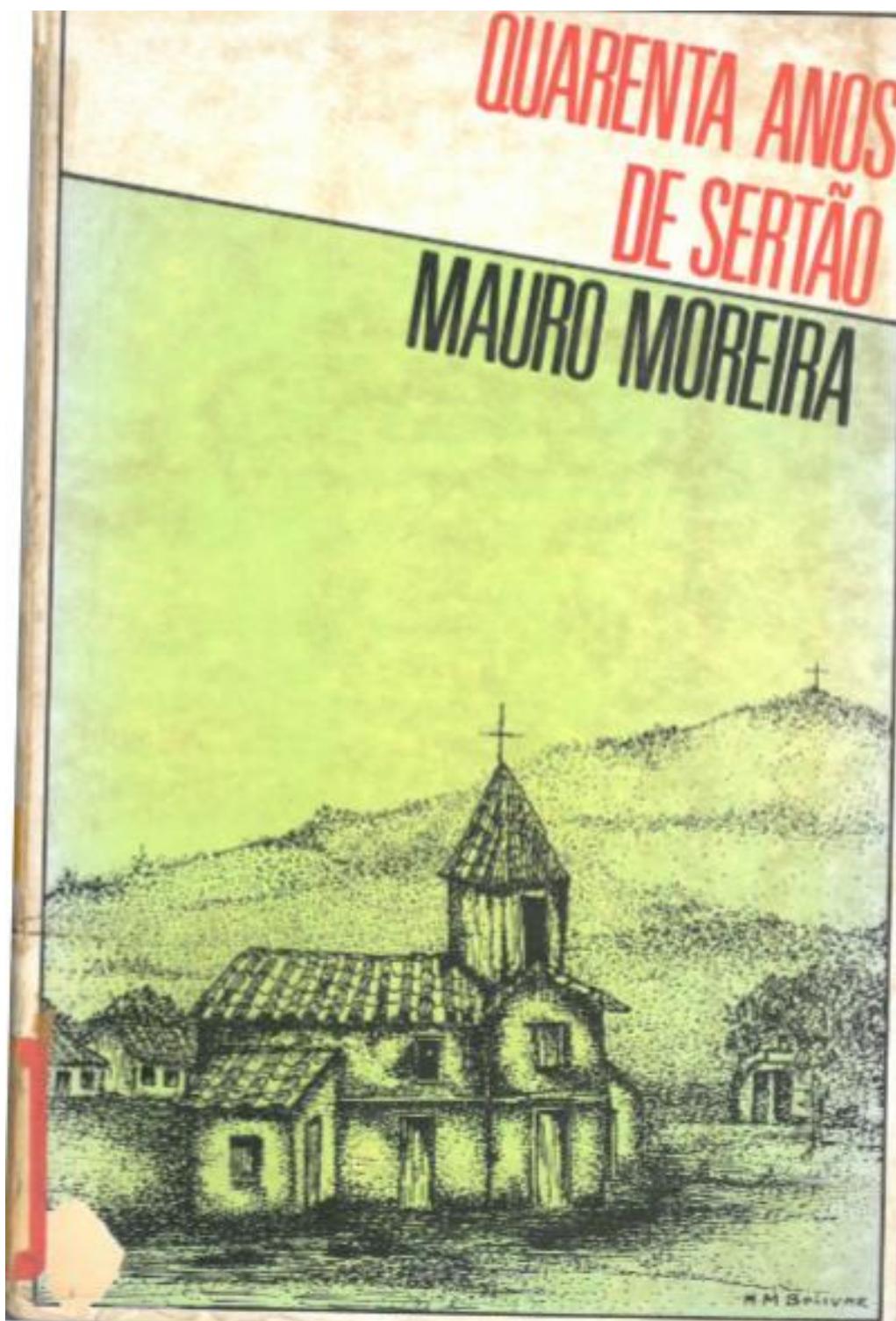


Figura 50 - Capa do Livro - Migo

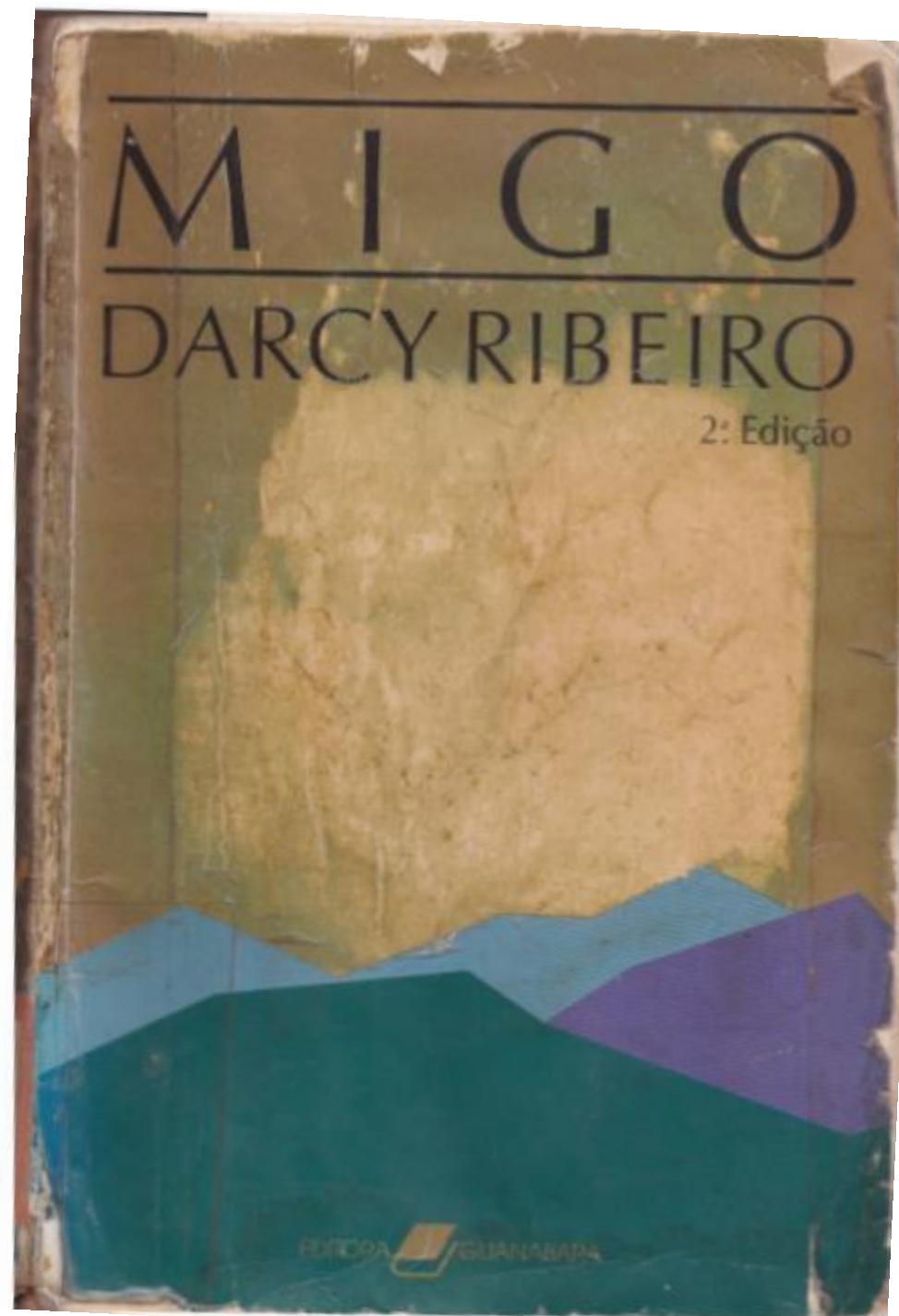


Figura 51 - Capa do Livro -O Sertão Norte-Mineiro



**Figura 52** - Capa do Livro - Folclore: Teoria e Método



**Figura 53 - Capa Coletânea - Grupo Agreste**



**Figura 54 - Elcio Lucas - Vago Universo**



Figura 55 - Capa Coletânea - Grupo Raízes



Figura 56 - Maria y Boavista - Sertão Geraes



Figura 57 - Zé Côco Do Riachão "Vôo das garças"

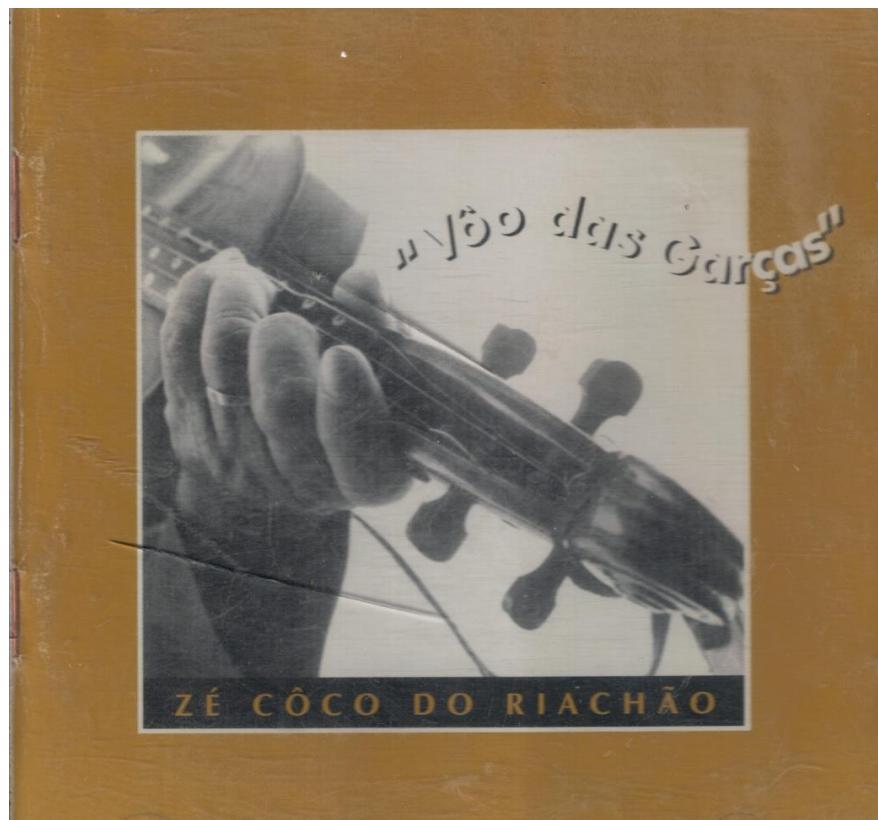


Figura 58 - Maia y Boavistas – Catrulmano “Homenagem a Charles Boavista”

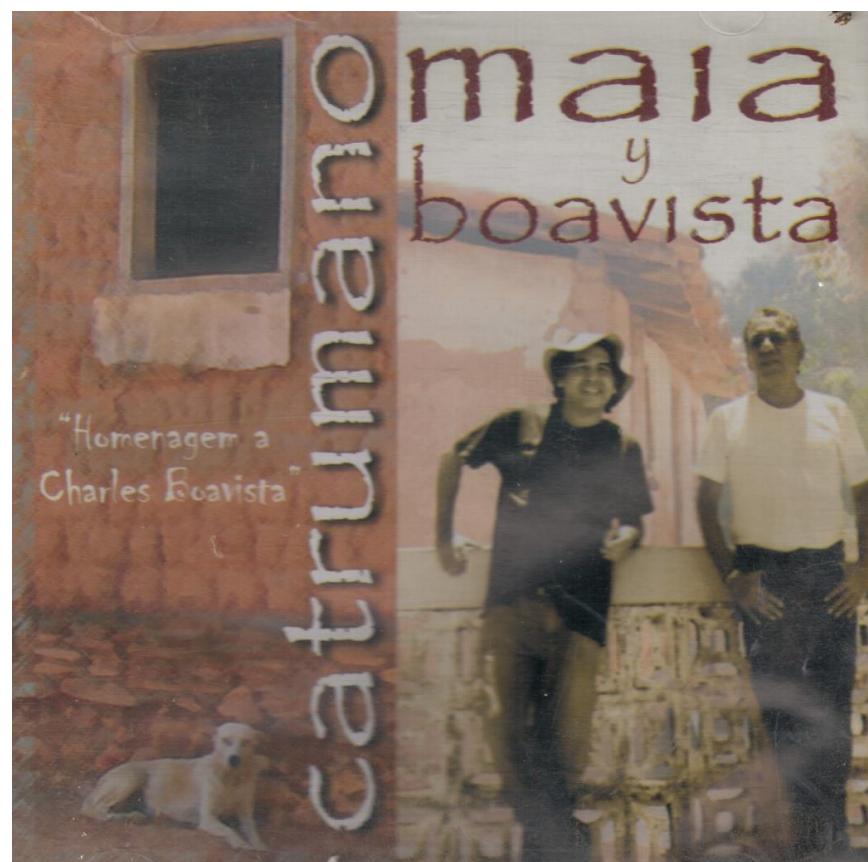


Figura 59 - Téo Azevedo - Cantador de Alto Belo - Estado São Francisco

